



F. W. J. SCHELLING

EXPOSIÇÃO DO MEU
SISTEMA DA FILOSOFIA



CLANDESTINA

Exposição do meu sistema da filosofia

Friedrich Wilhelm Joseph Schelling

Exposição do meu sistema da filosofia

Friedrich Wilhelm Joseph Schelling

Tradução, introdução e notas de

Luis Fellipe Garcia

Editora Clandestina Ltda.

Editora Clandestina São Paulo, SP
e-mail: editora.clandestina@gmail.com
site: aclandestina.com.br

Corpo Editorial

Juliana Ferraci Martone

Luís Fernandes dos Santos Nascimento

Márcio Suzuki

Mario Spezzapria

Oliver Tolle

Pedro Fernandes Galé

Vinicius de Figueiredo

Preparação: Rodney Ferreira

Projeto Gráfico: Editora Clandestina Ltda.

Capa: Juliana Ferraci Martone

T 651n

Schelling, Friedrich W. J. (1775-1854)

Exposição do meu sistema da filosofia;

introdução, tradução e notas de Luis Fellipe Garcia.

- São Paulo: Editora Clandestina, 2020. p. 250.

ISBN 978-65-00-13367-7

1. Filosofia. 2. Idealismo alemão.

1. Título

CDD: 190

Sumário

Introdução histórico-sistemática	7
Exposição do meu sistema da filosofia	45

Introdução

histórico-sistemática

I - Sobre a obra traduzida

No dia 30 de julho de 1805, Schelling escreve em carta ao seu amigo e conterrâneo Carl August Eschenmayer que “desde que a luz da filosofia” lhe apareceu quando da publicação “dos conhecidos aforismos” de 1801, ele não vê a filosofia como um processo pelo qual a objetividade se constitui a partir dos modos de posição do sujeito, mas antes como uma apreensão desses modos de posição enquanto modos de posição da razão, a qual, enquanto tal, não é nem objetiva nem subjetiva (Furhmans, *Briefe III*, pp. 222 e segs.). Os “conhecidos aforismos” correspondem à *Exposição do meu sistema da*

filosofia (Darstellung meines Systems der Philosophie) de 1801, a qual constitui, segundo o próprio Schelling, a única exposição “estritamente científica” (SW X, p. 147) daquele que passaria a ser conhecido por seus contemporâneos como o sistema da filosofia de Schelling: *a filosofia da identidade*. Esta tradução disponibiliza para o público lusófono a exposição dos conhecidos aforismos.

A *Exposição do meu sistema da filosofia* foi publicada por Schelling em abril de 1801 no segundo volume da *Revista de física especulativa (Zeitschrift für spekulative Physik)*, por ele mesmo editada como um fórum de discussão sobre as teses fundamentais de sua filosofia da natureza. Dois volumes da revista, contendo dois números cada, foram publicados em 1800 e 1801 na casa editorial de Christian Ernst Gabler, sediada em Iena e Leipzig. Em função de um desentendimento entre Schelling e o editor, o terceiro número, cujo rascunho já tinha sido elaborado, não pôde ser publicado; Schelling logrou obter então um novo editor em Tübingen, Johann Friedrich Cotta, graças ao qual foi viabilizada a refundação da revista sob o título de *Nova revista de física especulativa (Neue Zeitschrift für spekulative Physik)*, da qual três números foram publicados em 1802 antes de a publicação ser definitivamente interrompida.

Para a revista, colaboraram, além do próprio Schel-

ling, o filósofo e naturalista norueguês Henrik Steffens, o médico e filósofo acima referido Carl August Eschenmayer e outros autores menos conhecidos como Johann Philipp Hoffmann. De autoria de Schelling, encontram-se nos números publicados da revista textos importantes como: a *Dedução geral do processo dinâmico ou das categorias da física* (*Allgemeine Deduction des dynamischen Processes oder der Kategorien der Physik*) publicada no primeiro volume e recentemente traduzida para o português¹; o *Anexo ao artigo do senhor Eschenmayer sobre o verdadeiro conceito da filosofia da natureza e a maneira correta de resolver os seus problemas* (*Anhang zu dem Aufsatz des Herrn Eschenmayer betreffend den wahren Begriff der Naturphilosophie und die richtige Art ihre Probleme aufzulösen*), texto do segundo volume em que Schelling defende pela primeira vez de modo explícito a prioridade da filosofia da natureza em relação à filosofia transcendental, e o qual constitui uma das principais fontes de Hegel para a sua reconstrução do sistema de Schelling em seu *Escrito da diferença* publicado no mesmo ano de 1801; e finalmente a *Exposição do meu sistema da filosofia*, a qual ocupou todo o se-

¹Schelling, F. W. J. *Dedução geral do processo dinâmico ou das categorias da física*. Trad. de Gabriel Almeida Assumpção. São Paulo: LiberArs, 2018.

gundo número do segundo volume da revista e que é aqui traduzida, bem como a sua sequência na *Exposição subsequente* (*Fernere Darstellung*) publicada já na *Nova revista* em 1802.

Após o falecimento de Schelling, seu filho, Karl Friedrich August, publicou no volume IV (páginas 107 a 212) daquela que se tornou a primeira edição padrão das obras completas de Schelling (*Friedrich Wilhelm Joseph von Schellings Sämmtliche Werke*) a *Exposição* de 1801, à qual ele acrescentou ainda, ora como notas de rodapé ora entre colchetes, as anotações e correções de punho do próprio Schelling; estas correções foram retomadas nesta tradução em notas indicadas por letras minúsculas (a, b, c...) – as notas do texto originalmente publicado por Schelling serão indicadas por um asterisco (*), ao passo que as notas do tradutor serão referidas em números cardinais (1, 2, 3...). Recentemente, a *Academia de Ciências da Baviera*, em seu monumental projeto de edição histórico-crítica das obras de Schelling, trouxe a público, no volume 10 da série I (páginas 109 a 211), a *Exposição* em uma rica edição contendo detalhadas informações sobre a publicação da *Revista de física especulativa* e sobre a gênese e recepção da *Exposição* de Schelling. A paginação das duas edições padrão, a SW do filho de Schelling e a HKA da Academia, serão

indicadas ao longo do texto a fim de facilitar o trabalho do pesquisador lusófono.

II - O contexto da composição da obra

Schelling tinha 26 anos quando publicou a *Exposição do meu sistema da filosofia*. O autor, à época ainda consideravelmente jovem, já tinha um notável percurso em filosofia. Com efeito, depois de suas primeiras publicações filosóficas *Sobre a possibilidade de uma forma da filosofia em geral* de 1794 e *Do Eu como princípio da filosofia* de 1795, nas quais se nota uma forte presença dos temas centrais da filosofia fichtiana, Schelling inicia, já em 1797, uma exploração do dinamismo da natureza a partir dos instrumentos conceituais da filosofia transcendental. Entre 1797 e 1799, ele publica três grandes obras sobre o tema (*Ideias para uma filosofia da natureza*, *Da alma do mundo* e *Primeiro esboço de um sistema da filosofia da natureza*), nas quais se propõe, de início, a simplesmente *aplicar* o instrumental da filosofia transcendental ao problema da dedução da estrutura material da natureza, o que logo o conduz a reavaliar o estatuto de tal abordagem da natureza nos termos de uma *ampliação* e, em seguida, de uma *complementação* da filosofia transcendental. Se em seu

Sistema do idealismo transcendental, publicado em 1800, Schelling já menciona o paralelismo complementar entre filosofia transcendental e filosofia da natureza e antecipa a necessidade de um sistema da filosofia capaz de articulá-las ambas em uma mesma unidade, é apenas na *Exposição* de 1801 que Schelling apresenta de fato o que ele chama de *o meu sistema da filosofia*, a saber, *a filosofia da identidade* que articula filosofia da natureza e filosofia transcendental no interior de *um sistema da filosofia enquanto tal*.

A germinação progressiva da ideia de uma filosofia capaz de integrar a filosofia transcendental e a filosofia da natureza como dois aspectos complementares de uma identidade absoluta é bem refletida nas atividades de ensino do recém nomeado professor de filosofia na Universidade de Iena. Desde a sua aula inaugural no dia 29 de outubro de 1798, Schelling dedica os seus primeiros cursos à elaboração de seu sistema de filosofia da natureza; o resultado dessas lições será a formação do material publicado em 1799 sob o título de *Primeiro esboço de um sistema da filosofia da natureza – para preleções*, uma espécie de apostila de curso onde se revela o esforço conceitual do jovem filósofo para conceber a natureza como uma unidade desdobrando-se em diferentes estágios, cujo princípio ativo é irredutível à consciência

humana. Ao *Primeiro esboço*, Schelling acrescenta uma introdução publicada algumas semanas depois sob o título longo e sugestivo de *Introdução ao primeiro esboço de um sistema da filosofia da natureza ou Sobre o conceito de física especulativa e a organização interna de um sistema desta ciência* (*Einleitung zu dem Entwurf eines Systems der Naturphilosophie oder über den Begriff der speculativen Physik und die innere Organisation eines Systems dieser Wissenschaft*). A *Introdução* formula com clareza o princípio ativo da série de estágios dinâmicos da natureza o qual perpassa todo o *Primeiro esboço* sem nunca ser formulado com precisão, a saber, a natureza como “produtividade (*natura naturans*)”, a qual, sendo irredutível ao papel de objeto da consciência humana, deve ser considerada ela mesma “como sujeito” (HKA I/8, p. 41).

A *Introdução* formula ainda o conceito que se tornará o mote da revista fundada no ano seguinte, a saber: o conceito de *física especulativa*. Schelling associa esse conceito ao “sistema da física antiga”, cuja tarefa fundamental é investigar “a causa absoluta do movimento [...] sem o qual a natureza não é em si um todo”. Esta física se distingue assim da física empírica, a qual não lida com “a fonte última do movimento”, permanecendo assim “na superfície da natureza”, “naquilo que é nela objetivo e

[que constitui] por assim dizer o seu lado exterior”; a física especulativa, ao contrário, lida “exclusivamente com as causas originárias do movimento na natureza”, buscando apreender “o seu motor [*Triebwerk*] interno e aquilo que nela não é objetivo” (HKA I/8, pp. 32-33). Ademais, se, para a física empírica (a qual lida com o lado exterior da natureza, isto é, com a relação objetiva entre movimentos secundários), a abordagem mecânica, baseada em construções matemáticas, é amplamente suficiente; para a física especulativa (a qual deve explicar não a relação mecânica entre diferentes movimentos mas a própria constituição do movimento enquanto tal) esta abordagem é insuficiente; por conseguinte, resta para a física especulativa “apenas um caminho aberto: o dinâmico”, a saber, aquele para o qual “o movimento mecânico é meramente secundário e derivado do único movimento primitivo e originário, o qual já provém dos fatores da construção de uma natureza em geral (as forças fundamentais)” (*idem*).

Se, por um lado, Schelling não hesita em denominar a sua abordagem de “spinozismo da física”, visto que ela “põe a natureza como autônoma (não na medida em que ela é produto, mas na medida em que ela é produtiva e produto)” (HKA I/8, pp. 30-31), é igualmente palpável a inspiração kantiana, oriunda sobretudo dos *Primeiros*

princípios metafísicos da ciência da natureza – obra que é posteriormente denominada por Schelling como o “lado real” adicionado por Kant “à crítica da razão teórica como o lado formal”, sem contudo alcançar “a verdadeira unidade dos princípios de ambas as partes” não podendo assim fazer a transição da “ciência da natureza para a filosofia da natureza” (SW VI, pp. 7-8). Em seus *Primeiros princípios metafísicos*, Kant afirma que apenas dois caminhos são pensáveis para a solução da tarefa, própria à filosofia da natureza, de explicar a diversidade da matéria: o caminho mecânico, que a esclarece “pela ligação do vazio absoluto com o cheio absoluto [átomos]”, e o dinâmico, que o faz “pela mera diversidade na ligação das forças originárias de repulsão e atração”; dentre os dois caminhos, Kant privilegia o dinâmico, por não se comprometer com a postulação do vazio absoluto (Kant, AA/IV, p. 532-535). O caminho trilhado por Schelling em sua abordagem dinâmica da natureza é precisamente este aqui descrito por Kant, na medida em que ele se funda sobre as relações entre as forças fundamentais de atração e repulsão. À diferença de Kant, contudo, não se trata para Schelling simplesmente de um princípio de explicação da diversidade da matéria, mas da própria produtividade da natureza enquanto *natura naturans*.

É justamente para discutir essa original concepção

de natureza formulada nos trabalhos de Schelling que é fundada em 1800 a *Revista de física especulativa*. Em seu primeiro número, encontram-se uma recensão detalhada dos trabalhos de Schelling feita pelo filósofo e naturalista norueguês Henrik Steffens, um outro texto do próprio Steffens e a *Dedução geral* de Schelling, a qual busca justamente deduzir as etapas (ou categorias) do processo autônomo pelo qual a natureza se constitui. Essa concepção da filosofia da natureza como independente conduz Schelling à distinção entre duas ciências autônomas da filosofia – a filosofia transcendental e a filosofia da natureza –, cujas relações entre si ele começa a explorar naquele mesmo ano. Isso se reflete nos cursos ministrados por Schelling em Iena no semestre de inverno de 1800; com efeito, três disciplinas são anunciadas pelo jovem professor: filosofia transcendental, filosofia da natureza e filosofia da arte². As três disciplinas correspondem precisamente às ciências fundamentais da filosofia e a seu horizonte de articulação anunciados no *Sistema do idealismo transcendental*, publicado naquele mesmo ano: a filosofia transcendental, que parte do sujeito e busca a partir daí explicar a gênese progressiva do objeto; a filosofia da natureza, que parte do objeto e

²Os cursos aparecem anunciados na *Intelligenzblatt der Allgemeinen Literatur-Zeitung*, n. 149, v. 13/09/1800, p. 1260.

busca a partir daí explicar a gênese progressiva do sujeito (HKA I/9,1, pp. 30-32); e finalmente a filosofia da arte, que indica a possibilidade reunir a produtividade da natureza à reflexão da filosofia transcendental em um todo que constitui o verdadeiro “órganon da filosofia” (HKA I/9,1, pp. 40-42).

A formulação pouco nuançada de Schelling do contraste entre filosofia transcendental e filosofia da natureza dá ensejo a mal-entendidos, e Fichte, em uma carta do dia 15 de novembro de 1800, confessa ao colega não “estar inteiramente de acordo” com essa “oposição entre filosofia transcendental e filosofia da natureza”, na medida em que não se pode dizer nem que “a coisa [...] venha à consciência” (que o objeto se torne sujeito) nem que “a consciência venha à coisa” (que o sujeito se torne objeto), uma vez que ambas são “imediatamente reunidas no Eu – o real-ideal”; em outras palavras, a operação schellingiana de derivar o sujeito do objeto (filosofia da natureza) e o objeto do sujeito (filosofia transcendental) não teria sentido, pois a própria distinção entre esses dois aspectos se faz no interior do Eu, que é ele mesmo real-ideal; por isso, complementa Fichte, o procedimento estritamente científico é apenas aquele que “faz da natureza um objeto” e que “por uma ficção [...] deixa a natureza ela mesma se construir”

(GA III/4, pp. 360-361). A objeção é clara, e Schelling a atribui à formulação pouco precisa de tal contraste em sua introdução ao *Sistema do idealismo*, na qual ele adota “o ponto de vista da consciência comum”; já do ponto de vista da consciência filosófica, argumenta Schelling, não se trata de conceber a transição da coisa à consciência (do objeto ao sujeito) ou da consciência à coisa (do sujeito ao objeto), mas antes de conceber a transição entre dois polos que são ambos real-ideal: o real-ideal enquanto natureza, o “Eu produtor”; e o real-ideal enquanto autoconsciência, “o Eu da intuição intelectual” (GA III/4, pp. 362-363). Em outras palavras, como explicará Schelling em seu *Anexo ao artigo do senhor Eschenmayer* publicado no segundo número da *Revista de física especulativa* no ano seguinte, não se trata de acompanhar o engendramento do sujeito a partir do objeto ou do objeto a partir do sujeito, mas antes de buscar compreender a gênese do “sujeito-objeto da consciência = Eu” (sujeito-objeto subjetivo) a partir do “sujeito-objeto puro = Natureza” (sujeito-objeto objetivo) – do mesmo modo como a filosofia transcendental busca reconstruir o movimento inverso (HKA I/10, p. 90).

Essa associação do real-ideal tanto ao Eu da autoconsciência quanto à natureza abre caminho para a busca

de uma filosofia capaz de conceber o sujeito-objeto nem como subjetivo (como o faz a filosofia transcendental) nem como objetivo (como o faz a filosofia da natureza), mas como indiferente a ambos e simplesmente idêntico a si mesmo enquanto sujeito-objetividade – eis o princípio da filosofia da identidade. Assim, no dia 21 de março de 1801 Schelling anuncia para o semestre de verão vindouro a disciplina “sistema de toda a filosofia”, a qual substitui os cursos da filosofia da natureza e filosofia transcendental não ministrados naquele semestre³; um mês depois é publicado o segundo número do segundo volume da *Revista de física especulativa* contendo a *Exposição do meu sistema da filosofia* cujo título não deixa espaço a ambiguidades: não se trata da filosofia transcendental de Kant e Fichte, mas da filosofia de Schelling, a filosofia da identidade.

III - As fontes conceituais do texto

As fontes filosóficas mais imediatamente notáveis da *Exposição* são sem dúvida a filosofia transcendental de

³Os cursos de Schelling do semestre de verão de 1801 aparecem anunciados na *Intelligenzblatt der Allgemeinen Literatur-Zeitung*, n. 54, v. 21/03/1801, p. 436; além do *Sistema de toda a filosofia*, Schelling ministra ainda no mesmo semestre as disciplinas de *Propedêutica à filosofia e Filosofia da arte*.

Kant e Fichte e o sistema de Spinoza. Como já notado acima, Schelling ocupava-se intensamente desde 1797 com a filosofia da natureza, a qual vai aos poucos sendo concebida como uma espécie de contraparte realista do idealismo transcendental. Bem entendido, este *real* da contraparte realista não é ele mesmo entendido como algo inerte inteiramente oposto à autonomia ativa da consciência, mas antes como algo em si mesmo ativo, um real dinâmico. Esses dois aspectos vão sendo aos poucos compostos em um horizonte de articulação do todo, para cuja realização Schelling encontrará em Spinoza um instrumento conceitual fundamental: o conceito de substância como unidade e totalidade. A importância desse conceito para Schelling já se revela desde o início de seu percurso filosófico; com efeito, desde a célebre carta a Hegel de fevereiro de 1795 em que Schelling anuncia “eu [...] me tornei spinozista” pois se “para Spinoza, o mundo (o objeto simplesmente) era tudo; para mim, é o Eu”⁴, passando pela compreensão do Eu como a substância na qual tudo inere (HKA I/2, p. 119), assim como pelo spinozismo da física acima descrito, Spinoza se torna para Schelling a grande referência para

⁴Cf. Frank, M. & Kurz, G. (ed.) *Materialien zu Schellings philosophischen Anfängen*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1975, p. 126.

a construção de uma abordagem sistemática do todo⁵. Este todo, bem entendido, não é simplesmente compreendido como um todo geométrico inerte, mas como um todo dinâmico, cujos desdobramentos ativos devem ser reconstruídos pela filosofia; em outras palavras, o todo não é “objeto simplesmente”, como dizia Schelling na sua carta a Hegel, mas também sujeito⁶.

⁵Uma excelente fonte para aprofundamento da investigação sobre a importância de Spinoza nesta fase do pensamento de Schelling é o estudo de Klaus-Jürgen Grün *Das Erwachen der Materie – Studie über die spinozistischen Gehalte der Naturphilosophie Schellings*. Hildesheim: Georg Olms, 1993.

⁶Desde as obras de Gotthold Ephraim Lessing e da célebre querela do panteísmo protagonizada por Friedrich Heinrich Jacobi e Moses Mendelssohn, Spinoza ocupou uma posição de destaque no debate e no desenvolvimento da filosofia clássica alemã, a ponto de Ludwig Feuerbach dizer alguns anos depois que “Spinoza é o criador da filosofia especulativa moderna, Schelling seu reabilitador e Hegel aquele que a completou” (Feuerbach, L. “Vorläufige Thesen zur Reform der Philosophie”. In: *Kleine philosophische Schriften*. Leipzig: Felix Meiner, 1950, p. 55). Para a recepção schellingiana de Spinoza, dois autores que participaram indiretamente da querela do panteísmo foram fundamentais: Johann Gottfried Herder e Johann Wolfgang von Goethe. A importância de Herder para Schelling deriva de sua tentativa de dinamização do spinozismo por meio da substituição do conceito de substância pelo conceito de “força originária de todas as forças [*Urkraft aller Kräfte*]” em seu diálogo *Gott. Einige Gespräche über Spinozas System, nebst Shaftesbury’s Naturhymnus* (Herder, *Werke 1c*, p. 764); tal transformação do spinozismo em uma espécie de pandinamismo terá um impacto importante sobre o desenvolvimento da abordagem dinâmica de Schelling. A importância de Goethe, por outro lado, é oriunda da aplicação goethiana da compreensão

Sabe-se que Schelling tomou emprestado de Goethe um volume da *Ética* de Spinoza durante o período de composição da *Exposição*, empréstimo do qual ele inclusive solicitou uma renovação para a composição da *Exposição subsequente*⁷. E, de fato, as marcas da *Ética* se fazem notar ao longo dos aforismos, não apenas do ponto de vista do método, o qual comentaremos na última seção da introdução, mas também do conteúdo, em particular no que diz respeito à concepção spinozista do Absoluto. Ao longo da tradução, chamaremos a atenção para o notável paralelismo entre os aforismos iniciais sobre a identidade absoluta e as proposições da

spinozista da unidade do todo às investigações sobre a natureza, de modo a tentar, nas palavras de Goethe, conceber “Deus na natureza e a natureza em Deus” (Goethe, *Werke* 10, p. 511). Para uma excelente reconstrução do impacto da recepção de Spinoza na Alemanha, ver: Solé, M. J. *Spinoza en Alemania (1670-1789) – historia de la santificación de un filósofo maldito*. Córdoba: Brujas, 2011.

⁷No dia 27 de fevereiro de 1801, pouco menos de 2 meses antes da publicação da *Exposição*, Schelling escreve a Goethe: “No momento de sair, esqueci-me do Spinoza que você foi tão amável de me emprestar, reservo-me o direito de fazer uso de sua bondade e levá-lo da próxima que eu vier a Weimar” (HKA III/2, 1801.02.27-2); e no dia 25 de maio do mesmo ano, pouco mais de um mês depois da publicação da *Exposição*, escreve Schelling novamente: “Devo pedir-lhe perdão por estar até hoje com [o seu exemplar d]o Spinoza. Se por acaso suceder que você não pensa precisar dele agora, tomo então a liberdade de solicitá-lo para o período da elaboração da sequência da minha *Exposição*” (HKA III/2, 1801.05.25).

Ética de Spinoza sobre a substância, dado que Schelling a descreve como: aquela na qual tudo é (§ 2) sendo portanto una (§ 3), cujo ser pertence à essência (§ 8, ad. 1), eterna (§ 8, ad. 2), infinita (§ 10) e causa imanente de tudo o mais (§ 14, esc.). Ademais, essa associação entre a identidade absoluta e a substância spinozista desdobra-se, como se vê na sequência do argumento de Schelling, em uma identidade dos “atributos spinozistas da substância absoluta” (§ 44, obs. I): pensamento = extensão; o que no vocabulário de Schelling corresponde à notação $A = B$.

A identidade absoluta, contudo, não é simplesmente a substância spinozista entendida como identidade pensamento = extensão, ela é também a identidade formulada pela filosofia transcendental, especialmente por Fichte, a saber a identidade enquanto conhecer = ser, ou mais precisamente, sujeito = objeto. A identidade $S=O$ é formulada por Fichte como princípio fundamental da filosofia no primeiro parágrafo de sua célebre *Grundlage der gesammten Wissenschaftslehre*, onde o Eu, o qual é simultaneamente sujeito (aquele que se põe, o poente) e objeto (aquele que é posto), é concebido como verdadeiro alicerce de todo o saber. Por isso, a identidade absoluta contém traços importantes do primeiro princípio fichtiano: ela é a razão enquanto sujeito e objeto

(§ 1), que se manifesta na lei da identidade (§ 4), que pode ser entendida como uma identidade entre sujeito e predicado (§ 5), da qual apenas a cópula é afirmada (§ 6) e que possui uma relação a si mesma que se revela sob a forma de um autoconhecimento (§ 20). Tal influência do primeiro princípio fichtiano sobre esta concepção da identidade absoluta será igualmente destacada nas notas acrescidas à tradução.

A identidade schellingiana aparece assim em um primeiro momento como uma identidade que é simultaneamente substância no sentido spinozista (na qual: pensamento = extensão) e egoidade no sentido fichtiano (no qual: sujeito = objeto); por isso, tantos de seus contemporâneos não hesitaram em chamar os seus aforismos de Schelling de “uma articulação de Spinoza e de Fichte”⁸. A presença marcante destes dois filósofos não

⁸Jakob Friedrich Fries, ele mesmo fundador de uma filosofia matemática da natureza, chama a *Exposição* de Schelling de “uma união de Spinoza e Fichte (= Leibniz)” (cf. Carta de J. F. Fries para Karl von Zezschwitz no verão de 1801. In: *Jakob Friedrich Fries. Aus seinem handschriftlichen Nachlasse dargestellt*, ed. por Ludwig Theodor Henke. Leipzig, 1867, pp. 75 e segs.); Reinhold chama o sistema da identidade de “fichtianismo spinozista e spinozismo fichtiano” (Reinhold, K. L. (ed.) *Beyträge zur leichtern Übersicht des Zustandes der Philosophie bey dem Anfange des 19. Jahrhunderts*, n. 3, 1802, p. VIII); para Johann Carl Glaser, em um texto publicado alguns anos mais tarde, “Fichte forneceu a forma à filosofia de Schelling, e Spinoza, por intermédio de Jacobi,

ofusca contudo a importância fundamental de outros autores na gênese dos aforismos. Assim, o conceito de *matéria*, o qual constitui um conceito estruturante da *Exposição* na medida em que ele opera a articulação entre as duas partes do texto (a filosofia da identidade, §§ 1-51; e a filosofia da natureza, §§ 52-159), deriva sobretudo de autores como Kant, Herder, Leibniz e Platão.

Desde os seus estudos de juventude em Tübingen, Schelling esteve fascinado pelo *Timeu* de Platão, obra da qual ele inclusive escreveu um comentário recentemente editado por Hartmut Buchner⁹. O que desde cedo capturou a atenção do jovem filósofo foi: por um lado, a concepção dinâmica do todo, da qual ele extrairá o conceito que servirá de título para uma de suas obras mais conhecidas de filosofia natureza (*Da alma do mundo - uma hipótese da física superior para a explicação do organismo universal*)¹⁰; e, por outro, a formulação platô-

[forneceu] o conteúdo” (Glaser, J. C. *Differenz der Schelling’schen und Hegel’schen Philosophie*. Leipzig: Otto Wigand, 1842, p. 207).

⁹Schelling, F. W. J. *Timaeus (1794)*. Ed. por Hartmut Buchner. Stuttgart: Frommann-Holzboog, 1994.

¹⁰Para um estudo detalhado do impacto dos estudos platônicos de Schelling na gênese de sua filosofia da natureza, ver Franz. M. *Schellings Tübinger Platon-Studien*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1995.

nica do terceiro princípio ontológico como uma espécie de meio-termo entre o sensível e o inteligível, contendo assim características de ambos; tal princípio denominado por Platão de $\chi\acute{\omega}\rho\alpha$ (e cuja tradução tem oscilado na tradição de recepção da obra entre “lugar”, “espaço”, “terreno”) serve de fonte à concepção schellingiana de matéria como algo “receptível a toda forma” (HKA I/5, p. 179). Além dessa receptibilidade, Schelling concebe a matéria igualmente como um princípio contendo uma dimensão do inteligível que se manifesta como um dinamismo interno de autoconstrução, produzindo assim de modo imanente as suas próprias diferenciações internas – como que movida por uma espécie de alma imanente. O objetivo de toda a filosofia da natureza, como Schelling já o anuncia em sua *Dedução geral*, é refazer esse percurso de autoconstrução da matéria (HKA I/8, p. 297). Tal autoconstruir-se, que é ele mesmo um processo dinâmico (HKA I/8, p. 298), ocorre em função da relação constitutiva entre a matéria e a força, a qual constitui a “própria identidade absoluta” enquanto “fundamento imanente da realidade” (*Exposição*, § 52).

Uma das importantes fontes para a compreensão schellingiana da relação entre o todo material e as forças a ele subjacentes é Johann Gottfried Herder, que, em seu conhecido diálogo *Gott. Einige Gespräche*, reinter-

preta o sistema de Spinoza a partir de uma perspectiva dinâmica, segundo a qual o todo seria um sistema de forças, fundado em uma espécie força originária. A essa força, Herder associa o termo, caro a Schelling, de “alma do mundo [*Weltseele*]”¹¹. Apesar de indícios concretos desta influência herderiana, o autor é pouco citado diretamente por Schelling¹². O mesmo não ocorre com Leibniz, cuja visível influência sobre as filosofias da natureza e da identidade é explicitamente reconhecida por Schelling, que lhe atribui o mérito de ter realizado uma espiritualização do todo, pela qual mesmo a extensão é compreendida como um desdobramento da substância espiritual (SW X, p. 48); Leibniz pode ser considerado como uma das principais fontes da concepção schellingiana de matéria enquanto manifestação de um dinamismo interno; assim, lemos por exemplo no *Sistema do idealismo transcendental*, publicado um ano antes da *Exposição*, Schelling atribuir a Leibniz a concepção de matéria como “estado adormecido da mônada”, o que na leitura de Schelling significa conceber a matéria como “espírito coagulado” ou, ainda, como “o espírito intuído

¹¹Herder, *Werke 1c*, p. 764.

¹²Para uma reconstrução do impacto da leitura herderiana de Spinoza sobre a filosofia de Schelling, ver o livro já citado de Klaus-Jürgen Grün, *Das Erwachen der Materie*, esp. pp. 52-57.

no equilíbrio de suas atividades” (HKA I/9.1, p. 149)¹³.

Uma terceira fonte para a compreensão da concepção schellingiana da relação entre matéria e força é a já citada compreensão kantiana da Dinâmica em seus *Primeiros princípios metafísicos da ciência da natureza*, a qual fornece a Schelling o motor do desdobramento dinâmico da matéria, graças à formulação do papel essencial das forças de atração e repulsão no processo de gênese da diversidade da matéria. Schelling confronta-se intensamente com esta obra de Kant em suas *Ideias para uma filosofia da natureza*, na qual ele busca converter a “abordagem analítica do conceito de matéria” fornecida pelos *Primeiros princípios metafísicos* em uma abordagem sintética capaz de explicar a própria gênese da matéria a partir do conflito entre as forças de atração e repulsão (HKA I/5, p. 220)¹⁴. De modo significativo,

¹³Para um estudo aprofundado das relações entre Leibniz e Schelling, ver: Holz, H. H. “Der Begriff der Natur in Schellings spekulativem System. Zum Einfluß von Leibniz auf Schelling”. In: *Natur und geschichtlicher Prozeß. Studien zur Naturphilosophie F.W.J. Schellings*, ed. por Hans Jörg Sandkühler. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1984, pp. 202-226; e Rudolphi, M. *Produktion und Konstruktion. Zur Genese der Naturphilosophie in Schellings Frühwerk*. Stuttgart: Frommann-Holzboog, 2001.

¹⁴Para uma reconstrução das relações entre as *Ideias para uma filosofia da natureza* de Schelling e os *Primeiros princípios metafísicos* de Kant, ver o artigo de George di Giovanni: “Kant’s Metaphysics of Nature and Schelling’s Ideas for a Philosophy of

Schelling associa na *Exposição* os atributos A e B (que são, como vimos acima, os atributos da substância spinozista) respectivamente às forças atrativa e expansiva (§ 53, ad. 3), e prossegue a sua dedução das múltiplas auto-diferenciações do todo a partir do conflito entre estas duas forças. Não é um exagero dizer, assim, que a dinamização do todo spinozista passa, em Schelling, pela recepção dos *Primeiros princípios metafísicos* de Kant. Curiosamente, a apreensão desse conflito de forças como princípio de dinamização do todo é justamente o que fez com que Schelling afirmasse três anos antes da publicação de sua *Exposição* que “estas forças conflitantes, representadas simultaneamente em unidade e em conflito” correspondem talvez àquilo “que os antigos queriam assinalar com [a expressão] *alma do mundo*” (HKA I/6, p. 77)¹⁵.

Nature”. In: *Journal of the History of Philosophy*, vol. 17, n. 2, 1979, pp. 197-215.

¹⁵Tal compreensão do todo material sugere a presença de uma espécie de dialética da natureza em Schelling, dado que os desdobramentos são oriundos dos diferentes estágios nos quais essa unidade conflitante se reconfigura a partir de seu conflito interno. Para uma introdução a esta dimensão da abordagem schellingiana, ver: Förster, W. “Schelling als Theoretiker der Dialektik der Natur”. In: *Natur und geschichtlicher Prozeß. Studien zur Naturphilosophie F.W.J. Schellings*, ed. por Hans Jörg Sandkühler. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1984, pp. 175-201.

O conceito que fornece a Schelling o fio condutor entre a identidade, a matéria e os diferentes processos de auto-diferenciação que ocorrem no interior desta, é o conceito de *potência*. Tal conceito aparece pela primeira vez em *Da alma do mundo* em conexão com a leitura schellingiana dos escritos do médico escocês John Brown; a tese fundamental do sistema de medicina de Brown é que todas as doenças se fundam em última instância na relação entre a excitabilidade do organismo e os poderes de excitação (*exciting powers*) pelos quais ele é estimulado; em seu *Da alma do mundo*, Schelling identifica esses poderes de excitação como potências estimulantes (*erregende Potenzen*), as quais, pensadas como um todo, formam o conjunto “de todas as condições negativas da vida” (HKA I/6, p. 195). No *Primeiro esboço*, publicado no ano seguinte, esse conjunto de condições negativas é convertido em uma sequência de “ramificações de uma mesma força” (HKA I/7, p. 219); sequência essa que, na *Introdução ao primeiro esboço* publicada poucas semanas depois, será explicitamente associada a uma doutrina das potências. Esse desenvolvimento, que resultará na doutrina da triplicidade das potências formulada com precisão na *Exposição* aqui traduzida (P1, processo de construção da matéria; P2, processo de auto-diferenciação da matéria ou processo dinâmico;

e P3, processo orgânico), é diretamente influenciado, como observa Hegel em suas *Lições sobre a história da filosofia*, pelas leituras schellingianas dos trabalhos de Eschenmayer¹⁶. O texto central para compreender esta gênese da doutrina das potências é o ensaio *Dedução do organismo vivo*, publicado por Eschenmayer em 1799 e citado pelo próprio Schelling no prefácio da *Exposição* (HKA I/10, p. 115); neste pequeno ensaio, Eschenmayer considera a consciência como uma série composta por diferentes modos de compor A (produção infinita) e B (reflexão infinita); nessas composições, B permanece sempre constante, “ao passo que A é elevado a potências negativas ou positivas de alguma uma grandeza = x”, de modo que a série da consciência seria algo como “ $A^{-\infty}B...$, $A^{-n}B...$, $A^{-2}B$, $A^{-1}B$, A^0B , $A^{+1}B$, $A^{+2}B$, $A^{+n}B...$, $A^{+\infty}B$ ”, na qual cada potência representaria um modo de manifestação da consciência¹⁷. Em sua *Exposição*, Schelling retomará essa série de potências da consciência como série de potências da natureza, visando assim a elevar a abordagem puramente idealista

¹⁶Hegel, G. W. F. *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie III*, Werke 20. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986, p. 453.

¹⁷Eschenmayer, Carl August von. “Deduktion des lebenden Organismus”. In: *Magazin zur Vervollkommnung der theoretischen und praktischen Heilkunde*, ed. por Andreas Röschlaub, vol. 2, n. 3, pp. 329-390, esp. pp. 345 e segs.

de Eschenmayer a uma abordagem na qual realismo e idealismo são combinados e articulados no seio da identidade absoluta.

Dois conceitos cuja articulação deriva dos trabalhos de Johann Wolfgang von Goethe permitem a Schelling elaborar a sua compreensão da transição entre as potências: o conceito de *metamorfose* e o conceito de *polaridade*. O primeiro fornece a Schelling um paradigma de compreensão do modo como diferentes estágios do desenvolvimento do todo podem fundar-se em um estágio germinal inicial contendo os princípios fundamentais a partir dos quais tudo o mais provém; trata-se, nas palavras de Goethe, de uma “metamorfose progressiva” que “pela transformação de uma forma em outra, e por meio de uma por assim dizer escada espiritual, sobe até o topo da natureza até a procriação pelos dois sexos”¹⁸; Schelling expande esse conceito aplicado por Goethe à natureza orgânica para a totalidade da natureza, de modo que, como ele o afirma em seu *Primeiro esboço* “toda a natureza produtiva não é originariamente nada mais do que uma metamorfose desdobrando-se ao infinito” (HKA I/7, p. 284). O motor dessa transformação infinita é o já mencionado conflito entre forças opostas

¹⁸Goethe, J. W. von. *Versuch, die Metamorphose der Pflanzen zu erklären*. Gotha: Carl Wilhelm Ettinger, 1790, pp. 2-3.

extraído sobretudo dos *Primeiros princípios metafísicos* de Kant; contudo, para que essa estratégia funcione, é preciso encontrar uma manifestação desse conflito de opostos em todas as potências da natureza, e é aqui que entra o segundo conceito que Schelling desenvolve em diálogo com os trabalhos de Goethe, o conceito de *polaridade*. O conflito de opostos se manifesta em toda a natureza no fenômeno da polaridade, presente no magnetismo, na eletricidade, na química, nos fenômenos atmosféricos e, como defende Goethe, para o entusiasmo de Schelling, mesmo nos fenômenos prismáticos (HKA, I/7, p. 283)¹⁹.

Um último conceito que não pode deixar de ser mencionado, devido à sua importância na transição da segunda para a terceira potência (isto é, do processo dinâmico como grau mais elevado do ser inorgânico ao processo vital como estágio inicial do ser orgânico) é o conceito de *excitabilidade* ou irritabilidade (Schelling utiliza ambos aqui de modo intercambiável, apesar de ele mesmo reconhecer uma distinção entre eles – HKA

¹⁹Para compreender a centralidade do papel de Goethe, sobretudo de seu conceito de metamorfose, no desenvolvimento da abordagem schellingiana da natureza, ver Dalia Nassar “From a Philosophy of Self to a Philosophy of Nature: Goethe and the Development of Schelling’s Naturphilosophie.” In: *Archiv für Geschichte der Philosophie*, vol. 92, 2010, pp. 304-321.

I/7, p. 238) extraído das obras do médico escocês John Brown. Tal conceito, na medida em que ele articula uma dimensão imaterial (a própria capacidade de ser estimulado) a uma dimensão material (a condição material da realização de tal capacidade – o corpo), exprime, segundo Schelling, o princípio da vida, pois esta, com efeito, não é redutível nem ao puramente material nem ao puramente imaterial, mas consiste em uma combinação de ambos (HKA I/7, p. 306). A leitura que Schelling faz do princípio de Brown permite-lhe, assim, conceber uma abordagem da vida que não é nem exclusivamente materialista nem exclusivamente vitalista, mas a articulação entre sujeito e objeto em uma determinada potência.

Outras fontes que não podem ser negligenciadas são os trabalhos dos físicos empíricos e naturalistas, dentre os quais merecem destaque sobretudo os trabalhos de Henrik Steffens sobre história geológica, a concepção newtoniana da gravitação como lei universal da natureza e os experimentos de Alessandro Volta que comprovaram as relações entre química e eletricidade. Diversos outros autores e experimentos são citados e examinados, sempre com o objetivo de compreender o modo como as mais distintas manifestações naturais podem se articular em um todo que pode de fato ser chamado de Natureza,

isto é, uma pluralidade que se articula como unidade.

IV - O significado da Exposição na constelação conceitual do Idealismo Alemão

Schelling ainda é um autor relativamente desconhecido do público lusófono. Seus trabalhos, cuja originalidade tem despertado interesse sobretudo em função de sua concepção da natureza e das consequências daí extraídas para a compreensão da liberdade e do modo humano de enfrentar o mistério da existência, vêm conquistando um interesse cada vez maior no cenário internacional, em parte sem dúvida graças ao trabalho editorial da *Academia de Ciências da Baviera* iniciado em 1976 e ainda em curso. A pedra de toque para a compreensão do percurso filosófico deste “contemporâneo desconhecido” é sem dúvida o seu sistema da identidade. Com efeito, é aqui que Schelling afirma pela primeira vez a originalidade de seu projeto, não mais entendido como uma expansão ou complementação das filosofias de Kant e de Fichte, mas como uma filosofia própria buscando integrar o *idealismo transcendental* e um *realismo dinâmico* no interior de um mesmo todo, *em uma*

mesma filosofia. Tal projeto, apesar de suas transformações ao longo do percurso do autor, só será realmente abortado quando Schelling coloca em questão, já na última fase de seu trajeto filosófico, a capacidade da razão de apreender o seu próprio fundamento existencial, acarretando assim a fratura entre uma filosofia positiva da existência e uma filosofia negativa da razão.

Do ponto de vista dos estudos do idealismo alemão, é difícil exagerar a importância da *Exposição* de 1801. Com efeito, este texto, composto no auge da correspondência filosófica entre Fichte e Schelling (1800-1802), a qual culminaria na ruptura entre os dois autores, condensa de modo paradigmático os argumentos que conduzem Schelling a afirmar a originalidade de seu próprio projeto em relação à filosofia transcendental. Tal autoafirmação se faz em duas frentes. Primeiro, no que diz respeito à natureza, Schelling busca trilhar um caminho indicado por Kant nos seus *Primeiros princípios metafísicos da ciência da natureza* de 1786, a saber: apreender a matéria como um resultado das relações entre as forças dinâmicas da natureza (atração e repulsão); bem entendido, na abordagem kantiana, deduzem-se as determinações da matéria com base no conflito de forças, ao passo que Schelling busca elaborar uma dedução sintética da própria constituição da matéria enquanto

tal a partir da relação entre tais forças. A abordagem de Schelling implica assim que se atribua ao dinamismo da natureza um papel de condição de possibilidade (análogo ao transcendental kantiano) em relação à matéria; segundo Schelling, tal procedimento abre caminho para deduzir, por oposição a Fichte, a estrutura material da natureza de modo independente da estrutura judicativa do entendimento humano (GA III/4, pp. 367-368).

O segundo ponto diz respeito à filosofia como um todo; com efeito, Schelling afirma o seu projeto como uma apreensão da sujeito-objetividade não apenas enquanto egoidade, no sentido fichtiano, mas enquanto totalidade da natureza; isso implica reconhecer não apenas a dimensão objetiva da egoidade, como também a dimensão subjetiva da natureza (enquanto dinamismo autônomo); a filosofia é assim identidade sujeito-objeto que se desdobra em sujeito-objeto subjetivo (filosofia transcendental) e sujeito-objeto objetivo (filosofia da natureza). Ambas as ramificações da sujeito-objetividade constituem diferentes registros de manifestação daquilo que é; por isso, como formula o próprio Schelling em sua correspondência com Fichte, o ser não deve ser considerado como o outro da consciência, mas como algo que “não contém nenhuma oposição mais”, pois “ele é a unidade absoluta do ideal e do real” (GA III/5, p. 81).

Assim, a busca pela afirmação da independência da natureza em relação à consciência humana conduz Schelling a uma reavaliação da concepção do ser como uma unidade que funda a possibilidade de toda oposição, inclusive da oposição sujeito x objeto. Isso significa que mesmo a subjetividade humana deve ser compreendida como tendo sido engendrada no interior do desdobramento da unidade dinâmica, o que implica uma mudança de postura do sujeito cognitivo, cuja tarefa não pode mais ser compreendida como a apreensão das regras que ele mesmo prescreve para a gênese dos fenômenos, mas como a apreensão das regras pelas quais a unidade fundamental se desdobra, unidade da qual tanto a consciência quanto a natureza fazem parte enquanto diferentes potências da manifestação de um mesmo processo ou, ainda, de uma mesma história.

Tal compreensão da natureza e da consciência como distintas potências de um mesmo processo, ou como sujeito-objetividade objetiva e sujeito-objetividade subjetiva, fornece a chave de leitura a partir da qual Hegel apreenderá a diferença entre os sistemas de Fichte e de Schelling. De modo similar àquele pelo qual Schelling se compreende a si mesmo, Hegel descreve o sistema de seu ex-colega de seminário como uma complementação do sistema de Fichte, graças à qual acrescenta-se ao sujeito-

objeto subjetivo o sujeito-objeto objetivo de modo que o Absoluto possa se apresentar em ambos²⁰. Tal leitura indica a proximidade das ideias de Schelling e de Hegel nessa época, o que se corrobora pelo fato de que ambos se uniriam já no fim de 1801 para trabalharem juntos na publicação do *Kritisches Journal der Philosophie*, uma publicação editada e coordenada pelos dois e que contou com a publicação de dois volumes entre 1802 e 1803 – cuja contribuição mais célebre é o texto de Hegel *Glauben und Wissen*, recentemente traduzido para o português²¹.

Na medida em que a *Exposição do meu sistema da filosofia* constitui o momento em que a reavaliação do estatuto da natureza resulta em uma reavaliação da própria consciência humana como uma das potências do real, este texto representa um momento chave na busca da compreensão do que seria uma metafísica e uma ontologia pós-kantiana. A resposta de Schelling nesse sentido parece ser clara: a única ontologia compatível com a filosofia transcendental é uma ontologia dinâmica.

²⁰Hegel, G. W. F. *Differenz des Fichteschen und Schellingschen Systems der Philosophie*, Werke 2. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986, p. 94.

²¹Hegel, G. W. F. *Fé e Saber*. Tradução de Oliver Tolle. São Paulo: Hedra, 2007.

V - A estrutura do texto

Do ponto de vista sistemático, a *Exposição* se desdobra ao longo de dois eixos argumentativos que não deixam de ecoar preocupações filosóficas contemporâneas: identidade e natureza. A filosofia da identidade de Schelling apresentada nos 51 primeiros parágrafos da *Exposição* é uma análise minuciosa do conceito de identidade e de todos os seus pressupostos lógicos e existenciais; uma parte fundamental de seu argumento consiste em estabelecer uma imbricação constitutiva entre esses dois aspectos, o que implicaria, se Schelling tem razão, a impossibilidade de conceber uma filosofia da linguagem que não seja ao mesmo tempo, em seus primeiros fundamentos, uma filosofia da existência. No que diz respeito à natureza, Schelling apresenta um projeto que se recusa categoricamente a pensar a natureza como algo dependente da razão humana; a natureza é concebida desde o princípio não como um *ser para o entendimento humano* e suas categorias, mas como um em-si (não enquanto coisa-em-si, mas enquanto processo-em-si) detentor de suas próprias categorias, que manifesta assim uma vitalidade – e mesmo uma racionalidade – interna independente do pensamento humano. A natureza é pensada assim, de modo bastante original, como uma sujeito-objetividade que opera como condição de possi-

bilidade do todo no interior do qual a humanidade se constitui.

O texto é estruturado em definições, proposições, observações, adendos e escólios. O método de Schelling, assim, ao menos no modo como ele se revela à primeira vista é claramente inspirado na *Ética* de Spinoza. Uma diferença importante contudo é o motor interno pelo qual as proposições se sucedem; não se trata, como em Spinoza, de um argumento construído *more geometrico* a partir de relações de causa e efeito, mas de uma sucessão (ou sequência) dinâmica pela qual somos conduzidos da identidade absoluta à natureza orgânica em função das diferentes potências nas quais a mesma oposição fundamental (entre A e B – entre conhecer e ser; pensamento e extensão) se manifesta sob distintas formas.

Ao todo, são 159 proposições estruturadas da seguinte maneira: (I) as primeiras 51 proposições apresentam o sistema da identidade, desde o seu fundamento, a razão absoluta entendida como indiferença total entre o subjetivo e o objetivo (§ 1), até a primeira totalidade relativa, a matéria (§ 51); (II) as demais proposições, 52-159, constituem a filosofia schellingiana da natureza desde a matéria, concebida como o primeiro existente (§ 52) até a apreensão da natureza como um todo orgânico que exprime relações quantitativas e qualitativas (§ 159).

O fio condutor do argumento é, como vimos, o conceito de potência; ao longo da exposição, Schelling identifica três potências fundamentais, a partir das quais podemos reconstruir a espinha dorsal de seu argumento; tais potências correspondem à construção da matéria, da luz e do organismo.

As primeiras 51 proposições correspondem ao processo pelo qual a identidade absoluta se manifesta como primeira potência, ou como “primeiro existente”; trata-se do argumento que nos conduz assim da identidade absoluta à primeira manifestação da existência enquanto matéria, a qual é ela mesma fundada nos conflitos entre a força de atração e repulsão que encontram sua expressão fundamental na gravitação (primeira potência = A^1); assim, tudo aquilo que é dotado de existência na primeira potência, isto é, tudo aquilo que existe materialmente, está sujeito à gravitação universal. Entre as proposições 51 e 62, Schelling nos conduz da matéria até a manifestação da segunda potência da natureza, aquela pela qual a construção da matéria, realizada na primeira potência, pode ser agora reconstruída enquanto visível; este construir do construir é um construir de segunda potência, e é precisamente aquilo que é realizado pela *luz* (segunda potência = A^2). Se a matéria é o resultado da construção na primeira potência, a luz é

o resultado da construção na segunda potência, aquela que nos permite reconstruir o construído. A posição da segunda potência (da luz) implica que aquilo que era posto *em oposição* no interior da primeira potência (A x B) é agora concebido como o conjunto de tudo aquilo que pertence à primeira potência, por oposição àquilo que pertence à segunda; em outras palavras, A e B são postos em identidade relativa na medida em que ambos pertencem à primeira potência e não à segunda.

A partir dessas dualidades e identidades relativas resultantes da formação das duas primeiras potências, estão dados todos os elementos a partir dos quais o processo de formação e auto-diferenciação da natureza se realiza; assim, a passagem da segunda potência à terceira (A^3) se realiza por meio de dois processos: o processo de coesão (§§ 62-95), pelo qual o universo material se constitui enquanto tal; e o processo dinâmico (§§ 96-137), pelo qual a natureza inorgânica produz as suas auto-diferenciações internas. O terceiro processo, denominado processo vital (§§ 138-159), é aquele que se realiza no interior da terceira potência (o organismo) e que nos conduz da planta ao cérebro humano. Pode-se dizer assim que o texto de Schelling propõe a noção de identidade absoluta em suas múltiplas diferenciações internas no interior das diferentes potências como o

fio condutor que nos permite avançar da identidade à matéria, da matéria à luz, da luz ao organismo e, por fim, no interior do mundo orgânico, da planta ao cérebro humano.

Schelling interrompe o texto no parágrafo 159, de modo que a terceira parte correspondente ao que deveria ser a filosofia transcendental não é desenvolvida. Essa ausência não deixa de ser significativa, pois a estrutura do argumento que faz da filosofia da natureza uma discussão necessariamente anterior à da filosofia transcendental já indica mudanças importantes na abordagem do lado idealista da filosofia. A exploração deste lado ausente será retomada de modo célebre nas *Investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana* publicadas em 1809 nas quais as transformações engendradas pela filosofia da identidade e por sua parte realista (natureza dinâmica) apresentarão seus efeitos sobre a contraparte idealista entendida não mais como uma filosofia transcendental, mas como uma filosofia do espírito fundada em uma original concepção de liberdade.

Exposição do meu sistema da filosofia

HKA I/10, pp. 109-211
SW IV, pp. 107-212

Preâmbulo [*Vorerinnerung*]

Depois de ter tentado, por alguns anos, expor uma só e a mesma filosofia, aquela que reconheço por verdadeira, a partir de dois lados bem distintos, enquanto filosofia da natureza e enquanto filosofia transcendental, vejo-me agora impelido [*getrieben*] pelas circunstâncias presentes da ciência a formular publicamente, mais cedo do que eu mesmo gostaria, o próprio sistema que funda-

mentava para mim cada uma dessas distintas exposições e a trazer ao conhecimento de todos os que possam se interessar por este tema [*Gegenstand*] aquilo que eu até agora possuía simplesmente para mim e que talvez tenha dividido com alguns poucos. Aquele que de início concebe por si mesmo este sistema tal como eu o apresento aqui e que em seguida deseja compará-lo com essas primeiras exposições e está em condições de fazê-lo, aquele que além disso compreende [*einsieht*] a quantidade de preparativos [*Anstalten*] necessários à exposição completa e evidente, que eu agora estou convencido de poder apresentar, vai considerar natural e longe de ser censurável que eu tenha de fato realizado primeiro estes preparativos e tenha tentado elaborar o conhecimento completo desta filosofia, a qual tenho o atrevimento [*Keckheit*] de considerar como a única, de lados tão diferentes, antes de ter ousado formulá-la ela mesma em sua totalidade. Tampouco poderá alguém sob essas condições pensar (o que foi de fato pensado aqui e ali quando apresentei este sistema em aula no inverno passado¹), que eu tenha mudado o meu sistema

(108)

¹Schelling lecionou no semestre de inverno de 1800-1, como se sabe por meio de comunicado oficial, as disciplinas de Filosofia Transcendental, Filosofia da Natureza e Filosofia da Arte (cf. *Intelligenzblatt der Allgemeinen-Literatur-Zeitung*, n. 149, v. 13/09/1800, p. 1260).

da própria filosofia: pois o sistema que é aqui pela primeira vez publicado no formato que lhe é próprio [*in seiner ganz eigentümlichen Gestalt*] é o mesmo que eu sempre tive diante dos olhos em cada uma de suas distintas exposições e a partir do qual eu mesmo me orientei firmemente tanto na filosofia transcendental como na filosofia da natureza. Nunca ocultei nem de mim mesmo nem de nenhuma outra pessoa – mas antes exprimi com as declarações mais explícitas [*deutlichsten*] já no prefácio do meu *Sistema do idealismo [transcendental]*², assim como em diversas passagens desta revista³ e em

[110]

²Schelling refere-se ao prefácio de seu *Sistema do idealismo transcendental*, publicado no ano anterior (1800), no qual ele afirma a existência de um paralelismo entre natureza e inteligência “cuja exposição completa não é possível nem para a filosofia transcendental nem para a filosofia da natureza isoladamente consideradas, mas apenas para ambas as ciências” (HKA I/9, p. 25).

³A revista na qual a presente *Exposição* foi originalmente publicada é a *Zeitschrift für spekulative Physik (Revista de física especulativa)*, da qual ao todo dois volumes, contendo dois números cada, vieram a público entre 1800 e 1801. Na mesma revista, encontram-se passagens em que Schelling compara as filosofias transcendental e da natureza, como por exemplo no texto “Allgemeine Deduktion des dynamischen Prozesses oder der Kategorien der Physik”, § 63, onde Schelling traça um paralelismo entre a física dinâmica e a filosofia transcendental (vol. 1, n. 2, pp. 83-87 – HKA I/8, pp. 364-366) ou, ainda, no texto “Anhang zu dem Aufsatz des Herrn Eschenmayer betreffend den wahren Begriff der Naturphilosophie”, em que ele menciona a existência de dois idealismos, um idealismo do Eu e um idealismo da natureza (vol.

outros lugares – que não tomo nem aquilo que chamo de filosofia transcendental nem aquilo que chamo de filosofia da natureza pelo sistema da filosofia mesma ou por algo mais do que uma exposição parcial desta. Se há leitores ou críticos [*Beurteiler*] que não se deram conta disso, ou para os quais tais declarações não forneceram nenhuma indicação sobre a minha verdadeira posição, a culpa não é minha, e sim deles, assim como não é de minha responsabilidade que o forte desacordo, oriundo já da própria filosofia da natureza, com a maneira habitual de conceber o idealismo só tenha sido percebido pelo perspicaz Eschenmayer⁴ e tenha sido tolerado mesmo pelos idealistas.

Eu sempre considerei [*vorgestellt*] aquilo que eu chamava de filosofia da natureza e de filosofia transcendental como polos opostos do filosofar; na presente exposição, encontro-me no ponto de indiferença [*Indifferenzpunkt*], no qual só pode se posicionar corretamente com firmeza e segurança aquele que o construiu previamente a partir

2, n. 1, pp. 116-119 – HKA I/8, pp. 90-93).

⁴Carl August von Eschenmayer é um médico alemão e filósofo da natureza profundamente influenciado pelas filosofias de Fichte e de Schelling. Ele contribuiu ativamente para *Revista de física especulativa* de Schelling; a crítica aqui mencionada pode ser encontrada no artigo “Spontaneität = Weltseele” publicado no mesmo número da revista em que aparece a *Exposição* de Schelling (cf. *Zeitschrift für spekulative Physik*, vol. 2, n. 1, 1801, pp. 3-68).

de direções inteiramente opostas.

Para a maior parte daqueles aos quais um sistema filosófico é submetido à análise, nada é mais agradável do que receber de imediato uma palavra pela qual eles creem poder capturar o espírito [do sistema] e conjurar [*bannen*] à vontade [contra ele]. Se eu dissesse contudo: este sistema aqui é idealismo ou realismo, ou também um terceiro [composto] dos dois, então em cada um dos casos, eu diria algo que não é incorreto, pois este sistema poderia certamente ser tudo isso, dependendo do modo como ele é visto (o que ele é em si, abstração feita de todo “ver” [*Ansehen*]) particular, restaria assim sempre inconcluso [*unausgemacht*]); mas eu certamente não conduziria dessa maneira ninguém ao conhecimento deste sistema, pois o que realismo ou idealismo ou mesmo um possível terceiro de ambos seja é justamente aquilo que não está de modo algum claro [*im Reinen ist*], mas que deve primeiro ser resolvido; é certo, além disso, que conceitos muito diferentes estão associados a essas expressões nas mais diversas cabeças. Eu não quero antecipar a exposição que se segue, na qual este assunto [*Gegenstand*] já será por si mesmo tratado, mas provisoriamente [gostaria] apenas [de] fazer algumas observações. É por si mesmo compreensível, por exemplo, que eu tome como o sistema do idealismo

[109]

[111]

realmente realizado apenas aquilo que eu mesmo formulei sob tal nome; igualmente, [é compreensível] que eu não atribua ao idealismo nenhum outro significado do que justamente aquele que lhe atribuo na presente exposição. Ora, poderia sem dúvida ser o caso que o idealismo – por exemplo, aquele inicialmente formulado por Fichte, e que ele ainda agora sustenta – tenha um significado inteiramente distinto; Fichte poderia, por exemplo, ter pensado o idealismo em um sentido completamente subjetivo, ao passo que eu [o faço] em um sentido objetivo [*in objektiver Bedeutung*]⁵; [é possível igualmente] que Fichte tenha considerado o idealismo do ponto de vista da reflexão, [e que] eu ao contrário me posiciono do ponto de vista da produção⁶: para expri-

⁵Este mesmo contraste entre idealismo em sentido subjetivo e idealismo em sentido objetivo fornece o paradigma hegeliano de leitura dos sistemas de Fichte e de Schelling no texto *Differenzschrift* publicado também em 1801, no qual Hegel associa o sistema de Schelling a uma concepção objetiva do sujeito-objeto, a qual complementaria a concepção subjetiva do sujeito-objeto fornecida pela filosofia de Fichte (cf. Hegel, *Differenz des Fichteschen und Schellingschen Systems der Philosophie*, Werke 2. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986, p. 94). Hegel e Schelling trabalhavam à época em estreita colaboração e iriam a partir do ano seguinte editar juntos entre 1802 e 1803 o *Kritisches Journal der Philosophie* no qual textos importantes de ambos os autores – como *Glauben und Wissen* de Hegel e *Über das Verhältnis der Naturphilosophie zur Philosophie überhaupt* de Schelling – seriam publicados.

⁶Sobre o contraste entre o ponto de vista da reflexão e o ponto

mir esta contraposição [*Entgegensetzung*] do modo mais compreensível, o idealismo em sentido subjetivo deveria afirmar que o Eu é Tudo, [ao passo que] o [idealismo] em sentido objetivo [deveria afirmar] ao contrário: que Tudo é = Eu, e que não existe nada que não seja = Eu, o que sem dúvida são pontos de vista [*Ansichten*] distintos, ainda que ninguém vá negar que ambos sejam idealistas.

Não digo que este seja realmente o caso, eu o proponho apenas como possível; supondo contudo que as coisas sejam de fato assim, então a palavra Idealismo não acrescentaria nada ao leitor sobre o verdadeiro conteúdo do sistema assim designado, e, caso ele se interesse pelo assunto, ele deveria não obstante estudá-lo e verificar antes de mais nada o que na verdade é entendido ou afirmado sob este nome. Poderia bem ser o caso que com aquilo que até agora se denominou realismo aconteça o mesmo que com o idealismo ; e eu poderia quase dizer que a exposição seguinte é uma prova de que o realismo na sua forma mais elevada e completa (quero dizer, no spinozismo), sob todos os pontos de vista em que foi publicamente conhecido, foi inteiramente subestimado e incompreendido. Eu digo isso apenas com a

(110)

de vista da produção, ver *Sistema do idealismo transcendental*, HKA I/9, pp. 151-153, 196 e segs.

[112]

finalidade de que o leitor que quer se informar sobre a minha filosofia decida-se primeiro a ler a exposição a seguir com calma e ponderação [*Überlegung*], não como a exposição de algo já conhecido, caso em que apenas a forma da exposição poderia interessá-lo, mas como algo provisoriamente de todo desconhecido. Em seguida, que cada um decida por si se já havia pensado o mesmo há muito tempo. Mais precisamente, eu exijo que se julgue aquilo que eu chamo de filosofia da natureza apenas como filosofia da natureza e aquilo que eu chamo de sistema do idealismo transcendental apenas como sistema do idealismo, mas que se conheça aquilo que é o meu sistema da filosofia apenas daquilo que se segue; em segundo lugar, [eu exijo] que não se julgue as minhas exposições da filosofia da natureza e do idealismo, e, em especial, a seguinte exposição do meu sistema da filosofia, a partir de outras exposições, [e] que não se pergunte se esta exposição está de acordo com aquelas, mas apenas se ela está de acordo consigo mesma, [isto é,] se ela em si mesma, e considerada de modo isolado de tudo o que existe fora dela, tem ou não evidência; principalmente, [eu exijo] que se considere em um primeiro momento a exposição de Fichte e a minha cada uma por si mesma, de modo que apenas por meio de novos desenvolvimentos se possa mostrar se e até que

ponto nós concordamos, e se estávamos de acordo desde o princípio. Eu digo *em um primeiro momento*. Pois estou convicto de que é impossível que nós não estejamos de acordo na sequência, ainda que por ora eu esteja igualmente convicto de que este ponto ainda não foi alcançado.

Acredita contudo algum ser humano instruído que um sistema desse tipo se desenvolva por assim dizer em um piscar de olhos ou que ele obtenha de pronto o seu completo desenvolvimento? Deu-se a Fichte o tempo necessário para conduzi-lo ao ponto em que deve ser decidido que seu sistema não é simplesmente idealismo (pois é isso [, isto é, idealismo,] o que toda verdadeira filosofia especulativa é) mas que ele é precisamente este idealismo [que aqui defendo]? (111)

A meu juízo, tudo o que Fichte fez até agora foi apenas o mais geral [*Allgemeinste*]; e que aqui seja dito, para a alegria de alguns e para o pesar de outros, que a meu ver o que aconteceu até aqui é apenas o começo, de modo que a coisa toda ainda está longe do seu “fim”. Mas que obstáculo maior encontrou tal desenvolvimento do que a impertinência [*Zudringlichkeit*] do povo fútil, que por sua natureza já é bastante alheio a todo lampejo de especulação e não obstante faz ouvir a sua voz sobre (113)

tais temas com a mais cega autoconfiança, [de modo que] antes mesmo de ter concebido do que se trata [já] exprime seu acordo ou desacordo? Onde vamos finalmente parar, quando por exemplo um Reinhold confessa com a mais inocente franqueza que “ele não estava ciente do que exatamente se tratava na nova revolução filosófica, nem no seu começo nem no meio nem mesmo pouco antes do seu fim (ele diz: fim)”⁷ – [Reinhold] que não obstante no começo dessa “revolução” era um adepto [*Anhänger*] cego de Kant, logo mais anunciou em uma teoria própria a filosofia infalível e católica⁸, e no fim pôs-se nos braços da *Doutrina da*

⁷O texto citado por Schelling encontra-se no prefácio da revista *Beyträge zur leichtern Übersicht des Zustandes der Philosophie bey dem Anfang des 19. Jahrhunderts* editada pelo próprio Reinhold a partir de 1801 (*Beyträge*, vol. 1, n. 1, pp. III-V) e para a qual contribuíram nomes importantes para a discussão filosófica do período, como Friedrich Heinrich Jacobi e Christoph Gottfried Bardili.

⁸Schelling joga aqui com a etimologia da palavra “católico”, que se origina da palavra grega *katholikós* (καθολικός), cujo significado é “universal, geral”. De acordo com o *Etymologisches Wörterbuch des Deutschen*, tal palavra se forma a partir do advérbio *kathólū* (καθόλου), “no todo, em geral”, ele mesmo constituído pela preposição *kata-* e pelo genitivo do adjetivo *hólos* (ὅλος), “todo, indiviso, completo”, o que resulta em algo como “de acordo com o todo”; ademais, notam os autores do dicionário, é “a partir do século II d.C. que o grego *katholikós* é associado à igreja cristã, de modo que o significado “universal, detentor de validade universal” desenvolve-se na direção de “orto-

Ciência [de Fichte] com declarações igualmente fortes de sua mais profunda convicção – [onde vamos parar] quando alguém assim, mesmo depois de todas essas provas de sua imbecilidade [*Imbecillität*] filosófica, não perde contudo a coragem e profetiza uma vez mais, e como ele mesmo presente [*ahndet*], pela última vez, o “atual” [*“nunmehrige”*] fim da revolução filosófica?*

doxo [*rechtgläubig*]” – cf. Wolfgang Pfeifer et al., *Etymologisches Wörterbuch des Deutschen* (1993), *digitalisierte und von Wolfgang Pfeifer überarbeitete Version im Digitalen Wörterbuch der deutschen Sprache*, <https://www.dwds.de/wb/katholisch>, consultado em 05/07/2020. A escolha que Schelling faz nesse contexto da palavra “católico”, ao invés da palavra “universal”, não deixa de ser significativa, na medida em que Reinhold, ele mesmo nascido em Viena, um reduto tradicionalmente católico, foi educado em colégios jesuítas e fez seus votos monásticos no seminário Barnabita (Clérigos Regulares de São Paulo), atuando como monge até 1783, quando, sob influência das ideias iluministas, decide mudar-se para as terras protestantes dos estados alemães vizinhos (Reinhold, Ernst. *Karl Leonhard Reiholds Leben und litterarisches Wirken*. Iena: Friedrich Frommann, 1825, pp. 3-20).

* Para aquele que tem uma sensibilidade para a ciência [*Sinn für Wissenschaft*], o que já foi dito no texto será mais do que o bastante para justificar o nosso juízo sobre o senhor Reinhold, e nós nos envergonhamos ainda menos de dizê-lo na medida em que nunca tivemos interiormente o menor respeito por ele como cabeça especulativa, o que de resto ele nunca foi, e em relação ao que ele mesmo, ao menos indiretamente, abandona todas as pretensões. Ele se condena a aprender e vai, por mais absurdo que isso soe, à escola – e nesse ponto ele está correto. Em filosofia, ele nunca teve nada mais do que um espírito histórico; sua teoria da faculdade de representação baseia-se no fundamento da – notoriamente pressuposta como verdadeira – filosofia kantiana, em relação à

qual, dado que ela mesma é apenas [pressuposta como] um fato, não restava naturalmente nada mais do que [a construção de] uma dedução factual; desde essa primeira e única manifestação de uma atividade filosófica própria, ele não encontrou nada mais oportuno a fazer do que, por ocasião da publicação de cada nova filosofia, inspecionar todas as filosofias anteriores – espiritualistas, materialistas, teístas, ou como quer elas se chamem – através das lentes da nova, e ele sempre afortunadamente encontrou aquilo que faltava a todas elas, nunca contudo encontrou aquilo que lhe faltava a ele mesmo; e quão inutilmente ele não se esforçou para debulhar [auszudreschen] com a sua palha o velho e nobre grão, uma cegueira que só não foi percebida por aqueles que, juntamente com ele, acreditavam ter resolvido os maiores problemas da filosofia por meio das proposições da matéria [Stoff] e da forma, do representante [Vorstellenden] e do representado [Vorgestellten]. Neste profundo desconhecimento da semente de toda especulação em que ele continuamente viveu, é natural que nada lhe pareça demasiadamente elevado para o seu juízo, e se essa cabeça fraca [schwache Kopf] se atreve a falar de Spinoza, Platão ou de alguma outra honorável figura, é ainda de se admirar que ele acredite poder negligenciar [übersehen] dentre outros também Fichte, [e fazê-lo] de modo tão leviano como ele há pouco tempo acreditava compreendê-lo e estar intimamente persuadido da verdade de sua filosofia. Distorcer intencionalmente afirmações e filosofemas alheios é algo que uma honradez que faz confissões tão sinceras quanto as acima mencionadas não tolera; ademais, poder-se-ia contar aí [como exemplos de tais distorções] as deformações que as proposições do meu *Sistema do idealismo transcendental* sofreram em uma resenha. Eu não vou certamente perder o meu tempo com isso, mas antes autorizo o senhor Reinhold por este meio formal a colocar em minha boca em resenhas, revistas, etc., as palavras que ele bem entender; aliás [autorizo-o igualmente] a se servir de minhas ideias e de meus métodos como um princípio “heurístico” (que deve ser de grande utilidade) e mesmo [como meio] para refutar o idealismo, se assim lhe aprouver, inclusive com ideias dele mesmo extraídas e convenientemente transformadas em algum absurdo – tudo pela honra da verdade e pelo acabamento

Nós nos afastamos dessas visões [*Anblicken*] e re- (112)
cordamos provisoriamente apenas isto: toda explicação
suplementar sobre a relação de nosso sistema com todos (114)
os outros [sistemas], principalmente com o spinozismo
e com o idealismo, deve ser buscada na exposição que
se segue, a qual, assim o espero, porá um fim a todos
os mal-entendidos dos quais foi vítima em particular (113)
a filosofia da natureza, e os quais já há alguns anos –
como já o assinalei em um tratado publicado no número
anterior [desta revista]⁹ – pensei em esclarecer antes
pela realização do próprio sistema (pois um “primeiro
esboço”¹⁰ não poderia conter um sistema completo, o (115)

da revolução filosófica. O que dirão aliás alguns quando notarem que essa maneira reinholdiana [*diese Reinholdigkeit*] se estende até mesmo a denúncias formais, ataques religiosos e morais, como acontece em um dos mais recentes números da “*Teutscher Mercur*” [Reinhold, “Der Geist des Zeitalters als Geist der Philosophie”, *Neuer Teutscher Mercur*, n. 1, 1801, pp. 167-193]; certamente não se notará também aqui nada mais do que o caráter acima relatado e não se quererá empregar a palavra de ouro das Xênias: “Ao povo mais sensível nunca dei muita importância; sairão de lá apenas *maus companheiros*, quando se apresente a ocasião”.

⁹Trata-se do artigo “Anhang zu dem Aufsatz des Herrn Eschenmayer betreffend den wahren Begriff der Naturphilosophie” publicado no primeiro número da revista em 1801, no qual Schelling afirma ainda não ter desenvolvido o “próprio sistema” da filosofia (*Zeitschrift für spekulative Physik*, vol. 2, n. 1, pp. 109-146, principalmente pp. 129-130).

¹⁰Schelling refere-se ao texto *Erster Entwurf eines Systems der Naturphilosophie* (*Primeiro esboço de um sistema de filosofia*

que deveria ser evidente por si mesmo) do que por meio de uma discussão geral provisória. Por isso, no que se segue eu não vou dedicar nem mesmo a mais restrita atenção às críticas que não se engajam comigo nos primeiros princípios aqui anunciados pela primeira vez, e [que preferem] ou bem atacá-los ou bem negar o encaideamento necessário de afirmações particulares a partir deles.

Sobre o método empregado na construção deste sistema poder-se-á falar de modo mais determinado no fim de toda a exposição. No que diz respeito ao modo de exposição, tomei Spinoza por modelo, não apenas porque ele é aquele do qual eu penso mais me aproximar do ponto de vista do conteúdo e da coisa mesma, sendo assim aquele que eu tinha mais razão para escolher como exemplo [*Vorbild*] igualmente em relação à forma, mas também porque esta forma possibilita a maior concisão

da natureza) publicado em 1799, no qual ele delinea uma visão de todo da filosofia da natureza incluindo uma sistematização da natureza inorgânica (magnetismo, eletricidade e quimismo) e da natureza orgânica (reprodução, irritabilidade e sensibilidade) – como se trata justamente de um projeto em desenvolvimento, Schelling ressalta no prefácio da obra que “o autor tem em demasiada alta conta a dimensão de sua empresa para não anunciar no presente escrito [...] nada mais do que um primeiro esboço” (HKA I/7, p. 65).

da exposição e permite uma avaliação mais segura [*am bestimtesten*] da evidência das provas.

Além disso, servi-me frequentemente da notação mais geral por meio de fórmulas, tal como ela já foi aplicada pelo senhor Eschenmayer em seus tratados de filosofia da natureza e no artigo “Dedução do organismo vivo” (na *Magazin* etc. de Röschlaub)¹¹; escritos que eu desejaria que fossem lidos por todos os meus leitores, em parte pelo interesse próprio dessas obras, em parte para que eles estejam, de modo ainda mais seguro, em posição de comparar o meu sistema de filosofia da natureza com as abordagens da natureza que se seguem de modo inteiramente necessário do idealismo que adota o mero ponto de vista da reflexão. Pois, para apreender em seu interior o absoluto sistema da identidade [*das ab-*

¹¹ Trata-se da publicação *Magazin zur Vervollkommnung der theoretischen und praktischen Heilkunde* editada pelo médico alemão Andreas Röschlaub entre 1799 e 1801, e à qual o próprio Schelling contribuiu com um texto de defesa dos trabalhos do médico escocês John Brown em 1799. Além da “Deduktion des lebenden Organismus” publicada na revista de Röschlaub (vol. 2, n. 3, pp. 329-390), os textos de Eschenmayer nos quais se encontram a notação aqui referida por Schelling são por exemplo: *Sätze aus der Natur-Metaphysik auf chemische und medicinische Gegenstände angewandt*. Tübingen: Jacob Friedrich Heerbrandt, 1797; e *Versuch die Geseze magnetischer Erscheinungen aus Sätzen der Naturmetaphysik mithin a priori zu entwickeln*. Tübingen: Jacob Friedrich Heerbrandt, 1797.

(114) *solute Identitäts-System*] que eu formulo aqui e que se afasta completamente do ponto de vista da reflexão – o qual parte apenas de oposições e repousa em oposições – é bastante útil conhecer o sistema da reflexão [*das Reflexions-System*] ao qual ele se contrapõe.

[116] De modo geral, encontro-me com este sistema em uma dupla relação: [i] com os filósofos do passado e do presente, um ponto sobre o qual já me expliquei parcialmente neste preâmbulo e sobre o qual me explicarei de modo mais completo na própria exposição; apenas de sobejo, noto ainda que entendo por filósofos aqueles que têm princípios e métodos e que não apenas repetem os pensamentos dos outros ou tão somente cozinham um ragu próprio a partir de uma mistura [*Allerley*] de ingredientes alheios; [ii] com os físicos empíricos, dos quais pode-se saber de antemão como eles vão se portar em relação à filosofia da natureza. Em sua maioria, eles irão durante certo tempo tentar nadar contra a maré [*gegen den Stachel zu lecken*]; em seguida, adotarão progressivamente as construções da filosofia da natureza como explicações prováveis ou as ilustrarão sob a forma de experimentos; finalmente, eternizarão em seus livros até mesmo toda a física dinâmica como uma hipótese

não de todo ruim.¹²

Isso basta à guisa de preâmbulo. A partir de agora, que fale apenas a coisa mesma.

§ 1. DEFINIÇÃO [*Erklärung*]. Chamo de *razão* a razão absoluta, ou a razão na medida em que ela é pensada como indiferença total do subjetivo e do objetivo.

Este não é o lugar para justificar tal uso da linguagem, pois trata-se apenas de suscitar a ideia que vou associar a esta palavra. Somente o modo como chegamos em geral a pensar a razão desta maneira deve ser mostrado aqui concisamente. Fazemo-lo pela reflexão sobre aquilo que na filosofia se coloca entre o subjetivo e o objetivo, e que manifestamente deve ser algo que se comporta de modo indiferente em relação a ambos. O pensar da razão pode ser imprimido em cada um; [mas] para pensá-la como absoluta, e assim para alcançar o ponto que exijo, é preciso que se faça abstração

¹²Na *Allgemeine Deduktion*, publicada no volume anterior da revista, Schelling explica a sua física dinâmica nos seguintes termos: “a dinâmica é para a física o mesmo que o transcendental é para a filosofia, e explicar dinamicamente em física significa o mesmo que explicar de modo transcendental em filosofia. Explicar um fenômeno [*Erscheinung*] por meio da dinâmica não significa nada mais do que explicá-lo a partir das condições originárias da construção da matéria em geral” (HKA I/8, p. 364).

- (115) do pensante. Para aquele que faz esta abstração, a razão deixa imediatamente de ser algo subjetivo, tal como ela é representada pela maioria, mas [disso resulta que] ela não pode mais tampouco ser pensada como algo objetivo, na medida em que um objetivo, ou um pensado, só é possível em oposição a um pensante, do qual aqui se abstraiu inteiramente; ela se torna assim [117] por meio dessa abstração um verdadeiro em-si [*Ansich*], que incide justamente no ponto de indiferença entre o subjetivo e o objetivo.

O ponto de vista da filosofia é o ponto de vista da razão, o seu conhecimento é o conhecimento das coisas como elas são em si, isto é, como elas são na razão¹³. É da natureza da filosofia [o procedimento

¹³É notável o uso que Schelling faz da expressão “em-si” e “coisas como são em si ou na razão”, as quais remetem à filosofia kantiana. Em uma de suas primeiras publicações, vinda a público em 1795 sob o título de *Vom Ich als Prinzip der Philosophie*, Schelling, na esteira das críticas já previamente formuladas por Jacobi à noção kantiana de coisa-em-si, nota, a partir de uma reflexão sobre a etimologia da língua alemã, que a expressão “coisa-em-si” seria um oxímoro, na medida em que coisa (*Ding*) remete a algo condicionado (*Bedingte*), ao passo que em-si (*An-sich*) remete ao incondicionado, de modo que coisa-em-si (*Ding-an-sich*) significaria na verdade um condicionado-incondicionado, isto é, uma contradição em termos (cf. *Vom Ich*, HKA I/2, pp. 89-90). Ao associar o em-si à razão, Schelling busca justamente restabelecer o caráter incondicionado do em-si ao ser compreendido nem como um objetivo (que, enquanto tal, é condicionado pelo

de] suprimir inteiramente toda sucessão [*Nacheinander*] e toda exterioridade [*Außereinander*], toda diferença de tempo e sobretudo aquelas que a mera imaginação [*Einbildungskraft*]^a mistura no pensamento; em uma palavra, [é da natureza da filosofia] ver nas coisas apenas aquilo pelo qual elas exprimem a razão absoluta, e não na medida em que elas são objetos para a reflexão, a qual transcorre no tempo e segundo as meras leis do mecanismo.

§ 2. *Fora da razão não há nada, e tudo é nela*¹⁴. Se

subjetivo, nem que seja o sujeito transcendental) nem como um subjetivo (que, enquanto tal, é condicionado pelo objetivo ao qual ele se contrapõe), mas antes como identidade incondicionada de ambos.

^a *Obs.*: pois a imaginação está para a razão do mesmo modo como a fantasia [*Phantasie*] está para o entendimento. Aquela produtiva, esta reprodutiva.

¹⁴ A semelhança com a proposição XV da primeira parte da *Ética* de Spinoza é notável: “Tudo o que é, é em Deus, e sem Deus, nada pode ser nem ser concebido” cf. Spinoza. *Ethica*, 1677. Pars I, Propositio XV, p. 12. A influência de Spinoza sobre Schelling é considerável. Com efeito, ainda no período de suas primeiras publicações, Schelling anuncia em uma famosa carta a Hegel de fevereiro de 1795: “eu [...] me tornei spinozista – não te espanta. Tu vais em breve descobrir como. Para Spinoza, o mundo (o objeto simplesmente) era tudo; para mim, é o Eu” (cf. Frank, M. & Kurz, G. *Materialen zu Schellings philosophischen Anfängen*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1975, p. 126); tal spinozismo, como Schelling esclarece em seu *Vom Ich* publicado naquele mesmo ano, consiste em tratar o princípio fundamental da filosofia (no caso, o Eu) como uma substância na qual tudo mais

a razão é pensada como nós exigimos no § 1, então será imediatamente concedido que fora dela não pode haver nada. Pois se supomos que haja algo fora dela, então este fora seria ou bem para ela mesma, e [nesse caso] ela seria o subjetivo, o que é contrário à suposição, ou então ele não seria para ela, e [nesse caso] ela seria em relação a este fora [algo] como um objetivo em relação a objetivos, sendo assim ela mesma objetiva, o que de novo é contrário à suposição (§ 1.).

Não há assim nada fora dela, e tudo é nela.

Obs. [*Anm.*]¹⁵. Não existe filosofia a não ser do

inere (*Vom Ich*, HKA I/2, 117-118); posteriormente, em 1799, após o desenvolvimento de seus primeiros trabalhos em filosofia da natureza, Schelling caracteriza o seu projeto como um “spinozismo da física”, no qual a natureza é abordada como produto e como produtiva (como *natura naturata* e como *natura naturans* – HKA I/8, pp. 30-31), o que lhe conduz a reconhecer um princípio separado e oposto ao Eu da filosofia transcendental, a saber: a produtividade da natureza. Aqui na *Exposição*, Schelling anuncia, à maneira spinozista, o primeiro princípio como sendo a razão na qual tudo está e que não deve ser considerada, portanto, nem como um sujeito simplesmente nem como um objeto simplesmente, mas como a identidade absoluta de ambos.

¹⁵No texto publicado por Schelling na *Revista de física especulativa* e retomado na edição da Academia (HKA), as definições, observações, escólios e adendos aparecem muitas vezes sob formas abreviadas (*Erkl.* = *Erklärung* [Definição]; *Anm.* = *Anmerkung* [Observação]; *Erl.* = *Erläuterung* [Escólio]; *Zus.* = *Zusatz* [Adendo]). Decidimos manter todas as abreviações de Schelling, pois elas manifestam a busca por uma notação filosófica sucinta e

ponto de vista do Absoluto; sobre esse ponto não será levantada nenhuma dúvida ao longo de toda esta exposição: a razão *é* o Absoluto tão logo ela é pensada como o estipulamos (§ 1); por conseguinte, a proposição presente é válida apenas sob esta pressuposição.

Escólio [Erläuterung]. Todas as objeções contra esse ponto só poderiam repousar sobre [o fato de] que se está habituado a ver as coisas não como elas são na razão, mas como elas aparecem. Não nos detemos por isso em tal contestação, pois deve ser mostrado na sequência como tudo o que é, é essencialmente idêntico à razão e uno com ela. De um modo geral, a proposição formulada não careceria de nenhuma prova ou de um esclarecimento, e deveria mesmo valer como um axioma, se não fosse tão desconhecido [*unbewusst*] de tantos que só pode haver algo em geral fora da razão se a própria razão o pôs fora de si; isso contudo a razão não faz jamais, mas apenas o seu falso uso, o qual se articula com a incapacidade de fazer a abstração acima exigida

de fácil manipulação, o que é uma característica formal da exposição do sistema da identidade. Quanto à tradução de *Anmerkung*, optamos por “observação” ao invés de “nota” a fim de marcar a diferença com as notas de rodapé e evitar assim ambiguidades no sistema de remissões internas do texto.

e de esquecer em si mesmo o subjetivo^b.

§ 3. *A razão é simplesmente una e simplesmente idêntica a si mesma.* Pois se ela não o fosse, então deveria haver um outro fundamento do ser da razão que não ela mesma: visto que ela contém apenas o fundamento de que ela mesma é, não contudo o de que uma outra razão seja; a razão não seria então absoluta, o que é contrário à pressuposição. *A razão então é una em sentido absoluto.* Se supomos o oposto do segundo ponto, a saber, que a razão não é idêntica a si mesma, então isso pelo qual ela não é idêntica a si mesma deveria ainda assim, na medida em que nada é *fora* dela (*praeter ipsam*), (§ 2) ser novamente posto nela, e [deveria] pois exprimir a essência da razão; ademais, dado que tudo só é em si (§ 1) em virtude daquilo pelo qual ele exprime a essência da razão, então tudo seria, em si mesmo considerado ou em relação à própria razão, novamente idêntico a ela, sendo assim um com o seu ser. *A razão é assim una* (não apenas *ad extra*, mas também *ad intra* ou) em si mesma, isto é, ela é simplesmente idêntica a si mesma.

§ 4. *A lei suprema do ser da razão e, como nada é fora da razão* (§ 2), *de todo ser* (na medida em que ele é

^b *Adendo:* separado [*Absondernde*], individual.

concebido na razão), é a lei da identidade, a qual é expressa em relação a todo ser por $A = A$. A prova se segue do § 3 e dos [parágrafos] imediatamente precedentes.

[117]

Adendo 1. Assim, por todas as outras leis, se tais leis existem, nada é determinado tal como é na razão, ou [tal como é] em si mesmo, mas apenas tal como é para a reflexão ou no fenômeno [*Erscheinung*].

Ad. 2. A proposição $A = A$ é a única verdade que é *em si* posta, e por conseguinte sem qualquer relação ao tempo. Chamo tal verdade de eterna não no sentido empírico, mas no sentido absoluto¹⁶.

§ 5. *Definição.* O A da primeira posição chamo assim, para diferenciá-lo, de sujeito, o segundo [chamo de] predicado¹⁷.

[119]

¹⁶Vê-se aqui nos adendos o entrecruzamento das filosofias de Kant e de Spinoza. Na esteira do kantismo, Schelling distingue entre o em si (o modo como as coisas são em si) e o fenômeno (o modo como as coisas aparecem para a reflexão humana); por outro lado, na esteira do spinozismo, ele afirma que é possível conceber o em si de modo adequado, desde que se o conceba tal como ele é na razão *sub specie aeternitatis* (ver Spinoza, *Ethica*, Pars II, Propositio XLIV, esp. Corollarium II). Há, pois, uma distinção entre as leis da reflexão humana (sujeita aos limites do tempo) e as leis da razão (sem qualquer relação ao tempo).

¹⁷Essa mesma atribuição das noções de sujeito e predicado aos itens da proposição $A = A$ foi feita por Fichte em uma nota do primeiro parágrafo de sua *Grundlage*, onde se lê: “Na proposição $A = A$, o primeiro A é aquele que é posto no Eu, ou bem simplesmente, como o próprio Eu, ou em função de algum outro

§ 6 A proposição $A = A$, pensada de modo geral, não diz nem que A em geral, nem que A enquanto sujeito ou enquanto predicado SEJA. Na verdade, o *único ser posto por essa proposição é o ser da IDENTIDADE MESMA, a qual é assim posta de modo inteiramente independente de A enquanto sujeito e de A enquanto predicado. A demonstração da primeira asserção é realizada na Doutrina da Ciência § 1¹⁸, a segunda parte da proposição segue por si mesma da primeira, e já está contida nela. Pois como se abstrai do ser do próprio A em geral, e na*

fundamento, como todo não-Eu determinado. Nessa operação, o Eu se comporta como um sujeito absoluto, e podemos chamar assim o primeiro A de sujeito. Pelo segundo A , é designado aquilo que o Eu que se faz objeto da reflexão encontra em si mesmo como *posto*, uma vez que ele o *pôs* primeiramente em si. O Eu julgador (*Das urteilende Ich*) predica algo, não tanto de A , mas de si mesmo, dado que ele precisamente encontra um A em si: e por isso o segundo A chama-se predicado". (GA I/2, p. 259). A diferença é que, enquanto Fichte associa a proposição $A = A$ ao Eu da autorreflexão (é pelo Eu que a operação atributiva ocorre fazendo com que os A 's sejam tomados como sujeito e predicado), Schelling associa a proposição à razão enquanto tal. A irredutibilidade da razão ao Eu da autorreflexão é uma das teses centrais da filosofia da identidade.

¹⁸A demonstração mencionada por Schelling encontra-se no primeiro parágrafo da *Grundlage* (esp. no item 2), onde Fichte argumenta que o que é posto na proposição $A = A$ é apenas a cópula lógica, de modo que A , isoladamente considerado, é posto na proposição apenas de modo hipotético, de tal maneira que o verdadeiro significado de $A = A$ é: se A , então A (GA I/2, pp. 256-57).

medida em que ele é sujeito e predicado, resta apenas aquilo do qual não se pode abstrair, e assim apenas aquilo que esta proposição põe, a própria identidade^c.

§ 7. *O único conhecimento incondicionado é o da identidade absoluta.* Com efeito, a proposição $A = A$ (§ 4, ad. 2), na medida em que ela exprime apenas a *essência* da razão (§ 3), é também a única incondicionalmente certa; ora, por essa proposição a identidade absoluta é também imediatamente posta. (§ 6) Assim, etc.

Observação. A série precedente de proposições foi antecipada apenas para demonstrar o caráter incondicionado deste conhecimento. Pois este conhecimento *mesmo* [enquanto tal] não pode ser demonstrado, justamente porque ele é incondicionado¹⁹.

(118)

^c *Obs.* A proposição $A = A$ não *precisa* de nenhuma demonstração. Ela é o fundamento de toda demonstração. Aquilo que é posto através dela é apenas esse próprio ser-posto incondicionado. Agora, onde esse ser-posto incondicionado se manifesta é para ele mesmo completamente indiferente. Aquilo que é efetivamente posto não é nem o A na posição do sujeito nem o A na posição do predicado, mas apenas a identidade entre ambos.

¹⁹Em seu *Vom Ich*, Schelling descreve esse caráter incondicionado, e portanto não passível de prova, nos seguintes termos: “O Absoluto, se ele é de fato absoluto, só pode ser dado pelo Absoluto, ele deve portanto preceder todo pensar e todo representar, e não pode assim ser estabelecido por nenhuma prova objetiva – isto é, por nenhum procedimento que nos conduz para além de seu conceito – mas tão somente ser realizado por si mesmo” (*Vom Ich* § 3, HKA I/2, p. 90).

§ 8. *A identidade absoluta é simplesmente, e é de modo tão seguro quanto a proposição $A = A$. Demonstração:* pois ela é posta imediatamente com esta proposição (§ 6).

Adendo 1. A identidade absoluta só pode ser pensada pela proposição $A = A$, mas ela é posta por esta proposição como *ente*. Ela é assim na medida em que ela é pensada, e *ser* [é algo que] *pertence à essência da identidade absoluta*²⁰.

[120] *Ad. 2.* *O ser da identidade absoluta é uma verdade eterna*²¹, pois a verdade de seu ser é idêntica à verdade da proposição $A = A$. Ora, ela é (§ 4, ad. 2) etc.

§ 9. *A razão é uma e a mesma com a identidade absoluta.* A proposição $A = A$ é [a] lei do ser da razão (§ 4). Ora, por esta proposição a identidade absoluta também é posta como ente (§ 6), e dado que o ser da

²⁰Cf. Spinoza, *Ethica*, Pars I, Propositio VII: “À natureza de uma substância pertence o existir. *Demonstração:* Uma substância não pode ser produzida por outra coisa (pelo corolário da proposição precedente); ela é portanto causa de si mesma, isto é (pela def. 1), a sua essência contém necessariamente a sua existência, em outras palavras, à sua natureza pertence o existir”.

²¹Cf. Spinoza, *Ethica*, Pars I, Propositio XIX: “Deus ou todos os atributos de Deus são eternos. [...] *Escólio:* Esta proposição resulta de modo evidente da maneira como eu demonstrei (prop. 11) a existência de Deus; desta demonstração, extrai-se que a existência de Deus, assim como a sua essência, é uma verdade eterna”.

identidade absoluta é um e o mesmo com a sua essência (§ 8, ad. 1), segue-se que a razão (§ 1), não apenas de acordo com o ser mas também de acordo com a essência, é uma e a mesma com a própria identidade absoluta.

Ad. O ser da razão (no sentido determinado no § 1) é por isso tão incondicionado quanto o [ser] da identidade absoluta, ou: o SER pertence tanto à ESSÊNCIA da razão quanto à da identidade absoluta. A demonstração se segue imediatamente do que precede.

§ 10. *A identidade absoluta é simplesmente infinita*²². Pois, se ela fosse finita, então o fundamento de sua finitude repousaria ou bem nela mesma, [e nesse caso] ela seria causa de uma determinação em si, sendo assim causante [*bewirkendes*] e causada simultaneamente, não sendo por conseguinte a identidade absoluta. Ou então [o fundamento] não [repousaria] nela mesma, mas fora dela. Fora dela contudo não há nada. Pois, se houvesse fora dela algo pelo qual ela pudesse ser limitada, então ela deveria se comportar em relação a este fora como um objetivo em relação a um objetivo. Isso contudo é

²²Cf. Spinoza, *Ethica*, Pars I, Propositio VIII: “Toda substância é necessariamente infinita”. Ver também Definição VI: “Por Deus entendo um ser absolutamente infinito, isto é, uma substância consistindo em uma infinidade de atributos, os quais exprimem, cada um deles, uma essência eterna e infinita”.

(119) absurdo (§ 1). Ela é assim infinita, tão certo como ela é, isto é, ela é simplesmente infinita.

§ 11. *A identidade absoluta ENQUANTO identidade não pode jamais ser suprimida.* Pois ser [zu sein] pertence à sua essência; ela é contudo apenas na medida em que ela é a identidade absoluta (§ 6; § 8, ad. 1). Ela não pode assim jamais ser suprimida enquanto tal, pois do contrário o ser deveria cessar de pertencer à sua essência – isto é, algo contraditório seria posto. Assim, etc.

§ 12. *Tudo o que é, é a própria identidade absoluta.* Pois ela é infinita e não pode jamais, enquanto identidade absoluta, ser suprimida (§ 10; § 11), assim tudo o que é deve ser a própria identidade absoluta²³.

Ad. 1. Tudo o que é, é em si Uno. Esta proposição é a mera inversão da precedente e se segue por isso imediatamente dela.

Ad. 2. A identidade absoluta é a única que é simplesmente ou em si, assim algo só é em si na medida em que é a própria identidade absoluta, e na medida em que ele não é a própria identidade absoluta, ele não é de modo algum em si.

[121]

²³Cf. Spinoza, *Ethica*, Pars I, Propositio XV: “Tudo o que é, é em Deus, e sem Deus, nada pode ser nem ser concebido”.

§ 13. *Nada é engendrado [ist entstanden] segundo o ser em si.* Pois tudo o que é em si, é a própria identidade absoluta (§ 12). Esta contudo não é engendrada, mas é simplesmente, [ela é] assim sem nenhuma relação com o tempo e posta fora de todo tempo, pois o seu ser é uma verdade eterna (§ 8, ad. 2); portanto, segundo o ser em si, tudo é absolutamente eterno.

§ 14. *Nada é, em si mesmo considerado, finito*²⁴. A demonstração é oriunda do § 10 e realizada da mesma maneira como a da proposição precedente.

Ad. Daqui se segue que, do ponto de vista da razão (§ 1), não há nenhuma finitude e que considerar as coisas como finitas é o mesmo que não as considerar como elas são em si. Do mesmo modo, considerar as coisas como distintas ou como múltiplas significa o mesmo que não as considerar *em si* ou do ponto de vista da razão.

Escólio. O erro fundamental de toda filosofia é [, por um lado,] a pressuposição de que a identidade absoluta tenha realmente saído de si, e [, por outro lado,] o esforço de tornar concebível o modo como este sair de si ocorre. A identidade absoluta nunca cessou precisamente de

(120)

²⁴Cf. Spinoza, *Ethica*, Pars I, Propositio XXI: “Tudo o que se segue da natureza absoluta de um atributo de Deus sempre é infinitamente, em outras palavras, é por tal atributo, eterno e infinito”.

sê-lo, e tudo o que é, é, em si mesmo considerado, não o fenômeno da identidade absoluta, mas *ela mesma*; e dado que, além disso, é da natureza da filosofia considerar as coisas como elas são em si (§ 1), isto é, (§ 14; § 12) na medida em que elas são infinitas e são a identidade absoluta, então a verdadeira filosofia consiste na demonstração de que a identidade absoluta (o infinito) não saiu de si e de que tudo o que é, na medida em que é, é a própria infinitude, uma proposição que, dentre os filósofos até o presente, apenas Spinoza reconheceu [como verdadeira]²⁵, apesar de ele não ter realizado de modo satisfatório a sua demonstração, nem tampouco ter se pronunciado de modo suficientemente claro para que não fosse quase universalmente mal compreendido sobre este ponto.

§ 15. *A identidade absoluta É apenas sob a forma da proposição $A = A$ ou, ainda, essa forma é imediatamente posta por seu ser. Pois ela é simplesmente incondicionada e não pode ser de modo condicionado, mas o ser incondicionado só pode ser posto sob a forma dessa proposição (§ 8). Assim, essa forma é imediatamente posta com o ser da identidade absoluta, e não há aqui*

[122]

²⁵Cf. Spinoza, *Ethica*, Pars I, Propositio XVIII: “Deus é a causa imanente, não transitiva, de todas as coisas”.

nenhuma transição, nenhum antes e depois, mas apenas a absoluta simultaneidade do ser e da forma.

Ad. 1. O que é posto juntamente com a forma da proposição $A = A$, também é posto imediatamente com o ser da própria identidade absoluta^d, ele não pertence contudo à sua essência, mas à forma ou ao modo [Art] do seu ser. A demonstração da primeira parte da proposição segue-se imediatamente do que precede. A segunda parte é demonstrada do seguinte modo. A forma da proposição $A = A$ é determinada por A enquanto sujeito e A enquanto predicado. Mas a própria identidade absoluta é nela mesma posta independentemente de A enquanto sujeito e de A enquanto predicado (§ 6). Assim, aquilo que é posto juntamente com a forma dessa proposição pertence não apenas à forma da própria identidade absoluta, mas ao modo ou à forma do seu ser. (121)

Ad. 2. O que pertence à mera forma do ser da identidade absoluta, mas não a ela mesma, não é posto em si. Pois apenas a identidade absoluta segundo a sua essência é posta em si. Assim, etc.

§ 16. *Entre o A , que na proposição $A = A$ é posto*

^d *Obs.:* o que se pode deduzir dela é assim tão eterno quanto a identidade absoluta.

como sujeito, e o [A] que é posto como predicado (§ 5) nenhuma oposição é em si possível. Pois na medida em que ambos são sujeito e predicado, eles não pertencem à essência, mas ao ser da identidade absoluta, ao passo que na medida em que eles pertencem à essência da própria identidade absoluta^e, eles não podem ser pensados como distintos. Não há assim entre ambos nenhuma oposição em si.

Ad. 1. Trata-se de um e mesmo A inteiro que é posto na posição de sujeito e na [posição] de predicado.

Ad. 2. A identidade absoluta é apenas sob a forma de uma identidade da identidade. Pois a identidade absoluta é apenas sob a forma da proposição $A = A$ (§ 15), e essa forma é posta juntamente com o seu ser. Contudo, na proposição $A = A$, o mesmo é [posto como] idêntico a si, isto é, uma identidade da identidade é posta. A identidade absoluta é assim apenas enquanto identidade de uma identidade, e esta é forma do seu ser, a qual é inseparável do ser mesmo.

[123]

§ 17. *Há um conhecimento originário da identidade absoluta e este [conhecimento] é imediatamente posto com a proposição $A = A$. Pois há um conhecimento da identidade absoluta em geral (§ 7). Ora, não há*

^e *Adendo:* ou são a própria identidade absoluta.

nada fora da identidade absoluta, de modo que este conhecimento está na própria identidade absoluta. Tal conhecimento contudo não se segue imediatamente da essência dela, pois de sua essência segue-se apenas que ela *é*; ele deve então se seguir imediatamente do ser dela e, por conseguinte, pertencer à forma do seu ser (§ 15, ad. 1). Ora, a forma do ser da identidade absoluta é tão originária como o seu próprio ser, e igualmente originário é tudo o que é posto com esta forma (*idem*). Assim, há um conhecimento originário da identidade absoluta, e como ele pertence à forma do seu ser, ele já é então imediatamente posto com a proposição $A = A^f$.

(122)

§ 18. *Tudo o que é, é: segundo a essência, a própria identidade absoluta, na medida em que esta é considerada em si e absolutamente; segundo a forma do ser, um conhecer da identidade absoluta.* A primeira parte da proposição se segue do § 12, a segunda, do § 17. Pois se o conhecimento da identidade absoluta pertence imediatamente à forma do *ser* dela, e se essa forma é inseparável do ser, então tudo o que é, é, segundo a forma do *ser*, um conhecimento da identidade absoluta.

Ad. 1. O conhecimento originário da identidade

^f *Adendo*: isto é, um atributo da própria identidade absoluta.

absoluta é assim igualmente o *seu ser* segundo a forma^g, e, inversamente, este ser segundo a forma [é] também um conhecer – (não um ser conhecido [*Erkanntwerden*]) – da identidade absoluta.

Ad. 2. Não há nenhum conhecido originário^h, mas o conhecer é o próprio *ser* originário, considerado segundo a forma²⁶.

§ 19. *A identidade absoluta é a sua identidade consigo mesma apenas sob a forma do conhecer.* Pois o seu

^g *Obs.:* apenas nela mesma infinito, e assim não se distingue do ser.

^h *Adendo:* separado do cognoscente.

²⁶ Tal asserção de Schelling captura o espírito da polêmica com Fichte: ou bem o ser é uma manifestação da forma do conhecer em consonância com a filosofia transcendental, ou inversamente o conhecer é um ser segundo a forma, como propõe Schelling. De um lado, tem-se uma expansão da noção de conhecer em função da qual mesmo o ser é apreendido como a manifestação de atividades cognitivas; de outro, tem-se uma expansão da noção de ser em função da qual mesmo o conhecer é apreendido como uma manifestação de um dos modos do ser – a tese da filosofia da identidade é que não se pode ter um lado sem o outro. Uma discussão completa sobre este ponto encontra-se na correspondência entre Fichte e Schelling de 1801 (ano da publicação da *Exposição do meu sistema da filosofia*), em que ambos discutem sobre o primeiro princípio da filosofia: Fichte defende que todas as distinções – mesmo aquelas entre ser e conhecer, natureza e espírito – fundam-se em uma análise do “ver”; ao passo que Schelling contra-argumenta que mesmo o ver é derivado da estrutura do ser em um sentido superior de ser – cf. GA III/5, pp. 46-7 e pp. 81-2.

conhecer é tão originário como a forma do seu ser (§ 18), e [é] com efeito a própria forma do seu ser (*idem*, ad. 1). Esta contudo é a forma de uma identidade da identidade (§ 16, ad. 2). Ora, não há nenhuma identidade fora dela, assim também o seu conhecer é apenas um conhecer de sua identidade consigo mesma, e como ela só é sob a forma do conhecer, então ela só é a sua identidade consigo mesma sob a forma do conhecer.

[124]

Ad. A totalidade do que é, é em si, ou segundo a sua essência, a própria identidade absoluta, [e é,] segundo a forma do seu ser, o autoconhecer da identidade absoluta em sua identidade. – Segue-se imediatamente.

§ 20. *O autoconhecer da identidade absoluta em sua identidade é infinito.*

Pois ele é a forma do seu serⁱ. O ser dela contudo é infinito (§ 10). Assim, este conhecer é também infinito^j.

(123)

§ 21. *A identidade absoluta não pode se conhecer infinitamente sem se pôr infinitamente como sujeito e como objeto.* – Esta proposição é evidente por si mesma.

§ 22. *É uma e a mesma identidade absoluta que é posta segundo a forma do ser, mas não segundo a essência, como sujeito e como objeto.* Pois a forma do

ⁱ *Adendo:* do ser da identidade absoluta.

^j *Adendo:* assim indistinguível.

ser da identidade absoluta é igual à forma da proposição $A = A$. Na mesma, contudo, um e o mesmo A inteiro é posto na posição de sujeito e de predicado (§ 16, ad. 1). Trata-se assim de uma e a mesma identidade que é posta, segundo a forma do ser, como sujeito e como objeto. Como ela, além disso, é posta como sujeito e objeto^k apenas segundo a forma do ser, então ela não o é *em si*, isto é, [ela não é] assim posta segundo a essência^l.

Ad. Não há nenhuma oposição em si^m entre sujeito e objeto.

§ 23. *Entre sujeito e objeto não háⁿ nenhuma outra diferença possível^o do que a [diferença] quantitativa.* Pois 1) não há nenhuma diferença qualitativa pensável entre ambos. – *Demonstração.* A identidade absoluta é independentemente de A como sujeito e como objeto (§ 6), e ela é em ambos igualmente incondicionada. Como se trata da mesma identidade absoluta que é posta como sujeito e como objeto, não há assim nenhuma diferença qualitativa. Resta pois que: 2) como nenhuma diferença

^k *Adendo:* de um modo distinguível.

^l *Obs.:* se essa forma não é um conhecer, então ela não em geral distinguível qua forma.

^m *Adendo:* em relação à identidade absoluta.

ⁿ *Adendo:* em geral.

^o *Obs.:* se ela é efetiva, é [algo] aqui inteiramente não decidido.

entre ambas em relação ao próprio ser é possível (pois ela é enquanto S e enquanto O igualmente incondicionada e portanto a mesma também segundo a essência), então apenas uma diferença quantitativa [é posta], isto é, uma [diferença] tal que ocorre em relação à *grandeza* do ser, [e] aliás de tal modo que a identidade, sem dúvida idêntica e única, é posta contudo com predominância [Übergewicht] da subjetividade^P ou da objetividade^Q.

(124)

Escólio. Pedimos ao leitor que, ao menos provisoriamente, siga-nos com confiança nessas demonstrações, pois elas serão inteiramente compreensíveis tão logo se desconsidere [*vergift*] o modo como os conceitos foram até aqui compreendidos, especialmente os conceitos correntes “subjetivo” e “objetivo”, e [tão logo assim] se pense em cada proposição tão somente aquilo que nós queremos que seja pensado – um lembrete que fazemos aqui de uma vez por todas. De início, ao menos está claro para todos que nós não reconhecemos nenhuma oposição entre sujeito e objeto (pois o que é posto na posição do primeiro e do último é o mesmo idêntico; sujeito e predicado são assim o mesmo segundo a essência), mas tão somente uma diferença entre subjetividade e objeti-

^P *Adendo:* do conhecer.

^Q *Adendo:* do ser.

vidade, as quais, dado que elas pertencem à forma do ser da identidade absoluta e assim à forma de todo ser, são de tal modo reunidas que elas podem ser postas, talvez não da mesma forma, mas como mutuamente predominantes, o que nós ainda não afirmamos de todo aqui, mas apenas formulamos como um pensamento possível. Como na proposição $A = A$, é um e o mesmo A que é posto na posição de predicado e de sujeito, então não é posta absolutamente nenhuma diferença entre ambos, mas antes uma absoluta indiferença, e uma diferença, isto é, uma distinção de ambos, só seria possível se uma subjetividade predominante ou uma objetividade predominante fosse posta, de tal modo que $A = A$ se convertesse em $A = B$ (em que B designa a objetividade posta) – seja este ou o seu oposto o predominante, pois em ambos os casos ocorre a diferença^r. Se nós exprimimos essa predominância da subjetividade ou da objetividade por potências do fator subjetivo, segue-se pois que, se $A = B$ é posto, então uma potência positiva ou negativa de A também já é pensada, e que $A^0 = B$ deve equivaler a $A = A$ [= 1], isto é, ser uma expressão da absoluta indiferença. Nenhuma outra diferença pode

^r *Obs.:* Com a diferença quantitativa surge igualmente a quantidade.

absolutamente ser concebida de uma outra maneira.

§ 24. *A forma da sujeito-objetividade não é ACTU²⁷, se uma diferença quantitativa de ambas não é posta.*

Demonstração. Pois ela não é *actu*, se subjetividade e objetividade não são postas como tais. Ora, elas não podem ser postas como tais, então [é forçoso que] elas sejam postas com diferença quantitativa (§ 23)^s. Assim, a forma da sujeito-objetividade não é *actu*, ou efetivamente posta, se a diferença quantitativa de ambas não é posta.

§ 25. *NENHUMA diferença quantitativa é pensável em relação à identidade absoluta.*

Pois esta [, a identidade absoluta,] é idêntica (§ 9) à absoluta indiferença do subjetivo e do objetivo (§ 1), não se pode pois distinguir nela nem um nem outro.

Ad. A diferença quantitativa só é possível *fora* da identidade absoluta.

[127]

Esta proposição é a mera inversão da anterior e ela é certa, mesmo se fora da identidade absoluta não há nada.

§ 26. *A identidade absoluta é totalidade absoluta. –*

²⁷ *Actu* exprime o substantivo *actus* (ato) no caso ablativo e desempenha portanto uma função adverbial, significando assim: *em ato*.

^s *Adendo:* Pois apenas deste modo elas são distinguíveis.

Pois ela própria é tudo o que é ou, ainda, ela não pode ser pensada como separada de tudo o que é (§ 12). Ela é assim apenas como todo, isto é, ela é a totalidade absoluta.

Definição. Chamo a totalidade absoluta de Universo.

Ad. A diferença quantitativa é apenas fora da totalidade absoluta. Esta proposição segue-se imediatamente dos § 26 e § 25, ad. 1.

§ 27. *Definição.* Chamo aquilo que é fora da totalidade absoluta de ser SINGULAR ou coisa.

(126) § 28. *Não há nenhum ser singular ou coisa* EM SI. Pois o único em si é a identidade absoluta (§ 8). Esta é contudo apenas como totalidade (§ 26)^t.

Obs. Não há nada em si fora da totalidade, e se algo é visto fora da totalidade, isso ocorre apenas por meio de uma separação arbitrária do individual em relação ao todo, a qual não acontece de fato, mas é realizada pela reflexão, já que tudo o que é, é uno (§ 12, ad. 1) e é na totalidade da identidade absoluta (§ 26).

§ 29. *A diferença quantitativa entre subjetividade e objetividade é pensável apenas em relação ao ser singular, mas não em si ou em relação à totalidade absoluta.* – A primeira parte da proposição segue-se imediatamente

^t *Adendo:* assim, apenas a totalidade é o Em si.

dos § 27 e § 26, ad.; a segunda parte, dos § 25 e § 26.

§ 30. *Se a diferença quantitativa em relação à coisa singular efetivamente ocorre, então a identidade absoluta, na medida em que ela é, deve ser representada como a indiferença quantitativa entre a subjetividade e a objetividade.* A demonstração segue-se imediatamente do fato de que identidade absoluta é a totalidade absoluta (§ 26)^u. (127)

[128]

^u *Obs.*: eu quero fazer de modo mais claro a dedução de que a identidade absoluta é necessariamente a totalidade. Ela repousa sobre as seguintes proposições:

- 1) A proposição $A = A$ exprime um ser, o da identidade absoluta; este ser é contudo inseparável de sua forma. Há aqui assim unidade do ser e da forma, e esta unidade é a existência suprema.
- 2) O ser que se segue imediatamente da essência da identidade absoluta pode ser apenas sob a forma $A = A$ ou da sujeito-objetividade. Não há tal forma, contudo, se subjetividade e objetividade não são postas com diferença quantitativa. Pois se ambas são postas como igualmente infinitas, então, como não há oposição *qualitativa* alguma, não há [tampouco] distinguibilidade [*Unterscheidbarkeit*] alguma; a forma é *quã* forma exterminada; aquilo que uma e outra [é] com igual infinitude coincide com aquilo que nem uma nem outra [é].
- 3) O mesmo vale também para a forma superior da existência, a qual repousa sobre a indiferença absoluta do conhecer e do ser. O Absoluto só pode ser posto como existente sob esta forma. Se há contudo uma indiferença efetiva, então não há distinguibilidade alguma, e esta forma não é posta como tal.
- 4) Assim, o Absoluto não existe *actualiter* [NT: atualmente, em ato] se uma diferença não for posta tanto em relação à forma superior – ideal e real – como em relação à subjetividade e objetividade.
- 5) Mas tal diferença não pode ser posta em relação ao *próprio*

Escólio. Nossa afirmação, para exprimi-la de modo mais claro, é então a seguinte: se nós pudéssemos ver na totalidade tudo aquilo que é, perceberíamos então no todo um equilíbrio completo entre subjetividade e objetividade^v, ou seja, nada mais do que a pura identidade na qual nada é distinguível, ainda que em relação ao singular a predominância possa incidir sobre um lado

Absoluto, pois o Absoluto é imutavelmente determinado como a indiferença total entre o conhecer e o ser, bem como entre a subjetividade e a objetividade. Uma diferença só pode assim ser posta em relação àquilo que é isolado, e na medida em que é isolado, do Absoluto. Este [isolado] é o singular [*Einzelne*]. Contudo, imediatamente com o singular é posto igualmente também o todo. O Absoluto somente é posto como Absoluto, na medida em que ele é posto no singular com diferença quantitativa, mas no todo com indiferença. Esta diferença no singular e indiferença no todo é justamente a totalidade. Assim, o Absoluto é apenas sob a forma da totalidade, e esta proposição “diferença quantitativa no singular e indiferença no todo” é justamente a identidade do finito e do infinito.

Definição de diferença quantitativa. – Uma diferença que não é posta segundo a essência (tal diferença não é de modo algum afirmada), uma diferença assim que repousa somente sobre a diversidade da forma e que pode ser chamada de *differentia formalis*. *Exemplo:* a ideia pura do triângulo. Nesta não se encontra nem um isósceles nem um não-isósceles, nem um equilátero nem um não-equilátero. Cada uma dessas formas constituem uma diferença quantitativa da ideia do triângulo. Agora, a ideia do triângulo só pode existir justamente na totalidade dessas formas, de modo que ele é posto no singular sempre com diferença, mas no todo com indiferença. – A diferença quantitativa é posta em geral apenas pelo ato de isolamento em relação ao próprio [todo].

^v *Adendo:* entre real e ideal.

ou sobre o outro, e [perceberíamos] assim que mesmo aquela diferença quantitativa não é posta de modo algum *em si*, mas apenas na aparência. Pois dado que a identidade absoluta – aquilo que *é* simplesmente e em tudo – não é de modo algum afetada pela oposição entre subjetividade e objetividade (§ 6), tampouco pode então a diferença quantitativa de ambas, em si ou em relação à identidade absoluta, ocorrer, e [assim] as coisas, ou fenômenos, que nos aparecerem como distintas, não são verdadeiramente distintas, mas [são] em realidade o Uno, de modo que todas elas apresentam a própria identidade límpida e pura, certamente não em si, mas na totalidade na qual as potências opostas suprimem-se originariamente umas às outras. A identidade contudo não é aquilo que é produzido, mas ela é apenas o originário, e se ela é produzida é somente porque ela *é*. Ela já está assim em tudo o que é. A força que desemboca na massa da natureza é a mesma, segundo a essência, que a força que se apresenta no mundo espiritual, com a diferença de que ela deve lutar naquela contra a predominância do real, e neste contra a predominância do ideal; mas também esta oposição [entre real e ideal] – a qual não é uma oposição segundo a essência, mas segundo a mera potência – aparece como tal apenas

[129]

(128)

[130]

para aquele que se encontra fora da indiferença e não vê a própria identidade absoluta como o originário^w. [A identidade absoluta] aparece como um produzido apenas para aquele que se isola, e na medida em que ele se isola, da totalidade; para aquele que não se distanciou do centro absoluto de gravitação, ela é *o primeiro ser*, o ser que nunca foi produzido, mas [que] é, da mesma maneira como algo em geral é, de modo que também o ser singular só é possível no interior dela, ao passo que fora dela – isto é, verdadeiramente e efetivamente isolado e não apenas [separado] em pensamento – não há nada. Agora, de que maneira é possível para essa identidade absoluta isolar-se ou ser isolada em pensamento, eis uma pergunta que ainda não pode ser respondida aqui, uma vez que nós antes de mais nada provamos que tal isolamento não é possível em si e que, do ponto de vista da razão, ele é falso e [é] até mesmo (como será visto em breve) a fonte de todo erro.

§ 31. *A identidade absoluta é apenas sob a forma da indiferença quantitativa do subjetivo e do objetivo*^x.

Obs. Aqui é afirmado sem qualificação aquilo que na

^w *Obs.*: essa oposição aparece como oposição apenas na medida em que eu isolo.

^x *Adendo*: e assim também do conhecer e do ser.

proposição anterior foi apenas condicionalmente posto.

Demonstração. Pois a identidade absoluta é apenas sob a forma da sujeito-objetividade (§ 22). Esta forma contudo não é ela mesma *actu* se uma diferença quantitativa não é posta fora da totalidade (§ 24), ao passo que na totalidade – e assim (§ 26) na identidade absoluta – [o mesmo se dá] se a indiferença quantitativa não é posta (§ 25). Por conseguinte, a identidade absoluta é apenas sob a forma da indiferença quantitativa do subjetivo e do objetivo. (129)

§ 32. *A identidade absoluta não é a causa do universo, mas o próprio universo.* Pois tudo o que é, é a própria identidade absoluta (§ 12). Ora, o universo é tudo o que é, etc.^y.

Obs. A longa e profunda ignorância a respeito desta proposição justificaria talvez que nos demorássemos mais na demonstração de que a identidade absoluta é o próprio universo e de que ela não pode ser sob nenhuma outra forma que não a do universo. Isso seria particularmente necessário em relação àqueles que se mantêm tão firmes e, por assim dizer, tão encrustados nas re- [131]

^y *Obs.:* Universo não = o material. A identidade é em toda eternidade novamente identidade, ao passo que um universo [material é algo distinto], isto é, um todo de diferentes coisas.

apresentações habituais, que eles não podem ser delas despregados [*losgerissen*] nem mesmo pela demonstração filosófica (para a qual eles são privados de sentido). Estou contudo convencido de que cada um pode ser persuadido da verdade desta proposição, tão logo ele tenha refletido adequadamente sobre as seguintes proposições e compreendido [*einsieht*] que elas podem ser provadas de modo inegável, a saber: 1) que a identidade absoluta é somente sob a forma da proposição $A = A$, e que, dado que ela é, esta forma também é; 2) que esta forma é originária, e assim [que], em relação à identidade absoluta, [ela] é a [forma] do sujeito e do objeto^z; 3) que a identidade não pode ser efetiva (*actu*) sob esta forma (como de fato é pressuposto, dado que a identidade absoluta é *actu* da mesma maneira como ela é *potentia*) se a indiferença exprimida na proposição $A = A$ não é quantitativa^a; 4) que esta indiferença quantitativa só pode ser sob a forma da totalidade absoluta, e assim [sob a forma] do universo, e que por conseguinte a identidade absoluta, na medida em que ela é (*existe*), deve ser o universo.

§ 33. *O universo é tão eterno quanto a própria iden-*

^z *Adendo*: ser e conhecer.

^a *Adendo*: não qualitativa.

tidade absoluta. Pois ela é apenas enquanto universo (§ 32), ela é contudo eterna, assim o universo é igualmente tão eterno quanto ela. (130)

Obs. Nós podemos dizer com razão que a identidade absoluta é ela mesma o universo, inversamente contudo, que o universo seja a identidade absoluta, só pode ser afirmado sob a seguinte restrição: ele é a identidade absoluta considerada segundo a essência e a forma do seu ser.

§ 34. *A identidade absoluta é a mesma segundo a essência em cada parte do universo*; pois ela é segundo a sua essência completamente independente de A como sujeito e como objeto (§ 6) e, por conseguinte, (§ 24) também completamente independente de toda diferença quantitativa, e assim [ela é] a mesma em cada *parte* do universo.

*Ad. 1. O ser da identidade absoluta é indivisível*²⁸. Pela mesma razão. Seja lá o que for que possa ser dividido, a identidade absoluta não o pode jamais^b. [132]

Ad. 2. Nada do que é pode ser aniquilado segundo o

²⁸Cf. Spinoza, *Ethica*, Pars I, Propositio XIII: “A substância absolutamente infinita é indivisível”.

^b *Obs.*: divisibilidade = quantidade: a identidade absoluta independente de toda quantidade.

ser. Pois nada pode ser aniquilado sem que a identidade absoluta deixe de *ser*; como ela com efeito *simplesmente* é, sem qualquer relação à quantidade, então, se ela pudesse ser suprimida em uma parte do todo, ela deixaria simplesmente de ser, pois não seria mais preciso (se podemos nos expressar assim) aniquilá-la no todo como na parte, pois pela aniquilação da parte ela já seria em geral suprimida. Por isso, é impossível que algo que é seja aniquilado segundo o ser.

§ 35. *Nenhum singular tem em si mesmo o fundamento de sua existência.* Pois do contrário o ser deveria resultar de sua essência. Todavia, tudo é idêntico segundo a essência (§ 12, ad. 1). Assim, não pode a essência de nenhuma coisa singular conter o fundamento de que ela seja esta coisa singular; ela, enquanto tal, não é assim por si mesma.

(131) § 36. *Todo ser singular é determinado por um outro ser singular^c.* Pois, *enquanto* ser singular, ele não é determinado por si, porque ele não é em si e não possui em si o fundamento do seu ser (§ 35), tampouco [pode sê-lo] pela identidade absoluta, pois esta contém apenas o fundamento da totalidade, assim como do ser na medida

^c *Obs.:* o primeiro alicerce [*Grundlage*] do princípio da causalidade.

em que ele é concebido na totalidade; portanto, o ser singular só pode assim ser determinado por um outro ser singular, o qual é novamente determinado por um outro, e assim sucessivamente ao infinito²⁹.

Ad. Não há assim nenhum ser singular que não seja, enquanto tal, um ser determinado e por conseguinte um limitado.

§ 37. *A diferença quantitativa do subjetivo e do objetivo é o fundamento de toda finitude, e, inversamente, a indiferença quantitativa de ambos é [a] infinitude.*

Pois, no que diz respeito ao primeiro ponto, tal é o fundamento de todo ser singular (§ 29) e por conseguinte também (§ 36) de toda finitude. O segundo ponto contudo segue-se por si do primeiro.

Esc. A expressão geral do fundamento de toda finitude é assim (segundo o § 23, *esc.*): $A = B$.

[133]

§ 38. *Cada ser individual é, enquanto tal, uma forma determinada do ser da identidade absoluta, mas não o*

²⁹Cf. Spinoza, *Ethica*, Pars I, Propositio XXVIII: “Nenhuma coisa singular, ou seja, nenhuma coisa que é finita e tem uma existência determinada, pode existir nem ser determinada a operar, a não ser que seja determinada a existir e a operar por outra causa que também é finita e tem uma existência determinada; por sua vez, essa última causa tampouco pode existir nem ser determinada a operar a não ser por outra, qual também é finita e tem uma existência determinada, e assim por diante, até o infinito”.

*próprio ser dela, o qual é apenas na totalidade*³⁰.

Pois cada ser individual e finito é posto por uma diferença quantitativa de S e O³¹ (§ 37), a qual é por sua vez determinada por um outro ser, isto é, por uma outra diferença quantitativa de S e O. Ora, S e O é (§ 22) a forma geral do ser da identidade absoluta, [de modo que] a diferença quantitativa determinada de ambos é assim a forma determinada do ser da identidade absoluta; mas justamente por isso [tal forma] não [é] o *próprio* ser dela, o qual é apenas na indiferença quantitativa de S e O, isto é, apenas na totalidade.

³⁰Cf. Spinoza, *Ethica*, Pars I, Propositio XXV, escólio: “As coisas particulares nada mais são que afecções dos atributos de Deus, ou seja, modos pelos quais os atributos de Deus exprimem-se de uma maneira definida e determinada”.

³¹Os termos S e O aparecem abreviados na publicação original da *Revista de física especulativa* e foram retomados de forma abreviada na edição da academia (HKA); o filho de Schelling, na primeira edição de suas obras completas (SW), substitui as abreviações pelos termos “subjetividade” e “objetividade”, para deixar claro que não se trata aqui dos termos “sujeito” e “objeto”, como pode parecer à primeira vista. O ponto é: a identidade absoluta é posta sob a forma do ser como sujeito e como objeto, mas em ambos os casos, ela manifesta uma diferença quantitativa de subjetividade e objetividade, de modo que o sujeito é uma sujeito-objetividade com predominância da subjetividade e o objeto é uma sujeito-objetividade com predominância da objetividade. Na sequência do texto, as abreviações de S e O (que designam subjetividade e objetividade) serão mantidas como no texto original de Schelling.

Ad. A proposição (§ 36) pode assim ser exprimida nos seguintes termos: cada ser individual é determinado pela identidade absoluta, não na medida em que ela é simplesmente, mas na medida em que ela é sob a forma de uma diferença quantitativa determinada de A e B, cuja diferença é novamente determinada da mesma maneira, e assim ao infinito^d.

(132)

Obs. 1. Poder-se-ia perguntar por que justamente essa relação vai ao infinito, e nós respondemos: pela mesma razão pela qual ocorre [uma diferença quantitativa] entre o primeiro e o segundo, ocorre também entre todos os seguintes, pois com efeito um primeiro ponto em que a identidade absoluta tenha se convertido em uma coisa singular não pode jamais ser dado, uma vez que [apenas] a totalidade, mas não o singular, é o originário, de tal modo que se a série não recuasse ao infinito, a coisa singular não seria acolhida na totalidade, mas deveria ser por si mesma, o que é absurdo.

Obs. 2. Segue-se daqui igualmente que a lei dessa relação não é aplicável à totalidade mesma, [e] que ela se encontra assim fora de $A = A$. Mas, por todas as leis desse tipo, nada é determinado como é *em si* ou na razão (§ 4, ad. 1.), o mesmo será válido igualmente para

^d *Adendo*: uma diferença pressupõe a outra.

[134] a lei dessa relação, e inversamente.

§ 39. *A identidade absoluta é no singular sob a mesma forma sob a qual ela é no todo, e inversamente no todo sob nenhuma outra forma do que aquela sob a qual ela é no singular.*

Demonstração. A identidade absoluta é também no singular, pois todo singular é apenas uma forma determinada do ser dela, e ela é em cada indivíduo *inteira*, dado que ela é simplesmente indivisível (§ 34, ad.) e, *enquanto* identidade absoluta, não pode ser suprimida jamais (§ 11). Assim, uma vez que ela é em geral apenas sob uma forma, ela é então no singular sob a mesma forma sob a qual ela é no todo e, por conseguinte, também no todo sob nenhuma outra forma do que aquela sob a qual ela é no singular.

(133) A demonstração também pode ser realizada a partir do § 19 e segs., pois, dado que a identidade absoluta é, segundo a forma do ser, um autoconhecer infinito, segue-se que há igualmente ao infinito sujeito e objeto em diferença e indiferença quantitativa.

§ 40. *Todo singular certamente não é absolutamente infinito, mas é infinito em seu gênero^e.* Ele não é abso-

^e *Adendo:* e na medida em que [é] infinito, não [está] sob a lei do § 36.

lutamente infinito, pois (§ 1) há algo fora dele, e ele é determinado em seu ser por algo fora dele (§ 36). Ele é contudo no seu gênero, ou, dado que o gênero do ser é determinado pela diferença quantitativa de S e O (§ 29) e essa diferença é por sua vez exprimida por potências do indivíduo de ambas (§ 23, esc.), ele é infinito em sua potência; pois ele exprime, sob a mesma forma que o infinito^f, o ser da identidade absoluta para a sua potência^g, ele é assim ele mesmo infinito em relação à sua potência, mesmo que ele não o seja absolutamente³².

§ 41. *Todo singular é uma totalidade em relação a si mesmo.* Esta proposição é uma consequência necessária e imediata da anterior.

Obs. Poder-se-ia perguntar ainda aqui o que este mesmo singular é em relação à totalidade absoluta. Contudo, em relação a ela mesma, ele, enquanto singular,

^f *Adendo:* por exemplo, a divisibilidade infinita ou ainda a indivisibilidade.

^g *Correção:* ao seu modo.

³²Cf. Spinoza, *Ethica*, Pars I, Definitio VI: “Por Deus compreendo um ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita. – *Definição.* Digo absolutamente infinito e não infinito em seu gênero, pois podemos negar infinitos atributos àquilo que é infinito apenas em seu gênero, mas pertence à essência do que é absolutamente infinito tudo aquilo que exprime uma essência e não envolve qualquer negação”.

[135]

não é de modo algum; pois do ponto de vista da totalidade absoluta, apenas ela mesma é, e fora dela não há nada. Todo singular é assim um singular, apenas na medida em que ele é pensado sob a lei da relação determinada no § 36, mas não na medida em que ele é considerado *em si* ou em vista daquilo que ele tem em comum com o infinito.

Ad. A proposição acima também pode ser assim exprimida: todo $A = B$ é, em relação a si mesmo ou em si mesmo considerado, um $A = A$, e assim absolutamente idêntico consigo. Sem isso, nada seria efetivo, pois tudo o que é, é apenas na medida em que exprime a identidade absoluta sob uma forma determinada do ser (§ 38).

§ 42. *Definição.* Chamarei a totalidade, na medida em que o singular a apresenta em relação a si mesmo, de [totalidade] relativa, não que ela não seja absoluta em relação ao singular, mas porque ela é meramente relativa em relação à totalidade absoluta.

(134)

Definição 2. Cada potência determinada designa uma diferença quantitativa determinada de S e O, a qual tem lugar em relação ao todo, ou à totalidade absoluta, mas não em relação a esta potência; assim, por exemplo, ainda que um expoente negativo de A designe uma predominância da objetividade em relação ao todo

(portanto em relação tanto ao A como ao B), seguir-se-á todavia que, justamente em função desta predominância incidindo sobre ambos no interior da mesma potência em que ela ocorre, um perfeito equilíbrio de ambos os fatores é possível, [e] assim [que] $A = B$ é um $A = A^h$. (135)

^h *Obs.*: o conceito de *potência* pode ser mais concretamente compreendido do seguinte modo. O *existente* é sempre apenas a indiferença, e não existe nada verdadeiramente *fora dela*: mas ela existe também de maneira infinita, e não existe jamais de outro modo que sob a forma $A = A$, isto é, como conhecer e ser. Podemos considerá-la no singular ou no todo. Ela existe, no singular e no todo, sob a mesma forma. No todo, a oposição sob cuja forma ela existe se dá entre o ser infinito e o conhecer infinito, e aquilo que se encontra nesse ponto de indiferença (no Absoluto), não pode justamente por isso ser um nem o outro, nem o conhecer infinito nem o ser infinito, e apenas na medida em que ela não é *nem* um *nem* o outro, ela é o *em-si*. Além disso, o ser é infinito como o conhecer, e ambos, tanto o ser infinito quanto [136] o conhecer infinito, são exprimidos pela proposição $A = A$. Como a proposição exprime ambos, o infinito encontra-se, tanto em relação ao conhecer quanto ao ser, sob a forma da proposição $A = A$. A indiferença entre conhecer e ser não é assim a *simples* identidade entre A enquanto sujeito e A enquanto objeto (Spinoza), mas a indiferença de $A = A$ enquanto expressão do ser e $A = A$ enquanto expressão do conhecer. A indiferença *qualitativa* seria posta se A enquanto sujeito e A enquanto objeto fossem opostos um ao outro. Este contudo não é o caso jamais, exceto em relação ao finito. Em relação ao infinito, não se trata de A enquanto sujeito e A enquanto objeto, mas de $A = A$ e $A = A$, isto é, de uma identidade contraposta a outra. Ambas são igualmente infinitas, e assim indistinguíveis, mas justamente porque são igualmente infinitas, elas não são unidas por uma *síntese*, isto é, por algo *subordinado*, mas pelo *superior* [*Höhere*], pelo *em-si* absoluto. Uma vez contudo que o ser infinito tal como o conhecer [infinito]

Obs. Pedimos aos leitores que retenham bem essa definição, na medida em que apenas por ela serão postos em posição de compreender a coerência completa [*den gesamten Zusammenhang*] do que se segue.

§ 43. *A identidade absoluta é apenas sob a forma de todas as potências.*

Esta proposição segue-se imediatamente da def. 2 do § 42 – comparar com a proposição segundo a qual a identidade absoluta é apenas enquanto indiferença quantitativa de S e O (§ 31).

§ 44. *Todas as potências são absolutamente simultâneas.* Pois a identidade absoluta é apenas sob a forma de todas as potências (§ 43). Ela é contudo eterna e sem nenhuma relação ao tempo (§ 8, ad. 2). Assim, todas as potências são igualmente sem nenhuma relação ao tempo e simplesmente eternas, sendo por conseguinte também simultâneas entre siⁱ.

[137]

encontra-se sob a forma da proposição $A = A$, também aquilo que é um mero ser em relação à identidade absoluta é por sua vez posto sob esta forma, isto é, ele é *em relação a si mesmo novamente indiferença entre o conhecer e o ser*. Ora, que ele seja em relação ao Absoluto, ou bem sob o atributo do conhecer ou sob o do ser, ou bem sob $A = A$ enquanto expressão do ser ou sob o mesmo enquanto expressão do conhecer, é precisamente o que constitui a potência.

ⁱ *Obs.*: toda dedução causal é assim extirpada [*abgeschnitten*]. Nem o pensar a partir do ser, nem o ser a partir do pensar. O

Observação. Como todas as potências são simultâneas, não há nenhuma razão para se começar por uma ou por outra, e não resta assim nada mais do que a expressão universal da potência em geral, isto é, $A = B$ (§ 23, def.), como o objeto imediato da consideração [a ser tomada como ponto de partida]. Tomamos aqui a liberdade de recorrer a algumas proposições das quais, por motivos de concisão, não exporemos a demonstração detalhada, a qual de resto é realizada parcialmente no *Sistema do idealismo transcendental* e parcialmente nos tratados desta revista, aos quais remetemos aqueles que não estão familiarizados com a prova e querem nos seguir em nossas demonstrações.

[Obs.] I) Seja $A = B$ a expressão da potência (da diferença quantitativa em relação ao todo), de maneira que B é posto em $A = B$ como aquilo que *é* de modo originário (como o princípio real), e A, por outro lado, como aquilo que não *é* no mesmo sentido em que B, mas que reconhece B, [sendo posto] assim como o princípio ideal. Para um conhecimento mais exato desta proposição, sugiro o meu *Sistema do idealismo transcendental*, p. 77, e especialmente 84³³. Tal oposição não ocorre de

(136)

erro do idealismo é fazer de *uma potência* a primeira.

modo algum em si ou do ponto de vista da especulação. Pois A *é em si* tanto quanto B, pois A assim como B é a identidade absoluta inteira (§ 22) que apenas sob ambas estas formas A e B – e sob ambas igualmente – *existe*. Como A é o princípio cognoscente [e] B, por outro lado, como vamos ver, é o ilimitado em si ou a extensão infinita, temos então aqui ambos os atributos spinozistas da substância absoluta, pensamento e extensão³⁴, com a diferença que nós não os pensamos aqui meramente *idealiter*, tal qual se entende ao menos vulgarmente Spinoza³⁵, mas [pensamo-lo] integralmente como Uno *realiter*; de modo que nada pode ser posto sob a forma A que não seja enquanto tal, e *eo ipso*, também posto sob a forma B; e nada é posto sob [a

³³As páginas do *Sistema do idealismo transcendental* citadas por Schelling correspondem nas duas edições padrão de suas obras completas a: HKA I/9, p. 76 e p. 81; e SW III, p. 385 e p. 390.

³⁴Cf. Spinoza, *Ethica*, Pars II, Propositio I-II: “O pensamento é um atributo de Deus, ou seja, Deus é uma coisa pensante”; “A extensão é um atributo de Deus, ou seja, Deus é uma coisa extensa.”

³⁵Sobre a compreensão usual de Spinoza aludida por Schelling, ver em especial o célebre *Über die Lehre des Spinoza* de Jacobi, no qual ele afirma: “o pensamento em si mesmo considerado pertence tão pouco à extensão como a extensão, em si mesma considerada, pertence ao pensamento, mas eles são unidos única e simplesmente porque são propriedades de uma e da mesma essência indivisível” – cf. Jabobi, *Über die Lehre des Spinoza*, 1789, p. 190.

forma] B que não seja imediatamente, e justamente por isso, posto sob [a forma] A – pensamento e extensão não são assim em nada, nem mesmo no pensamento ou na própria extensão, separados, mas eles são continuamente [*durchgängig*] juntos e um.

[Obs.] II) Se $A = B$ é em geral a expressão da finitude, então A deve ser pensado como princípio da mesma. [138]

[Obs.] III) B, o qual originariamente É, é o simplesmente limitável, em si mesmo ilimitado; A, por outro lado, [é] o limitante; e dado que cada um é *em si* infinito, então aquele deve ser pensado como o positivo, este como o negativo, e portanto ao infinito em direções opostas.

§ 45. *Nem A nem B pode ser posto em si, mas apenas um e o mesmo [pode ser posto] ao mesmo tempo que a subjetividade e a objetividade predominantes, e que a indiferença quantitativa de ambas^j.*

Demonstração. Não há nada em si fora da identidade absoluta (§ 8), esta é contudo posta ao infinito sob a

(137)

^j Obs.: em outras palavras, tal proposição diria o seguinte: nem A como sujeito nem A como objeto pode ser posto *em si*, mas apenas um e o mesmo $A = A$ com idealidade predominante (como expressão do conhecer) e realidade [predominante] (como expressão só ser) e com a indiferença quantitativa de ambas.

forma de S e O^k(§ 21 e segs.), assim tampouco S ou O pode ser posta para si ao infinito (por exemplo, em alguma parte), e se a diferença quantitativa (A = B) é posta, isto se dá apenas sob a forma da predominância de uma sobre a outra, tanto no todo como no singular (§ 39). Não há destarte nenhuma razão para que uma seja posta antes da outra como predominante. Assim, ambas devem ser postas simultaneamente como predominantes e isso, por sua vez, não é pensável sem que ambas sejam reduzidas à indiferença quantitativa. Assim, nem A nem B podem ser em si postos, mas apenas o idêntico simultaneamente com S e O predominantes e com a indiferença quantitativa de ambas.

§ 46. *Apenas em direções opostas podem subjetividade e objetividade ser postas como predominantes.*

[139]

Segue-se imediatamente do § 44, obs. III¹.

Ad. A forma do ser da identidade absoluta pode assim ser em geral pensada sob a imagem de uma linha,

$$\frac{A^+ = B \quad A = B^+}{A = A^o},$$

^k *Adendo:* A como subjetividade ou A como objetividade.

¹ *Obs.:* não saímos assim jamais da forma da sujeito-objetividade, de A = A. Toda distinção reside em que A = A é posto em uma direção enquanto conhecer infinito, e em outra direção enquanto ser infinito.

na qual em cada direção é posto o mesmo idêntico, mas com A ou B como predominante em cada uma das direções opostas, ao passo que no ponto de equilíbrio encontra-se o $A = A$ (designamos a predominância de um ou do outro por meio do sinal +).

Escólio. À guisa de observações adicionais [*Zur weitem Betrachtung*], acrescentamos algumas reflexões gerais sobre tal linha.

A) O mesmo idêntico é posto ao longo de toda a linha, e mesmo em $A = B^+$ não é B *em si* que é posto, mas ele o é apenas de modo predominante. O mesmo vale de A em $A^+ = B$.

B) O que vale para a linha toda, vale também para cada parte dela ao infinito. *Demonstração.* Pois a identidade absoluta é posta infinitamente e ao infinito sob a mesma forma (§ 39). Assim o que vale para a linha toda vale também para cada parte sua ao infinito.

(138)

C) A linha construída é assim divisível ao infinito, e a sua construção é o fundamento de sua divisibilidade ao infinito.

Obs. Explica-se assim igualmente por que a identidade nunca é dividida (§ 34, ad.). Com efeito, em cada parte, há sempre os três pontos, isto é, a identidade absoluta inteira, a qual é apenas sob esta forma. Mas

justamente [o fato de] que a identidade absoluta nunca é dividida é o que torna possível a divisibilidade infinita daquilo que não é a identidade absoluta, mas (§ 27) uma coisa singular^m.

D) Chamo $A^+ = B$ e $A = B^+$ de polos, $A = A$ de ponto de indiferença, de modo que cada ponto da linha é, dependendo do modo como for considerado, ponto de indiferença ou polo – e[, sendo polo,] ou bem este ou aquele polo oposto. Pois como a linha é divisível ao infinito (C), e [como] a divisão em cada direção é livre, pois ela é a mesma em cada uma (A), então cada ponto pode igualmente se tornar, um após o outro, ponto de indiferença e polo – e de ambos os polos, ora um ora o oposto – dependendo do modo como eu divido.

[140]

Ad. Explica-se com isso: a) como a linha, abstraindo-se do fato de que eu (*idealiter*) a divido – por conseguinte *realiter* ou em si mesma considerada – é a identidade absoluta, em que não nada há nada a ser distinguido; b) como nós, dado que essa linha é a fórmula fundamentalⁿ de todo o nosso sistema^o, nunca saímos *in abstracto* do ponto de indiferença.

^m *Adendo:* o que é pensado sob o conceito da quantidade.

ⁿ *Adendo:* da construção.

^o *Obs.:* para o filósofo o mesmo que a linha é para o geômetra.

E) Ambos os polos podem ser pensados como infinitamente próximos ou infinitamente afastados. – Segue-se imediatamente das proposições precedentes.

(139)

F) Pela prolongação dessa linha ao infinito, nada diferente desses três pontos pode jamais ser engendrado. – Esta proposição é a mera inversão de uma parte da precedente.

§ 47. *A linha construída (§ 46, ad.) é a forma do ser^P da identidade absoluta no singular e no todo. A demonstração está contida nas proposições precedentes, a partir do § 45. – Tal linha preenche assim a exigência do § 39.*

§ 48. *A linha construída é a forma do ser da identidade absoluta apenas na medida em que A e B são postos^Q em todas as potências como SENDO^R. – Pois a identidade absoluta é apenas sob a forma de A e de B, isto é, A e B são eles mesmos de modo tão certo quanto a identidade absoluta, e dado que ela é apenas sob a forma de todas as potências, então A e B são postos como sendo em todas as potências.*

Ad. Assim, o grau da subjetividade com o qual A

^P *Correção:* da existência.

^Q *Obs.:* sendo completamente indiferente pensá-lo sob um ou outro atributo.

^R *Adendo:* como igualmente real.

[141]

é (§ 45) deve ser completamente independente deste *ser*^s de A em todas as potências, pois a variabilidade das potências repousa justamente sobre a variabilidade deste grau (§ 23, def.).

§ 49. *A linha construída não pode, em si considerada, conter o fundamento de nenhuma potência singular.* — Pois ela é no todo do mesmo modo como ela é na parte (§ 47), ela exprime assim todas as potências do mesmo modo como ela exprime a [potência] singular.

Ad. O mesmo vale para a fórmula $A = B$, pois ela é a expressão da potência em geral (§ 23, def.).

§ 50. *A fórmula $A = B$ só pode exprimir um ser NA MEDIDA EM que nela ambos, A e B, são postos como SENDO*^t.

(140)

Demonstração. Pois todo $A = B$, na medida em que ele designa um ser, é, em relação a este, um $A = A$ (§ 41, ad.), isto é, [é uma] totalidade relativa; ora, a totalidade relativa é apenas aquela que exprime a identidade absoluta para a sua potência sob a mesma forma que o infinito (§ 42); a identidade absoluta, contudo, só é [posta] no infinito na medida em que A e B são postos em todas as potências como *sendo* (§ 48). Assim, A

^s *Adendo:* deste ser-real [*Reellseyn*].

^t *Adendo:* como igualmente reais.

= B do mesmo modo só é a expressão de um SER na medida em que A e B são ambos postos como *sendo*.

Ad. O grau da subjetividade ou da objetividade de A e B é contudo completamente independente deste ser de A e B (§ 48, ad.).

Escólio 1. Se designamos por A e B ambos os fatores opostos da construção^u, então $A = B$ não se encontram sob A nem sob B, mas no ponto de indiferença de ambos. Ora, este ponto de indiferença não é contudo o [ponto de indiferença] absoluto, pois neste se encontra $A = A^v$ ou a indiferença quantitativa, ao passo que no presente [encontra-se] $A = B$ ou a diferença quantitativa^w. No $A = B$, A é posto efetivamente como mero cognoscente, ao passo que B é posto como aquilo que originariamente é; aquele [é posto] assim (§ 44, obs. I) como mero ideal e este como real. Isso não pode ser assim, pois A é como B (*idem*) e deve ser idêntico a ele não apenas *idealiter*, mas também *realiter*, isto é, deve ser conjuntamente com ele – e é apenas nessa medida que B também é. Se ambos devem ser postos como reais, então surge necessariamente na transição da identidade

^u *Adendo*: subjetividade e objetividade.

^v *Adendo*: como indiferença do conhecer e do ser.

^w *Adendo*: do conhecer e do ser.

[142] relativa para a totalidade relativa uma duplicidade relativa, a qual surge contudo apenas depois que ambas são postas como idênticas *realiter*. O esquema seguinte vai ajudar a tornar [o argumento] intuitivo.

$$\begin{array}{ccc}
 A & & B \\
 & 1. & A = B \\
 & & \text{(identidade relativa)} \\
 2. & A & B \\
 & & \text{(duplicidade relativa)} \\
 & 3. & A = B \\
 & & \text{(totalidade relativa)}
 \end{array}$$

(141) Sobre este esquema podem-se fazer as seguintes observações. – Nele, a identidade relativa é distinguida da totalidade relativa^x. Por outro lado, a identidade absoluta é também a totalidade absoluta (§ 26), pois nela A e B não são de modo algum postos como distintos e assim tampouco o são como ideais ou reais. – Na medida em que $A = B$ é posto como identidade relativa, um destaque do A [*ein Heraustreten des A*] em relação à mesma é também necessariamente posto, pois ele deve ser posto como *sendo* (§ 50) ou como *real*, ainda que

^x *Obs.*: toda construção parte da identidade relativa. A identidade absoluta não é construída, mas ela é simplesmente

subjetivamente. A totalidade *desta* potência é assim produzida na medida em que A conjuntamente com B é posto sob B^y ; este $A = B$ no qual A é posto juntamente com B como *sendo*, [quando ele é] considerado em e para si e de modo inteiramente isolado, é efetivamente o $A = A$ desta potência, [e assim] ele é $A = B$ – isto é, objetividade ou subjetividade predominante – apenas em relação ao todo, mas não em relação a si mesmo (§ 42, def. 2). Pedimos que não se deixe de considerar com atenção estas observações, pois ainda que elas em geral sirvam apenas para o esclarecimento de nosso método, elas, justamente por isso, não são de modo algum menos necessárias, e [são até mesmo] indispensáveis para uma compreensão cuidadosa da construção deste sistema. – O que se segue vai servir para mostrar de modo mais claro o sentido do esquema acima formulado. Em $A = B$ (pensado como identidade relativa), a identidade absoluta é posta em geral apenas sob a forma do auto-conhecer, ela é limitada pelo subjetivo em relação ao originariamente objetivo, nós chamamos esta direção na qual B (como extensão infinita) é limitado de direção para o *exterior*, [já] aquela em que apenas A pode ser limitado, [chamamos] de direção para o *interior*. – Ora,

^y *Adendo*: exprimido por $A = B$.

a identidade absoluta é posta como um autoconhecer infinito (§ 19; § 20); nada pode assim haver em geral nela (por exemplo, a limitabilidade) que não seja posto sob a forma do autoconhecer, e isso deve necessariamente prolongar-se até que ela seja posta sob a forma do autoconhecer absoluto. É necessário assim também que ela se reconheça imediatamente com A como limitada em sua subjetividade, com B como limitada em sua objetividade, e [que reconheça igualmente] essa limitação como conjuntamente posta; da infinitude do autoconhecer da identidade absoluta segue-se assim imediatamente a transição da identidade relativa para a totalidade relativa como uma [transição] necessária.

[143]

(142)

2. A totalidade relativa é a realidade comum de A e B (este §, ponto 1). Fora da identidade absoluta é posta assim uma tendência geral ao ser e à realidade em relação ao subjetivo. Essa tendência não pode mais ser na própria identidade absoluta, pois nela não há mais nenhuma oposição entre subjetivo e objetivo, nela a realidade suprema e a idealidade suprema encontram-se em uma unidade indistinguível. Pode-se dizer assim da realidade, mas não da objetividade, que ela é o predominante ao longo de toda a série, pois tudo, também o subjetivo, esforça-se na direção dela [*strebt zu ihr*]. –

Na própria realidade suprema, há por sua vez totalidade absoluta, equilíbrio absoluto da subjetividade e da objetividade³⁶.

3. Como o esquema delineado acima é deduzido do conceito de potência em geral ($A = B$), segue-se que ele é necessariamente o esquema de todas as potências, e como além disso a totalidade absoluta só é construída por um tornar-se real do subjetivo em todas as potências, assim como a [totalidade] relativa apenas por um tornar-se real na potência determinada, segue-se pois que a própria sucessão das potências deve por sua vez ser igualmente submetida a esse esquema.

³⁶Vê-se aqui uma expansão do conceito de *realidade* e de *ser*, típica da filosofia da identidade de Schelling; o ser não é o outro do conhecer, mas há um sentido superior de ser que funda a própria distinção entre os sentidos usuais de realidade e conhecimento; este ponto é formulado por Schelling com clareza em seu debate epistolar com Fichte no mesmo ano da publicação da *Exposição* – assim, no dia 3 de outubro de 1801, após um intenso debate sobre o estatuto da natureza e da filosofia da natureza, escreve Schelling a seu predecessor em Iena: “dado que essa identidade absoluta do pensar e do intuir é o princípio supremo, ela é então efetivamente pensada como indiferença absoluta e necessariamente também como ser supremo; por oposição, o ser finito e condicionado (por exemplo, as coisas corpóreas singulares) exprime sempre uma diferença determinada do ser e da intuição. [...] *Para você*, ‘ser’ significa o mesmo que ‘realidade’ ou ainda o mesmo que ‘efetividade’. O ser *kat exochen* contudo não contém mais nenhuma oposição, pois ele é a unidade absoluta do ideal e do real” (GA III/5, p. 81).

§ 51. *A primeira totalidade relativa é a matéria.*

Demonstração.

a) *A = B não é algo real nem enquanto identidade relativa nem enquanto duplicidade relativa.* – Enquanto identidade, $A = B$ só pode ser exprimido pela linha, tanto no indivíduo como no todo (§ 46, ad.). Mas, nesta linha, A é posto continuamente como *sendo*. Assim (§ 50, esc. 1), tal linha supõe continuamente $A = B$ como totalidade relativa; a totalidade relativa é destarte o *primeiro pressuposto*, e se a identidade relativa é, ela é apenas por meio daquela [totalidade].

O mesmo vale para a duplicidade relativa. Pois dado que A e B não podem nunca ser separados um do outro, então a duplicidade relativa só seria possível na medida em que a identidade da linha ABC $A \text{---} \underset{C}{\text{---}} B$ (onde A deve designar o polo $A^+ = B$, B o polo $A = B^+$, C o ponto de indiferença) fosse suprimida, e AC tal como CB fossem postos como linhas distintas (sob o esquema do ângulo

$$\begin{array}{c} A \\ C \perp B \end{array}$$

[e] assim sob a forma das *duas primeiras* dimensões). Mas como tanto AC como CB são para si novamente o todo, segue-se que a duplicidade relativa, do mesmo modo que a identidade relativa, já pressupõe a totalidade

(143)

[144]

relativa, e se ela [a duplicidade relativa] é, então ela só pode ser por meio desta [totalidade].

b) Identidade relativa e duplicidade relativa estão contidas na totalidade relativa não *actu*, mas *potentia*. – Pois ambas a precedem certamente não *actu* (a), mas sem dúvida *potentia*, como se esclarece a partir da dedução (§ 50, *esc.*).

c) Um e o mesmo $A = B$ é assim posto simultaneamente sob a forma da primeira dimensão (comprimento) e das duas primeiras (comprimento e largura), e, mais precisamente, [ele é] posto para si sob cada uma dessas formas, o que é contraditório. Ambos opostos devem assim se extinguir reciprocamente em um terceiro (o qual aparece aqui como condição sob a qual A e B podem ser postos na totalidade relativa). Este terceiro deve ser de tal modo que o comprimento e a largura sejam suprimidos por ele, mas de maneira tal que A e B [ainda] manifestem diferença relativa, pois do contrário (§ 37) o infinito seria produzido (como será mostrado na sequência, o espaço infinito); portanto, a terceira dimensão deve ser produzida de maneira tal que A e B permaneçam em diferença quantitativa. Mas esta [diferença] precisamente encontra-se apenas na matéria, a qual representa a terceira dimensão sob a forma do

ser individual. *A matéria é assim a totalidade relativa em geral*, e como ela pode ser deduzida imediatamente de $A = B$, [isto é,] da expressão da potência em geral, segue-se que ela é a *primeira* totalidade relativa, ou aquela que é primeiramente posta quando a potência é em geral posta.

(144)

Ad. A matéria é o primum Existens. – Segue-se do que foi demonstrado*.

Observação geral.

Realizamos intencionalmente *esta* demonstração de

* Apenas alguém que tenha nos seguido sem um verdadeiro discernimento [*Einsicht*] do sentido de nosso sistema poderia ainda nos interromper aqui com a pergunta: este sistema é então realismo ou idealismo? Aquele que nos entendeu vê que essa pergunta em relação a nós não tem sentido. Para nós, com efeito, há em si somente a indiferença absoluta do ideal e do real, apenas esta é no sentido estrito da palavra, tudo o mais contudo é apenas em relação a ela. Assim, a matéria também não é como esta [indiferença], mas apenas na medida em que ela pertence ao ser da identidade absoluta e exprime a identidade absoluta para a sua potência [145]. Queremos aproveitar esta ocasião, que nos parece a mais adequada, para mostrar no exemplo da matéria como os três *genera cognitionis* de Spinoza podem ser comprovados no nosso sistema, bem como o significado que eles adquirem no mesmo. Estimar a matéria enquanto tal como real é o nível mais baixo do conhecimento; divisar na matéria aquilo que ela tem em comum com o infinito (totalidade em relação a si mesma), reconhecendo-a assim em geral apenas como totalidade, é o segundo [nível]; e finalmente reconhecer que a matéria, considerada em absoluto, não é em geral – mas que apenas a identidade absoluta é – é o nível mais elevado ou o verdadeiro conhecimento especulativo.

nossas proposições, pois ela é a mais concisa; aliás, o que importa a esse respeito são sobretudo os seguintes pontos: 1) que nos convençamos da originariedade [*Ursprünglichkeit*] da matéria e de que ela é o primeiro pressuposto; justamente por essa razão, tornar-se-á manifesto que ela é, tal como a identidade, apenas enquanto totalidade, e [que] mesmo originariamente [ela] não é nada mais; 2) que pensemos distintamente a exigência, [segundo a qual] A e B devem ser originariamente Um não meramente *idealiter* mas *realiter*, o que nos fará ver que esta exigência só é preenchida pela matéria. Pois a exigência é = à seguinte: algo que vai em si apenas para o interior (A) deve tornar-se real, de modo que deve ser posto um retorno real para o interior ou [ainda] um interior que é igualmente um exterior deve ser posto. Algo assim existe apenas naquilo que chamamos de o interior da matéria, o que corresponde à terceira dimensão. [Finalmente,] 3) que pensemos de modo determinado o ser-posto quantitativo de A e B; seja A, por exemplo, de tal modo infinito que ele retorne infinitamente a B, este então seria também infinitamente pressionado para o interior, de maneira que haveria apenas um interior e justamente por isso *nenhum* interior, já que este conceito só [tem sentido] em oposição, a qual só ocorre

na diferença quantitativa, mas jamais na indiferença – o mesmo vale também, se pomos B (o que vai para o exterior) [como infinito] ou se pomos finalmente ambos tanto A como B como infinitos. Apenas na totalidade relativa há um interior e um exterior; assim, tal como a matéria é em geral posta, ela é posta igualmente com diferença quantitativa de A e B.

[146]

§ 52. *A essência da identidade absoluta, na medida em que ela é o fundamento imediato da realidade, é a FORÇA.* – Segue-se imediatamente do conceito de força. Pois todo fundamento imanente de realidade chama-se força. A identidade absoluta, contudo, se ela é o fundamento imediato de uma realidade, então ela é igualmente o fundamento imanente. Pois ela em geral é somente o fundamento imanente de um ser (§ 32; § 38, obs. 2). Assim, etc.

§ 53. *A e B são postos imediatamente pela identidade absoluta como sendo ou como reais.* – A demonstração contém tudo o que precede, dado que nós deduzimos imediatamente da própria identidade absoluta o *primum Existens* (por conseguinte também A e B) como sendo.

Ad. 1. A identidade absoluta como fundamento imediato da realidade de A e B é assim a força (§ 52).

Ad. 2. A e B são fundamentos imediatos da realidade

do *primum Existens*^z, e como ambos são, segundo a essência, idênticos à identidade absoluta (pois em cada um deles há a mesma identidade absoluta) (§ 22), segue-se que (§ 52) ambos, tanto A como B, são forças^a.

Ad. 3. A e B são, enquanto fundamento imediato da realidade do *primum Existens*, respectivamente força atrativa e força expansiva. – A demonstração desta proposição é pressuposta: ver *Sistema do idealismo transcendental*, pp. 169 e segs.³⁷.

(146)

§ 54. *A identidade absoluta, enquanto fundamento imediato da realidade de A e B no primum Existens, é a gravitação.*

Pois A e B, enquanto entes no *pr[imum] E[xistens]* e enquanto fundamento da realidade do mesmo, são força atrativa e expansiva (§ 53, ad. 3). A força pela qual os dois são postos como *sendo* e como fundamento imanente da realidade do *pr. E.*^b é a gravitação^c (as demonstrações encontram-se nesta revista, vol. 1, n. 2,

^z *Adendo*: a primeira diferença quantitativa.

^a *Correção*: assim aparecem ambos como força.

³⁷ Schelling refere-se à seção “Dedução da matéria” de seu *Sistema do idealismo transcendental*, cuja referência nas obras completas é HKA I/9, pp. 136-146.

^b *Adendo*: a primeira diferença quantitativa.

^c *Obs.*: eliminada a diferença quantitativa, não há gravitação, mas indiferença absoluta.

[147] p. 19 e pp. 24 e segs.³⁸). Assim, etc.

Obs. Não se pode duvidar de que essas demonstrações deixem algumas obscuridades para muitos leitores. Seria possível perguntar antes de mais nada em que medida a gravitação pode ser pensada também como fundamento da realidade de B, dado que este é originariamente (§ 44, obs. I). Contudo, B é pensado como ente ou [como] objetivo apenas na identidade relativa, ao passo que a identidade relativa não é ela mesma algo real (§ 51); B portanto, assim como A, é posto como *real* apenas na medida em que ele é posto junto com A objetivamente e, por conseguinte, na totalidade absoluta. A gravitação é assim o fundamento da realidade tanto de A como de B. – Além disso, uma outra causa de dificuldades é a concepção das diferentes relações aparentes entre as forças e a identidade absoluta. A este respeito fazemos apenas a seguinte observação: a identidade absoluta é o fundamento imediato do *primum Existens* não em si, mas apenas através de A e B, os quais são idênticos a ela (§ 53, ad. 2). – Por outro lado, ela é absolutamente-imediata e [é] *em si* o fundamento

³⁸Schelling refere-se aos parágrafos 37 a 39 de sua *Allgemeine Deduction des dynamischen Processes oder der Kategorien der Physik* publicada no ano anterior na mesma *Revista de física especulativa* (HKA I/8, pp. 327-333).

do *ser-real* de A e B; mas, justamente por isso, ela não é ainda na gravitação. Pois ela é somente depois de A e B serem postos como sendo. A gravitação é justamente por isso imediatamente posta pela identidade absoluta, mas ela não resulta da *essência*^d [da identidade absoluta], tampouco do seu *ser* atual (pois este ainda não é posto), mas, sim^e, da sua *natureza* – resultando desta simples e imediatamente por sua necessidade interna, ou seja, do fato de que ela é incondicionada e só pode ser sob a forma do ser de^f A e de B. Revela-se assim (em função deste imediato ser-posto da gravitação pela identidade absoluta) a impossibilidade de fundamentar a gravitação enquanto gravitação ou de querer expô-la [*darstellen*] na efetividade, dado que ela deve ser pensada como a identidade absoluta, não na medida em que esta [identidade] é, mas na medida em que ela é o fundamento do seu próprio ser, não [sendo] assim ela própria na efetividade.

Definição. Chamarei a gravitação também de força construtora [*construierende Kraft*] e de identidade absoluta na medida em que esta contém o fundamento de seu

^d *Adendo:* apenas

^e *Adendo:* da sua essência na medida em que ela tende a um ser. (147)

^f *Adendo:* iguais.

[148]

próprio ser. A justificação repousa no imediatamente precedente.

Ad. 1. Esclarece-se aqui por que a gravitação é o fundamento imediato *de toda* realidade – não apenas do ser de todas as coisas, mas também de sua duração.

Ad. 2. O que chamamos de matéria não é em si mesmo matéria, mas a identidade absoluta na medida em que ela contém o fundamento do primeiro tornar-se real de A e B.

Ad. 3. Toda matéria é originariamente líquida – segue-se da demonstração da proposição 51.

§ 55. *O princípio cognoscente subjetivo^g penetra [geht... ein] na própria matéria ou, ainda, torna-se nela real.*

Segue-se de toda a dedução até aqui.

Obs. Este tornar-se real do princípio cognoscente deixa contudo completamente indeterminado o fundamento da objetividade ou da subjetividade em relação ao todo, isto é, a potência de $A = B$.

§ 56. *A e B são postos na matéria com objetividade predominante (em relação ao todo).*

Ad. 1. A matéria [é] assim em relação ao todo = $A = B^+$ (§ 46, ad.).

^g *Adendo:* ou.

Ad. 2. Se A e B são postos com objetividade predominante, então eles são respectivamente força atrativa e força expansiva.

(148)

Obs. O que se segue da entrada do princípio cognoscente enquanto [algo] real na construção da matéria em geral, e particularmente no que diz respeito ao único idealismo pensável (aquele que é simultaneamente realismo completo), ficará claro o bastante pelo todo [desta investigação]. – Essa ideal-realidade objetiva da matéria já é aliás discutida nas minhas *Ideias para uma filosofia da natureza*, livro 2, cap. 4³⁹. Especificamente sobre este ponto, os leitores tirariam proveito de uma comparação com as observações do *Sistema do idealismo transcendental*, pp. 190 e segs⁴⁰.

§ 57. *A posição quantitativa da força atrativa e expansiva vai ao infinito.*

Demonstração. Pois a) A e B são em geral postos quantitativamente em relação ao todo, isto é, com pre-

³⁹Schelling refere-se ao capítulo “A origem primeira do conceito de matéria a partir da natureza da intuição e do espírito humano” de seu primeiro livro sobre filosofia da natureza publicado em 1797 (HKA I/5, pp. 208-217).

⁴⁰As considerações em questão dizem respeito às relações entre matéria e espírito, e mais precisamente à ausência de oposição entre eles dado que, nas palavras de Schelling, “a matéria não é nada mais do que o espírito intuído no equilíbrio de suas atividades” – cf. HKA I/9, pp. 149 e segs.

[149]

dominância da objetividade e da subjetividade segundo direções opostas. b) Mas aquilo que vale para o todo vale também para a parte, pois a identidade absoluta é posta sob a mesma forma ao infinito (§ 39). Assim, também no interior da potência singular, A e B são novamente postos quantitativamente em relação a esta potência, nesse caso como força atrativa e expansiva, e [o são] certamente ao infinito, pois cada potência é por sua vez, em si ou em relação a si, infinita (§ 40). Assim, a posição quantitativa da força atrativa e expansiva vai ao infinito.

(149)

Esc. Que ambas as forças só possam ser postas com diferença quantitativa, explica-se a partir da demonstração do § 51. Na efetividade, assim, não pode haver nada singular no qual ambas sejam postas em equilíbrio completo, e não no relativo desequilíbrio de uma ou da outra. Tal equilíbrio poderá existir em relação a esta potência, mas apenas *no todo*, não contudo no singular. O universo material será um equilíbrio perfeito de forças atrativas e repulsivas, com a mesma infinitude na sua potência que o universo absoluto [tem] em relação ao todo, no qual aquele [(o universo material)] constitui apenas um polo ($A = B^+$).

Obs. Esclarece-se aqui o erro daqueles que tomam o

universo material pela própria infinitude.

§ 58. *O princípio ideal é enquanto princípio ideal ilimitável* (segue-se do § 20).

Ad. 1. Ele só é limitado na medida em que ele é idêntico ao real, isto é, [na medida em que ele é] ele mesmo real.

[*Ad.*] 2. Dado que ele é limitado enquanto *real* (1), ele não pode ser limitado enquanto ideal.

[*Ad.*] 3. Dado que ele é limitado enquanto real, ele é posto imediatamente como ideal (2) ilimitável.

[*Ad.*] 4. Ele só pode contudo ser posto como ilimitável em uma potência superior da subjetividade. – *Demonstração.* Pois ele é limitado na potência inferior (2 e 3).

[*Ad.*] 5. Essa potência superior é imediatamente posta do fato de que $A = B$ é posto como totalidade relativa, pois $A = B$ é a posição quantitativa^h de A e B ao infinito (§ 57).

[150]

[*Ad.*] 6. O ser-posto ou ser-limitado quantitativo de A em $A = B$ é [o que chamaremos de] peso específico [*specifische Schwere*]⁴¹. – Segue-se do § 56, ad. 2.

^h *Adendo*: limitada.

⁴¹ Na terceira parte do dicionário físico de Johann Samuel Traugott Gehler publicada em 1790, encontra-se a entrada “Schwere,

[Ad.] 7. O princípio ideal, na medida em que ele é ideal, é imediatamente posto como A^2 por $A = B$, isto é, (§ 54) pela gravitação – segue-se do ad. 3.

[Ad.] 8. Do ponto de vista da totalidade, contudo, não há aqui nenhum antes e depois, pois de tal ponto de vista todas as potências são simultâneasⁱ.

Obs. O esquema desta potência é o mesmo que o da primeira (§ 50, esc. 3), assim:

$$1. A^2 = (A = B)$$

(em identidade relativa)

$$2. A^2 \qquad \qquad \qquad A = B$$

(em oposição relativa)

$$3. A^2 = (A = B)$$

(em totalidade relativa)|

(150)

specifische”, cuja explicação se articula nos seguintes termos: “designa-se por este nome a relação entre o peso do corpo e o espaço que ele ocupa. Diz-se de um corpo que ele é *especificamente mais pesado, de natureza mais pesada* [schwerartiger], do que outro, quando ele, no interior do mesmo espaço ocupado, pesa *mais* do que o outro, e *especificamente mais leve, de natureza mais leve* [leichtartiger], quando ele pesa *menos*” (cf. Gehler, J. S. T. *Physikalisches Wörterbuch oder Versuch einer Erklärung der vornehmsten Begriffe und Kunstwörter der Naturlehre mit kurzen Nachrichten von der Geschichte der Erfindungen und Beschreibungen der Werkzeuge begleitet in alphabetischer Ordnung*, parte 3. Leipzig: Schwickertschen Verlag, 1790, p. 902).

ⁱ Obs.: assim, unidade da luz e da gravitação.

Escólios. 1. *Também nessa potência, a identidade relativa não pode ser pensada como subsistente [bestehend].* Pois $A = B$ é posto como totalidade relativa (§ 51). A totalidade relativa contudo, ao contrário da absoluta (§ 26), não é em si. $A = B$ não é assim a totalidade para o princípio ideal da potência mais elevada, isto é, este princípio (A^2) será sempre posto em luta contra o ser de $A = B$, enquanto este último for posto como totalidade.

2. Mas como a identidade absoluta só é sob a forma de todas as potências (§ 43)^j, segue-se que $A = B$ é sempre novamente posto por A^2 . Pois apenas na medida em $A = B$ é, A^2 também é. A natureza é posta assim por essa oposição em uma contradição^k que não pode jamais ser suprimida. O que a natureza é será explicado em seguida.

3. *A oposição entre A^2 e $A = B$ não é nenhuma oposição em si.* Ela não é em si nem em relação à totalidade absoluta nem em relação a esta potência mesma, pois também nesta apenas a totalidade relativa (obs.) é o real.

4. Nessa potência, o ponto de indiferença relativo está entre A^2 e $A = B$. Já $A = B$ deve ser pensado como

^j *Adendo:* $A = B$ designa contudo uma potência determinada.

^k *Adendo:* a qual [é] assim processo.

um fator idêntico (como o um real). – Não saímos assim aqui *in abstracto* do ponto de indiferença (ver § 46, esc. D, ad.)^{*}.

§ 59. *Na matéria, enquanto o primum existens^l, estão contidas todas as potências, se não segundo a efetividade, certamente segundo a possibilidade.* – Pois a matéria é a primeira totalidade relativa, ou: na matéria, o princípio ideal é concebido, o qual, [sendo] nele mesmo ilimitável (§ 58), contém o fundamento de todas as potências.

(151)

§ 60. *O objeto imediato de A^2 é o ser-limitado do princípio ideal pelo real.* – Pois apenas por este ser-limitado^m $A = B$ é (§ 57). $A = B$ é contudo o objeto imediato de A^2 , o que é por si mesmo claro.

Ad. Dado que o A^2 está em luta contra o ser de $A = B$ (§ 58, esc. 1), segue-se que tal luta é uma luta contra o ser-limitado do princípio ideal pelo real, e assim (§ 58, ad. 6) contra o peso específico; ademais, dado que em

* Pela oposição relativa dessa potência, revela-se a teoria daquilo que chamamos de processo dinâmico. Como ela já foi inúmeras vezes discutida alhures, permitimo-nos formular algumas proposições aqui sem repetir as demonstrações [151], dado que o objetivo aqui é antes o de fornecer um conceito total do nosso sistema e não tanto o de nos determos nos particulares.

^l *Adendo:* [enquanto] a primeira diferença quantitativa do ser.

^m *Adendo:* ser-posto quantitativo de A e B.

função do ser-posto quantitativo de A e B ao infinito, apenas o peso específico existe *actu*, [trata-se de uma luta] contra a gravidade [*Schwere*] em geral.

§ 61. *Definição*. Chamo de natureza antes de tudoⁿ a identidade absoluta em geral na medida em que ela existe *actu* sob a forma do ser de A e B (o sujeito-objeto objetivo⁴²).

ⁿ *Obs.*: expressamente antes de tudo; não se trata ainda do conceito determinado. No todo, tudo o que é mero *fundamento* de realidade, e não ele próprio realidade = natureza.

⁴²Esta concepção de natureza como o sujeito-objeto objetivo é formulada primeiro como um esclarecimento da afirmação feita na introdução do *Sistema do idealismo transcendental* segundo a qual, do ponto de vista da consciência, a natureza aparece como o objetivo e o Eu como o subjetivo, de modo que o problema da filosofia da natureza seria explicar a gênese do subjetivo a partir do objetivo; tal formulação dá ensejo a mal-entendidos, na medida em que Schelling parece incorrer naquilo que Fichte chama em uma missiva (GA III/5, p. 44) de “o velho erro” de querer deduzir a inteligência (enquanto puramente objetiva) da natureza (enquanto puramente objetiva); assim, no primeiro número do volume de 1801 da revista, Schelling esclarece a sua posição ao afirmar que a tarefa da filosofia, quando exprimida na linguagem filosófica (e não meramente do ponto de vista da consciência comum, tal como na introdução do *Sistema do idealismo*) é: “deixar o sujeito-objeto da consciência ser engendrado a partir do sujeito-objeto puro”, este conceito do sujeito-objeto puro corresponde à natureza, a qual não seria portanto o puramente objetivo, mas o sujeito-objeto a partir do qual o sujeito-objeto subjetivo (a consciência) se engendra; na sequência do texto, Schelling esclarece o ponto nos seguintes termos “com a filosofia da natureza, eu não saio jamais daquela identidade do real-ideal, eu os conservo ambos continuamente nessa articulação originária, e o sujeito-objeto

§ 62. *O A^2 é a luz*⁴³.

Ad. A luz é um [intuir] interno da natureza, a gravi-

puro do qual eu parto é justamente ao mesmo tempo ideal e real na potência 0. Daqui se engendra pela primeira vez o ideal-real da potência superior, o *Eu*, em relação ao qual o sujeito-objeto puro já é objetivamente” (cf. “Anhang zu dem Aufsatz der Herrn Eschenmayer”, in *Zeitschrift für spekulative Physik*, vol. 2, n. 1, pp. 119 e segs. – HKA I/10, pp. 90 e segs.). Não há assim uma separação radical entre sujeito e objeto, mas ambos estão sempre reunidos sob distintas potências.

Esta compreensão da natureza como sujeito-objeto a partir do qual o sujeito-objeto subjetivo (consciência) se constitui fornece a chave de leitura a partir da qual Hegel distingue os sistemas de Fichte e de Schelling no seu conhecido *Differenzschrift* publicado neste mesmo ano de 1801; nas palavras de Hegel: “a ciência do sujeito-objeto subjetivo foi denominada até aqui de filosofia transcendental; a do sujeito-objeto objetivo de filosofia da natureza”, a primeira corresponde ao sistema de Fichte e a segunda à filosofia da natureza de Schelling que conduz este último à formulação do princípio absoluto de todo o seu sistema como o princípio da identidade de ambos os lados da sujeito-objetividade (cf. Hegel, G.W.F. *Differenz des Fichteschen und Schellingschen Systems der Philosophie*, in *Werke* 2. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986, pp. 94 e segs.).

⁴³Como Schelling explica em sua *Allgemeine Deduction*, a luz é “uma atividade construtora da segunda potência”, isto é, “um construir do construir”, na medida em que ela esclarece aquilo que foi construído na primeira potência (ou seja: a matéria que preenche o espaço de acordo com as três dimensões); segundo Schelling, é por meio da luz que se “descreve todas as dimensões do espaço, sem que nós possamos dizer que ela efetivamente o preenche. A luz não é assim a matéria (espaço preenchido), tampouco o preenchimento do espaço (ou a atividade que preenche o espaço), mas o construir do preenchimento do espaço”; trata-se pois da segunda potência que permite a reconstrução daquilo que foi construído na primeira (a matéria) (HKA I/8, pp. 337 e segs.).

dade [*Schwere*] um intuir [*Anschauuen*] externo. – Pois aquela tem por objeto imediato o princípio interno da natureza limitado em $A = B$.

Obs. O A^2 , ainda que ele possa ser objetivo para a potência mais elevada, é ele mesmo em relação à natureza algo *simplesmente interno*, e não se deve pensar aqui em nada externo.

[152]

§ 63. *A gravitação tende simplesmente ao SER do produto, o qual é designado por $A = B$.* – Segue-se do § 54.

Ad. 1. Ela se esforça então por conservar este produto no seu ser. Pois apenas na medida em que isso acontece, ela pode produzir, juntamente com a luz, a totalidade relativa (§ 58, esc. 3).

[*Ad.*] 2. Como ela é a força construtora (§ 54, def.), então ela é determinada pela luz a reconstruir^o; a luz é por sua vez o determinante na reconstrução.

(152)

§ 64. *Depois de $A = B$ ser posto como totalidade relativa, [sendo] A^2 por conseguinte (§ 58, ad.5) [posto]^p, as formas da identidade relativa, da duplicidade relativa e da totalidade relativa podem ser expostas em $A = B$*

^o *Adendo*: a tornar-se ideal com o produto.

^p *Adendo*: a segunda potência.

enquanto substrato de todas^q as formas do ser.

Demonstração. Identidade relativa e duplicidade relativa só podem ser pela totalidade relativa, mas nunca em si (segue-se da *demonstração* do § 51). Ora, $A = B$ é como totalidade relativa. Assim, etc.

Ad. Nessa potência, identidade relativa e duplicidade relativa são pela primeira vez *reais*.

Definição 1. A identidade relativa é posta pela totalidade significa: A e B são postos ambos como potências de $A = B$ (o qual permanece assim em sua identidade), e, enquanto tais, em identidade relativa, *ou*: o idêntico $A = B$ – a gravitação, à qual não corresponde até agora nenhum ser atual ou empírico^r (§ 54, obs.) – é pensado sob as potências de A e B postos como *sendo*, eles mesmos [pensados] em identidade relativa. O mesmo vale para a duplicidade relativa.

[153] *[Definição] 2.* Chamo a identidade relativa (etc.) posta pela totalidade de identidade relativa (etc.) *da segunda potência*. – A identidade relativa e a duplicidade relativa da primeira potência portanto não existem (ad.).

§ 65. *Se A e B são postos em identidade relativa na*

^q *Adendo*: ideais.

^r *Correção*: não corresponde nenhum ser atual, mas um ser real, imediatamente resultante da essência.

segunda potência^s, eles são então postos sob a forma da linha (§ 46, ad.). – Ambos são postos pela totalidade relativa (§ 64, definição 1) como *sendo*; por conseguinte, etc. (ver a *demonstração* do § 51).

§ 66. *A matéria é posta como identidade sob a forma dessa linha, não apenas no singular como também no todo.* Pois $A = A$ é em geral posto apenas sob a forma dessa linha (§ 46); ora, essa linha é a mesma no singular e no todo (§ 39); assim, etc.

Ad. Há assim apenas uma matéria, e toda diferença que pode ser posta na matéria = àquela que é posta no interior dessa linha. (153)

§ 67. *A forma dessa linha é o condicionante da coesão.* – Pois em cada ponto dessa linha encontram-se A e B, força de atração e de expansão, em identidade relativa. Há assim entre quaisquer dois pontos dessa linha uma força que resiste ao afastamento deles um do outro, isto é, [há] coesão.

Ad. Se o idêntico $A = B$ é posto sob a forma da identidade relativa de A e B (§ 64, def. 1), então também o é a *força de coesão* [*Cohäsionskraft*].

Definição. Chamo A de o determinante, B de o determinado; aquele é o fator negativo da coesão, este o

^s *Obs.:* pois aqui o substrato indiferente [vem] antes.

positivo.

§ 68. *A forma dessa linha é a forma do magnetismo.*

Ad. Coesão pensada ativamente = magnetismo. Eu já realizei alhures as demonstrações destas proposições⁴⁴. Para o esclarecimento da coincidência do magneto com a linha construída do § 46, fazemos assim apenas a seguinte observação explícita: que nos extremos do magneto não se encontra nenhum puro + ou puro -, mas simultaneamente ambos, B e A, com predominância do + ou do -. Ver *Über die magnetische Materie* de Brugman, p. 92⁴⁵.

§ 69. *A matéria deve ser vista no todo como um magneto infinito.* – [Ela deve ser vista] como infinita segundo o § 57, e como magneto segundo os § 66 ad. e § 67.

Ad. 1. Em cada matéria estão contidas todas as

⁴⁴Schelling refere-se provavelmente à sua *Allgemeine Deduction*, onde há uma investigação mais detalhada das relações entre magnetismo e coesão, especialmente nos §§ 48-51 (HKA I/8, pp. 343-349).

⁴⁵No texto referido por Schelling, lê-se: “Nos extremos de um magneto, nenhum polo age separadamente, como poderíamos ser levados a crer segundo a aparência, mas na verdade se o magneto tem dois polos, então eles agem ambos nos extremos, ainda que o efeito de um supere em muito o do outro” (Brugmans, Anton. *Philosophische Versuche über die magnetische Materie, und deren Wirkung in Eisen und Magnet*. Leipzig, 1784, p. 92).

outras, se não *actu*, certamente *potentia*. – Segue-se do § 66, ad.

[Ad.] 2. No mundo material, assim, tudo proveio do Um [*aus Einem*].

[154]

§ 70. *A matéria não pode ser posta sob a forma do magnetismo sem ser posta como totalidade em relação a si mesma.* – Segue-se dos § 65 e § 41, ad.

Obs. Essa totalidade em relação a si mesma = substância e acidente. – Na proposição $A = A$, a própria identidade é posta como *substância*, A e A contudo são postos como meros acidentes (formas do ser) dessa substância. – A substância é assim (§ 6) independente dos acidentes. A substância na matéria é $= (A = B)$, os acidentes são A e B pensados como potências desse idêntico (§ 64, def. 1). $A = B$ é assim originariamente e independentemente tanto de A como de B , pensados como potências, pois ele é o *primum existens* (§ 51, ad.).

(154)

§ 71. *O magnetismo é o condicionante da figuração [Gestaltung].* – Segue-se do § 67, ad.

Obs. 1. A identidade da matéria é assim também uma identidade da figura [*Gestalt*]. Segue-se do § 65.

[*Obs.*] 2. Assim como o magnetismo é o condicionante da solidez (§ 67, ad.), também inversamente a solidez é condição da manifestação do magnetismo.

§ 72. *O aumento e diminuição da coesão estão em uma relação inversa determinada com o aumento e a diminuição do peso específico [specifischen Gewichts].* Segue-se do § 58, ad. 6.

Obs. 1. A exposição e o estabelecimento mais precisos dessa lei descoberta pelo senhor *Steffens* deverá aparecer no seu [texto a ser publicado em breve] *Beiträgen zur Naturgeschichte des Erdkörpers*⁴⁶. Observamos provisoriamente apenas o seguinte. – O princípio ideal encontra-se em guerra com a gravitação, e dado que esta contém a maior predominância no seu ponto-médio, então é perto dele que ela mais prontamente conseguirá reunir um peso específico considerável com a solidez, reconduzindo assim A e B, já em um momento mínimo da diferença, ao seu domínio. Quanto maior for este momento, mais peso específico será superado, mas surgirá igualmente uma coesão em um grau maior até um ponto em que com a diminuição da coesão triunfará novamente um peso específico maior, até que finalmente ambas baixarão conjunta e simultaneamente. Vemos assim na série dos metais, de acordo com *Steffens*, o peso específico cair, da platina, do ouro, etc., até o

⁴⁶Texto publicado por *Steffens* em 1801 sob o título *Beyträge zur innern Naturgeschichte der Erde*.

ferro, já a coesão (ativa) subir e alcançar o seu máximo neste último e em seguida recuar diante de um peso específico considerável (por exemplo no chumbo), até finalmente, nos metais ainda mais profundamente estáticos, diminuir simultaneamente com ela⁴⁷. Steffens mostrará muito bem como a natureza é dessa maneira obrigada, dado que ela diminui o peso específico continuamente, a atravessar o máximo da coesão e a fazer com que esta se manifeste assim *como* magnetismo⁴⁸; além disso, tal como os corpos especificamente mais pesados do solo terrestre estão sob o Equador e nas proximidades deste, os corpos especificamente mais leves e coerentes (especialmente o ferro) encontram-se ao redor dos polos (este [, o ferro,] especialmente nos arredores do polo Norte)⁴⁹. A completa construção da série da coesão só será contudo possível pelas leis a serem anunciadas a seguir.

[Obs.] 2. Creio poder mostrar (ainda que possa não parecer ser o caso à primeira vista) que a *inclinação* da agulha magnética explica-se igualmente por essa lei^t.

⁴⁷Cf. Steffens, *Beyträge*, pp. 258 e segs.

⁴⁸Cf. Steffens, *Beyträge*, pp. 101 e segs.

⁴⁹Cf. Steffens, *Beyträge*, pp. 167-174.

^t *Adendo*: ainda uma observação sobre a *relação entre a coesão e a gravitação*. A gravitação, dado que ela é a essência da própria

[156]

§ 73. *No magneto tomado como um todo encontra-se a coesão relativamente maior no lado negativo e a relativamente menor no lado positivo.*

Def. Chamo o lado negativo de aquele em que o fator negativo é predominante^u, e vice-versa. *A demonstração*

identidade absoluta, tende ao ser puro e absoluto. Justamente por isso, ela não é, mas constitui apenas o fundamento do ser, e somente pela coesão ela é pela primeira vez posta como sendo. Dado que ela é apenas forçada a ser sob esta forma (forçada precisamente porque aquilo mesmo que é *puro* ser é também *conhecer* infinito, [de sorte que] o que é modo daquele é também modo deste), há assim necessariamente uma luta entre a gravitação e a coesão. Essa luta produz aquilo que chamamos de gravidade específica ou peso específico [*spezifische Schwere*]. O específico aqui é aquilo que é determinado pela coesão, é o individual ou o particular das coisas. A gravidade [*Schwere*] ela mesma não é capaz de nenhuma diferença quantitativa. A síntese daquilo que em si não é capaz de nenhuma diferença (sendo absolutamente idêntico consigo) com aquilo que é diferente e não-idêntico consigo constitui aquilo que designamos por peso específico. – A eficácia [*Wirkung*] da coesão obriga a gravitação a pôr a indiferença na diferença, e em verdade o esforço [*Bestreben*] da gravitação consiste necessariamente em produzir na diferença o momento mais elevado da indiferença. Contudo, a eficácia pela qual a coesão (ato de conhecimento) é posta, tende à polaridade geral e assim à diferença – à posição da indiferença sob as formas de A e B. Gravitação e coesão são assim opostas; dado que a coesão tende à diferença e a gravitação à indiferença, segue-se que aqui também há uma relação inversa até um certo ponto; pois há um certo ponto em que tal ato não põe mais coesão, mas uma completa dissolução da coesão (que se perde nos polos). Desse conflito surgem todas as relações possíveis das quais se trata neste §.

^u *Correção:* em que o particular é predominante.

segue-se do § 67, def. – ver esta revista, vol. 1, no 2, p. 74⁵⁰.

Ad. 1. Dado que em cada suposto lugar do magneto, encontra-se novamente o magneto inteiro, então o mesmo vale para todas as partes do magneto.

Ad. 2. Nenhum corpo pode tornar-se magneto sem ter ao mesmo tempo a sua coesão elevada ou diminuída.

§ 74. *Toda diferença entre corpos resulta apenas do lugar que eles ocupam no magneto-total* (§ 66). – Segue-se do § 66, ad.

§ 75. *Dois corpos distintos entre si podem sempre ser considerados como os dois lados opostos de um magneto, e ainda mais quanto maior for a diferença relativa entre eles.* Segue-se imediatamente dos § 74 e § 73.

§ 76. *O magneto empírico deve ser considerado como ponto de indiferença no magneto-total.* – Pela mesma razão do § 74. (157)

Obs. Sobre o que se entende por ponto de indiferença do magneto, ver esta revista, vol. 1, no 1, p. 111⁵¹. –

Def. O magneto empírico é o ferro.

§ 77. *Todos os corpos estão potentialiter contidos no*

⁵⁰Trata-se da *Allgemeine Deduction*, § 57 (HKA I/8, pp. 358 e segs.).

⁵¹Referência à *Allgemeine Deduction*, § 12 (HKA I/8, pp. 303 e segs.).

ferro. – Pois no ferro encontra-se o ponto de indiferença, e assim (§ 46, ad.) a identidade (o $A = A$) de todas as matérias, aquilo pelo qual ela é matéria.

§ 78. *Definição*. Chamo a alteração que uma e a mesma substância ($A = B$) sofre^v, pelo fato de que ela é posta em uma direção com predominância relativa de A^w e na direção oposta com predominância relativa de B^x , de a *metamorfose* dessa substância⁵².

[157]

^v *Correção*: que sucedem em uma e na mesma substância de tal maneira.

^w *Adendo*: que o particular [é posto].

^x *Adendo*: que o universal [é posto].

⁵²O conceito de metamorfose foi introduzido nas discussões filosóficas do período pelo ensaio de Goethe *Versuch, die Metamorphose der Pflanzen zu erklären* publicado em 1790; neste texto, Goethe define tal conceito nos seguintes termos: “a afinidade secreta de diversas partes externas – como por exemplo das folhas, do cálice, da corola – que se desenvolvem umas depois das outras e, por assim dizer, umas a partir das outras, já é em geral conhecida desde há muito pelos pesquisadores e mesmo bastante estudada; a ação pela qual um e o mesmo órgão manifesta diversas alterações foi denominada de *metamorfose das plantas*”; Goethe distingue três tipos de metamorfose, a regular, a irregular e a accidental, dentre os quais ele concentra suas atenções sobre o primeiro, definido nos seguintes termos: “A metamorfose regular também pode ser chamada de *progressiva*: pois ela é aquela que se deixa observar de modo sempre progressivamente eficaz desde os primeiros cotilédones [*Samenblätter*] até a formação do fruto; [aquela que,] pela transformação de uma forma em outra, e por meio de uma, por assim dizer, escada espiritual, sobe até o topo da natureza, até a procriação pelos dois sexos. Foi ela que eu observei atentamente por muitos anos e é para esclarecê-la que

Ad. Todos os corpos são meras metamorfoses do ferro^y.⁵³ Segue-se da def., cf. § 73 e § 74.

§ 79. *Não há em si nenhum corpo singular.* – § 66, ad^z.

§ 80. *Todo corpo que é pensado como singular deve ser pensado como contendo o esforço [Bestreben] para*

escrevo este ensaio” (Goethe, *Versuch, die Metamorphose der Pflanzen zu erklären*. Gotha: Carl Wilhelm Ettinger, 1790, pp. 2-3). Esta atenção não apenas à estrutura mas à transformação progressiva do todo a partir de um estágio germinal captura a atenção do jovem Schelling que, no seu *Primeiro esboço de um sistema de filosofia da natureza* publicado em 1799, buscará expandir o conceito de metamorfose para a totalidade da natureza, a qual poderia ser compreendida como um desdobramento progressivo, etapa por etapa, a partir de um estágio germinal inicial, de tal maneira que, nas palavras de Schelling “toda a natureza produtiva não é originariamente nada mais do que uma metamorfose desdobrando-se ao infinito” (HKA I/7, p. 284).

^y *Obs.*: da indiferença una.

⁵³Em janeiro de 1801, Schelling escreve a Goethe sobre a necessidade de expandir o conceito de metamorfose para além da natureza orgânica, ele o formula nos seguintes termos: “a metamorfose já parece ocorrer antes da natureza orgânica, e [parece] também ser a chave do enigma químico. Os corpos considerados até aqui como simples, os quais deveriam na verdade ser chamados apenas de substâncias originárias [*Ursubstanzen*] da Terra, são todos eles derivados do ferro, e vêm à luz a partir dele por uma metamorfose originária. Sem dúvida, eles não estão nele *explicite* como uma coisa ou matéria (ou o quer que seja) está em outra, mas eles estão aí *implicite*” (HKA III/2, 1801.01.26).

^z *Obs.*: pois na verdade há apenas uma totalidade na qual cada corpo designa um lugar determinado, de modo que [ele] corresponde a este [lugar] necessariamente.

a totalidade. – Pois ele não é em si; cada um contém contudo, em função da gravitação (§ 63, ad.), o esforço de conservar-se no seu próprio ser⁵⁴. Assim, etc.

Ad. 1. Todo corpo singular enquanto tal esforça-se assim por ser ele mesmo uma totalidade, isto é, (§ 70) um magneto completo.

Ad. 2. Esse esforço é maior quanto mais afastado ele estiver da indiferença.

Ad. 3. Dois corpos diferentes esforçam-se sempre por coerir [*zu cohären*] – segue-se do ad. 1, cf. § 75.

(158) § 81. Todo corpo contém em geral o esforço de elevar no todo a sua coesão. – Pois cada um contém o esforço de permanecer na sua identidade (§ 80, ad. 1). Ora, apenas pela coesão tem o corpo uma identidade^a (§ 70). Assim, etc.

[158] *Ad.* Um corpo só pode contudo elevar a sua coesão relativa às custas de um outro^b. – Segue-se do § 80, ad. 1, comparar com o § 75.

⁵⁴Cf. Spinoza, *Ethica*, Pars III, Propositio VI: "Cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser".

^a *Correção:* afirma a sua identidade apenas pela coesão.

^b *Obs.:* pois ele se eleva em sua coesão apenas em função do esforço para a totalidade, assim apenas em oposição contra um outro com o qual ele é um magneto comum. Isso é contudo impossível sem uma elevação ou diminuição simultânea da coesão (cf. § 83).

§ 82. *Definição.* O contato de dois corpos é o estabelecimento da contiguidade.

§ 83. *Sempre que dois corpos diferentes se tocam, eles se põem mutuamente em elevação ou diminuição relativa de coesão.* – Segue-se do § 73, cf. § 75 e § 80, ad. 1.

Ad. 1. Essa alteração mútua da coesão pelo contato de dois corpos diferentes é o único fundamento da *eletricidade*.

Ad. 2. A eletricidade está sob o esquema da duplicidade relativa, que é exprimido pelo ângulo⁵⁵



Ad. 3. Dado que AC e CB são em si o mesmo que ambos os lados do magneto, os quais por sua vez são cada um deles um magneto, segue-se que também a eletricidade se encontra sob o esquema do magneto ou, ainda, [que] o ângulo ACB é redutível à linha ACB (§ 51). Portanto, o contato dos corpos diferentes só é necessário à eletricidade para dar o ponto C a essa linha; e assim pode bem ser o caso que em toda esta

⁵⁵Este argumento é desenvolvido com mais detalhes na *Allgemeine Deduction*, § 59 (HKA I/8, p. 361).

(159) potência tudo – magnetismo, eletricidade, etc. – esteja novamente em conjunto sob o esquema do magnetismo^c.

[159] *Ad.* 4. A relação de duplicidade relativa é = à de causa e efeito^d.

Ad. 5. A partir dessa mesma dedução, explica-se por que os fenômenos da eletricidade se manifestam no contato e separação de ambos os corpos^e.

§ 84. *Corpos indiferentes que se tocam esforçam-se para pôr mutuamente em si uma diminuição de coesão.* Pois dado que em geral todo corpo contém o esforço de elevar-se em sua coesão (§ 81), o que só é possível sob a condição de uma diminuição de coesão no outro (*idem*, *ad.*), segue-se que corpos indiferentes que se tocam põem um no outro mutuamente esta [diminuição de coesão].

^c *Adendo:* não saímos do esquema da linha reta.

^d *Correção:* põe a da causa e efeito. – A identidade não é nenhum fundamento determinante [*Bestimmungsgrund*] para a ação; por este meio, apenas o *ser* é posto. Assim, tal como os corpos são determinados pela identidade relativa (magnetismo) como substância e acidente, eles são também determinados para a relação de causa e efeito, ou a [relação] substantiva. A primeira relação fornece o universal para o particular, a segunda fornece o particular para o universal. Tal como a absoluta coesão, ou primeira dimensão pura, [é fornecida] pelo magnetismo, a segunda [dimensão] – comprimento e largura – [é fornecida] pela eletricidade.

^e *Adendo:* e a razão pela qual no magnetismo apenas os fenômenos puros da atração e repulsão [se manifestam], dado que aqui o toque e a separação são impensáveis.

Ad. Diminuição de coesão absolutamente considerada = aquecimento, pois relativamente [considerada], isto é, em relação à elevação proporcional de coesão, ela é = eletricidade (§ 83, ad. 1).

§ 85. *Dentre dois corpos diferentes que se tocam, torna-se negativamente-elétrico aquele que sofre uma elevação relativa de coesão, e positivamente-elétrico aquele que sofre uma igual diminuição de coesão*^f. – Segue-se dos § 73 e § 75.

Ad. 1. O polo do magneto relativamente diminuído na coesão (a Terra por exemplo) é o Polo Sul; o elevado, o Polo Norte. Aquele é assim = + M, e este = - M.

Ad. 2. + E = + M, - E = - M.

(160)

§ 86. *A eletricidade é transmitida e conduzida pelo mesmo mecanismo pelo qual ela é despertada.*

Escólio. Seja



um corpo que de C a D sofre uma relativa diminuição de coesão pelo contato com um outro, sendo assim +el[étrico]; assim, CD comporta-se em relação a DB do mesmo modo como dois corpos de diferentes coesões comportam-se um em relação ao outro, isto é, a condição

^f *Obs.:* lei fundamental do processo elétrico.

[160]

para a electricidade está dada; e dado que CD tem a tendência necessária de retornar ao seu estado (§ 63, ad. 1), a sua coesão aumentará às custas de DB, o qual terá assim (§ 81, ad.) a sua coesão uniformemente diminuída, pondo por conseguinte (§ 85) o +el[étrico]. A mesma relação ocorre entre DB e BA. Da mesma maneira, o +E posto em C propagar-se-á por todo o corpo de C até A, de A até C, até que a diminuição de coesão se torne uniforme sobre toda a superfície.

Ad. Ela é assim sempre somente despertada, mas nunca fundamentalmente transmitida.

§ 87. *Calor e estímulo-elétrico* [*Electricitäts-Erregung*] *estão em uma relação inversa*^g. – Explica-se a partir do § 84, comparar com o § 85.

Obs. O motivo para tanto revela-se de modo determinado no fato de que lá onde o despertar-elétrico é posto, a elevação ou diminuição de coesão é sempre simultaneamente posta (§ 83). Assim, quanto mais calor^h em B, mais não-calor positivoⁱ em A; tem-se pois *calor-nulo* [*Null-Wärme*] [no todo].

§ 88. *O calor é conduzido e transmitido do mesmo*

^g *Obs.:* pois a condição daquele [(do calor)] é o contato de corpos indiferentes, e deste [(do estímulo-elétrico)] de corpos diferentes.

^h *Adendo:* +

ⁱ *Adendo:* –

modo que a eletricidade, isto é (§ 86, ad.), ele não é em geral transmitido no sentido usual da palavra⁵⁶.

Esc. Seja o corpo ABDC (§ 86) aquecido em DC, isto é, diminuído em sua coesão, ele vai então elevar novamente a sua coesão às custas de DB etc., a diminuição de coesão, isto é, o calor, vai parecer assim ser propagada de CD a DB e assim sucessivamente. (161)

Ad. 1. Todo corpo só é aquecido na medida em que ele conduz e, inversamente, só conduz na medida em que é aquecido. [161]

[*Ad.*] 2. Todo processo de condução de calor é um

⁵⁶Desde o seu primeiro escrito de filosofia da natureza (as *Ideias para uma filosofia da natureza* publicadas em 1797), Schelling recusa a tese segundo a qual o calor seria transmitido pela perda ou ganho de matéria quente, e busca, ao contrário, desenvolver – sobretudo em diálogo com o químico escocês Adair Crawford – uma espécie de teoria dinâmica do calor, segundo a qual o fenômeno do calor seria uma manifestação do grau de força expansiva de um corpo (HKA I/5, pp. 258-265). A abordagem dinâmica de fenômenos naturais é, como esclarece Kant em seu texto de maior impacto sobre a gênese da filosofia da natureza de Schelling (os *Primeiros princípios metafísicos da ciência da natureza*), aquela que busca explicá-los não a partir de sua estrutura material mais básica (como a abordagem mecânica), mas a partir “da variabilidade na ligação das forças de repulsão e atração” (Kant, AA/IV, p. 532); na explicação progressiva dos fenômenos naturais, Schelling não realiza jamais uma decomposição deles em uma pluralidade de partes simples (abordagem mecânica), mas antes busca sempre retracá-los à relação dinâmica fundamental entre as forças de atração e repulsão (abordagem dinâmica).

processo de resfriamento^j em relação ao corpo condutor; a capacidade de condução deve ser estimada assim pela energia com a qual um corpo se resfia (não por aquela com a qual ele resfia um outro, por sua própria diminuição de coesão).

§ 89. *O processo de condução elétrica acontece sob a forma do magnetismo*, e é um processo de coesão ativo, pois ele não acontece sem uma simultânea elevação e diminuição de coesão entre dois corpos distintos, ou entre pontos distintos do mesmo corpo (§ 86), ou seja (§ 73, ad. 2), [ele ocorre] sob a forma do magnetismo, e assim sendo (§ 69, ad.) como processo ativo de coesão.

Obs. O processo de condução mostra-se efetivamente como coesão, por exemplo, na aderência mútua de corpos elétricos opostos, e este coerir [*dieses Cohäriren*] constitui, por sua vez, a prova de que a coesão em geral só é possível sob a condição de [haver eletricidade] + e -.

§ 90. *O processo de condução de calor (processo de resfriamento) é um processo elétrico*. – Segue-se já do^k § 87 (pois dado que a produção de calor e a produção de

^j *Adendo:* isto é, uma elevação de coesão.

^k *Adendo:* da relação oposta da eletricidade com a geração de calor.

eletricidade estão em uma relação inversa, então mesmo a supressão de calor só será possível por meio de um processo elétrico¹); e de modo ainda mais determinado do § 88.

Exemplos. O processo de resfriamento da turmalina com inversão de polaridade, a qual (por uma relação especial que será posteriormente explicada) já foi posta aqui pelo aquecimento⁵⁷. – O processo de resfriamento do enxofre derretido (em que a fricção, isto é, o contato em múltiplos pontos, é sem dúvida necessária)⁵⁸. – O

¹ *Adendo:* isto é, resfriamento e processo elétrico estão em relação *direta*.

⁵⁷ A polaridade elétrica da turmalina, “esta pedra notável que designa a transição do magnetismo à eletricidade”, é discutida mais detalhadamente por Schelling no § 50 de sua *Allgemeine Deduction* (HKA I/8, p. 346).

⁵⁸ As manifestações elétricas do processo de resfriamento do enxofre são detalhadamente descritas pelo físico italiano Tiberius Cavallo (cuja obra era do conhecimento de Schelling) no seu *Complete Treatise on Electricity*, publicado em inglês e traduzido para o alemão em 1783; Cavallo descreve o fenômeno nos seguintes termos: “If sulphur be melted in an earthen vessel, - and left to cool upon conductors: if taken out of the vessel, when cold, it will be found strongly electrical; but not at all so, if it be left to cool upon electrics. If sulphur be melted in glass vessels, and afterwards left to cool, they will both acquire a strong electricity, the sulphur Negative, and the glass Positive, whether they be left to cool upon electrics or Conductors; however, they always acquire a stronger power in the former case than in the latter; and a stronger still, if the glass vessel is coated with metal. It is remarkable that the sulphur acquires no electricity till it begins to

- (162) resfriamento por vaporização etc.⁵⁹ – O corpo aquecido considerado de modo inteiramente isolado é no entanto não-elétrico, pois o resfriamento ocorre apenas por alterações relativas de coesão. Tão logo, contudo, um segundo corpo (por exemplo o termômetro) é adicionado, está dada a condição do processo elétrico e assim
- [162] o processo é efetivamente posto.

§ 91. *Tal como a coesão é uma função do comprimento, do mesmo modo toda a força de condução é*

cool; its power increases in proportion as it contracts, and is the strongest when in the state of greatest contraction; but then the electricity of the glass vessel is at the same time the weakest. If melted sulphur be poured into a vessel of baked wood, it acquires a Negative, and the wood a Positive electricity; but if it be poured into sulphur, or rough glass, it acquires no sensible electricity. Melted sulphur poured into a metal cup, and there left to cool, shows no signs of electricity whilst in the cup; but if they are separated, they will then appear strongly electrified, the sulphur Plus, and the cup Minus. If the sulphur is again replaced in the cup, every sign of electricity will vanish; but if, whilst they are separate, the electricity of either of them is taken off, they will both, on being replaced, appear possessed of that electricity which has not been taken off” (Cavallo, Tiberius. *A Complete Treatise on Electricity in Theory and Practice with original Experiments*. London: Edward and Dilly, 1777, pp. 21-22).

⁵⁹Sinais de eletricidade na vaporização da água foram primeiramente observados por Alessandro Volta e detalhadamente investigados por Horace-Bénédict de Saussure em seu *Voyages dans les Alpes* (1779-1786), citado por Schelling em *Von der Weltseele*, onde ele, depois da discussão prévia de tais experimentos, dedica todo um capítulo à manifestação da eletricidade na atmosfera terrestre (V. “Die Polarität in der Erdatmosphäre”).

uma função da coesão. – A *demonstração* consiste em princípio nas proposições precedentes.

Ad. 1. Tal como a [condução] elétrica ocorre sob a forma do magnetismo, do mesmo modo a condução de calor ocorre por sua vez sob a forma da condução elétrica; assim, toda a força de condução remete direta ou indiretamente ao magnetismo^m.

Ad. 2. Toda condução é um esforço-de-identidade [*Identitätsbestrebung*] do corpo. O que conduz não é o corpo em si, mas a gravitação (§ 63) na medida em que ela é forçada a agir sob a forma da coesão.

§ 92. *A gravitação é posta pela coesão como sendo.* – *Demonstração.* Pois a gravitação em si, enquantoⁿ fundamento do ser real de A e B, não é ela mesma, justamente por isso, *actu* (§ 54, obs.). Ela é posta contudo *actu* na medida em que é posta^o como o idêntico $A = B$ sob as potências de A e B, pensados [eles mesmos] em identidade relativa (§ 64, def. 1); ora, pela identidade relativa de A e B a coesão é posta (§ 65; § 66). Assim,

^m *Obs.:* em geral, praticamente todas as proposições que aqui aparecem têm por intuito provar que tudo está submetido ao esquema da reflexão ou da uniformação [*Einbildung*] da identidade na duplicidade.

ⁿ *Adendo:* mero.

^o *Adendo:* isto é, com ela a diferença quantitativa.

etc.

§ 93. *Na luz, a própria identidade absoluta é.* – Pois a identidade absoluta é em geral ou existe imediatamente do fato de que A e B enquanto tais são postos como sendo (§ 50). Mas ambos enquanto tais, isto é, com diferença quantitativa, são imediatamente postos como sendo pela coesão; imediatamente com esta todavia, também A² (§ 58, ad. 7) = luz (§ 62) é posto; assim, a própria identidade absoluta é na luz^P.

[163]

Obs. 1. Na gravitação (§ 54, obs.), deveríamos reconhecer a identidade absoluta segundo a essência, mas não como *sendo*, dado que ela é aí na verdade o fundamento de seu ser (*idem*)⁶⁰. Na força de coesão, não é a identidade absoluta que não é em si, mas a

^P *Obs.*: assim, a identidade absoluta é enquanto *fundamento* de existência = gravitação, a qual pode ela mesma ser posta novamente como existente na medida em que ela é posta sob a forma de A e B com diferença quantitativa. Mas, bem entendido, apenas *enquanto* gravitação. Apenas na medida em que ela põe A e B como forma *de um ser*, ela se põe ela mesma na luz.

⁶⁰Tal distinção entre ser e fundamento do ser, no caso entre existência e fundamento da existência, será fundamental nas *Investigações filosóficas sobre a essência da liberdade humana*, publicadas oito anos mais tarde, onde Schelling afirma: “a filosofia da natureza do nosso tempo foi a primeira que estabeleceu na ciência a distinção entre a essência na medida em que ela existe e a essência na medida em que ela é meramente fundamento de existência” (HKA I/17, p. 129).

gravitação (§ 92). Na luz, surge a identidade absoluta ela mesma na efetividade. A gravitação refugia-se na noite eterna, e nem mesmo a identidade absoluta dissolve completamente o lacre sob o qual ela se encerra, ainda que ela seja forçada a se manifestar sob a potência de A e B – mas, ainda assim, como o Um idêntico – e por assim dizer vir à luz.

Obs. 2. Todos os físicos atribuem, sem o saber, um ser meramente puro à gravitação enquanto tal, ao passo que eles já consideram, por outro lado, a força de coesão como algo empírico, isto é, como algo concebido na esfera da existência atual. Sem embargo, a gravitação só é de fato, também na coesão, enquanto fundamento da realidade, mas não enquanto a realidade mesma. Na luz, por outro lado, a identidade absoluta é ela mesma o real, e não meramente o fundamento da realidade.

Ad. Dado que a luz é a própria identidade absoluta, então ela é ela mesma necessariamente, também segundo a sua essência, idêntica. – Segue-se imediatamente.

Obs. 3. Agradeçamos aos deuses que, pelo mesmo gênio ao qual devemos tantas outras coisas⁶¹, nos livra-

⁶¹O gênio referido por Schelling é Goethe que, em sua teoria das cores formulada em 1791 e 1792 em suas *Beiträge zur Optik* (que abrem caminho para o célebre texto de 1810 *Zur Farbenlehre*), contesta a interpretação newtoniana dos fenômenos prismáticos.

Se, para Newton, o espectro de cores revela a decomposição da luz em cores que já estavam ali contidas, Goethe propõe uma teoria segundo a qual o espectro de cores é um fenômeno derivado de múltiplas interações entre os opostos polares claro e escuro. A tese de Goethe funda-se, aos olhos de Schelling, em uma abordagem dinâmica (interação entre duas forças opostas) dos fenômenos prismáticos, por oposição à abordagem mecânica (que busca decompor o fenômeno em uma pluralidade de partes simples) de Newton. Schelling descreve este contraste entre as abordagens de Goethe e Newton em seu *Primeiro esboço* nos seguintes termos: “o que devemos finalmente dizer da luz? Deve ela ser considerada, tal qual afirma Newton, como originariamente decomposta em uma pluralidade de ações mais simples cuja impressão total é a luz branca; ou deve ela, tal qual afirma Goethe, ser originariamente simples; seja como for, a polaridade das cores em cada imagem solar é prova de uma qualidade dominante no fenômeno da luz cuja causa deve ainda ser investigada”; e acrescenta ainda em nota: “o que prova acima de tudo a afinidade da luz com a eletricidade são os fenômenos *prismáticos*, tais como formulados por Goethe em suas *Contribuições*. Delas fica claro, ao menos para mim e sê-lo-á igualmente em breve para outros, que a teoria newtoniana da luz branca como composta de sete raios coloridos que são separados no prisma é falsa; e que, em tais fenômenos prismáticos, trata-se de algo muito mais elevado do que uma mera decomposição mecânica ou química. Com efeito, as cores do prisma mostram-se justamente no momento em que realizamos o experimento – e não em *continuidade*; elas se mostram em continuidade apenas em *circunstâncias especiais*. Se tais circunstâncias não estão presentes, isto é, em regra, as cores se mostram no prisma como opostas umas às outras – e divididas em polos opostos. A verdadeira forma [*Gestalt*] da constituição das cores [*Farbenbildung*] é a seguinte: no meio, por assim dizer no ponto de indiferença, mostra-se o brilho da luz branca, e apenas nas bordas deste brilho, por assim dizer em seus polos, aparecem as cores – e justamente aquelas que o olho distingue como opostas, que o olho do artista por exemplo já distinguiu há muito tempo. Parece assim que algo muito mais elevado está aqui em jogo. Há nos fenômenos prismáticos

ram do *espectro* (é isso mesmo, espectro) newtoniano de uma luz composta. – Na verdade, o sistema da identidade como um todo só pode se erguer com base em uma visão tal que afirma a identidade absoluta da luz e refuta assim as supostas provas de experiência daquela hipótese nula, na medida em que [essa visão] substitui os experimentos artificialmente complexos e desfigurados da escola newtoniana pelas exigências mais puras e simples da própria natureza. Não é justamente de se admirar, mas antes muito natural e altamente concebível, que os físicos que juraram lealdade servil às proposições newtonianas ponham-se contra as tentativas que mostram indiscutivelmente que eles, justamente naquela parte da física em que até agora supunham possuir a mais elevada, e mesmo quase geométrica, evidência, encontram-se em relação ao ponto principal no mais infundado dos erros. Tais experiências podem mais cedo ou mais tarde fazer vacilar, mesmo entre o povo, a crença nesses padres cegos da deusa oculta⁶², e produzir

[164]

[164]

uma manifesta dualidade e polaridade: os fenômenos prismáticos por isso parecem pertencer à classe dos fenômenos elétricos e autológicos”. (HKA I/7, p. 283).

⁶²Schelling refere-se à deusa egípcia Ísis, que, segundo Plutarco, é retratada coberta por um véu em um monumento no Templo de Saís sob o qual aparece a seguinte inscrição: “sou tudo o que foi e será, e contudo nenhum mortal jamais ergueu o meu véu”

a suspeita geral de que as coisas não vão em nada melhor nas outras partes da física propriamente dita (como a parte dinâmica da mesma), e que a verdadeira física deve *começar* a se fazer apenas agora, e [podem assim fazer o povo] lograr desvencilhar-se da confusão e da noite. Uma futura história da física não deixará de notar a força retrógrada exercida pela representação newtoniana da luz em relação à toda ciência, e como, por outro lado, a [representação] oposta, uma vez fundamentada e adotada, abre por assim dizer a natureza e dá lugar para *as ideias*, que até agora estavam praticamente banidas da física.

Esc. De acordo com o já visto até aqui, pode-se

(Plutarco, *Ísis e Osíris*, cap. 9). A imagem é retomada por diversos autores da época: por Kant, na sua *Crítica da faculdade de julgar* (“Talvez nada de mais sublime tenha sido dito, ou nenhum pensamento mais sublime tenha sido exprimido, do que naquela inscrição no Templo de Ísis (a mãe natureza): eu sou tudo o que é, foi e será, e nenhum mortal jamais ergueu o meu véu” – Kant, AA/V, p. 196); por Schiller, na sua balada “*Das verschleierte Bild zu Saïs* [A imagem velada de Saïs]”; no romance de publicação póstuma de Novalis *Die Lehrling zu Saïs* [Os aprendizes de Saïs] em cujo centro está a associação do nosso pobre conhecimento da natureza à imagem da deusa velada Ísis, a qual precisa ser então *desvelada*; e finalmente pelo próprio Schelling, em suas *Ideias* onde ele afirma: “épocas inteiras transcorreram com a pesquisa da natureza, e ainda não se está cansado dela. Alguns dedicaram a sua vida a esta ocupação e não cessaram de rezar à deusa velada” (HKA I/5, p. 70).

exprimir a relação da gravitação à força de coesão e desta à luz do seguinte modo. A gravitação é a identidade absoluta, na medida em que ela produz a forma do ser desta^q; a força de coesão é a gravitação existente sob a forma geral do ser (A e B)^r; a luz é a própria identidade absoluta na medida em que ela é. A identidade absoluta é na gravitação apenas segundo a sua essência^s, isto é (§ 15, ad.), abstraída a forma do seu ser (a qual ela primeiramente produziu), a luz é o existir da própria identidade absoluta, e este é o fundamento do ser distinto da gravitação e da luz. (165)

[*Esc.*] 2. Para a vasta maioria, tudo se passa como se aquilo que é ideal existisse ou fosse menos do que o real, por isso eles – por assim dizer – estimam menos aquele do que este, tal como inversamente outros depreciam o real como se ele não fosse idêntico à pureza do ideal. É preciso prestar atenção ao fato de que na luz já se avista de fato um *principium mere ideale actu existens* [NT: um princípio meramente ideal existente em ato]. [165]

^q *Obs.*: ou melhor: produz o ser em que a forma de sua existência pode se manifestar.

^r *Obs.*: ou melhor: é a gravitação, na medida em que a forma geral da existência já se manifesta nela.

^s *Obs.*: por isso a essência da matéria é na verdade = à essência do infinito e não é tão imediatamente expressa de nenhuma outra maneira.

§ 94. *A identidade absoluta é posta como luz apenas na medida em que A e B são fatores da coesão, e inversamente A e B são postos como fatores da coesão apenas pela luz.* – *Demonstração.* Pois imediatamente do fato de que $A = B$ é posto, A^2 também é posto (§ 58, ad. 7). Mas, na medida em que A^{2^t} é posto, $A = B$ é imediatamente posto como substrato da identidade relativa (§ 64), e ele é posto *apenas* enquanto tal, pois também a duplicidade relativa remete a ela (§ 83, ad. 3); a identidade relativa contudo é a forma da coesão (§ 65, comparar com o § 67). Assim, 1) A e B, imediatamente do fato de que a identidade absoluta é posta como A^2 | como luz, são fatores da coesão; 2) a identidade absoluta ela mesma é *enquanto* A^2 apenas na medida em que A e B são fatores da coesão.

Escólio. Pode parecer para muitos como se um círculo tivesse surgido na proposição anterior e em sua *demonstração*, isso será esclarecido assim que nós nos exprimamos de modo mais claro sobre a relação entre a luz e a gravitação.

$A = B$ é a totalidade relativa, mas apenas em relação à potência mais elevada, pois em relação a si mesmo, ele é a [totalidade] absoluta (§ 42, def. 2). Ora, na

^t *Adendo:* a potência superior.

totalidade absoluta é posta uma indiferença completa. A gravitação enquanto totalidade absoluta poria assim uma indiferença completa da força atrativa e expansiva. Todavia, em relação ao indivíduo, ela põe ambos, A e B, quantitativamente ao infinito (§ 57), e apenas em relação ao *todo* (*idem*, def.), [ela os põe] em equilíbrio absoluto; em relação a este último contudo, ela é meramente determinada pela potência mais elevada (na medida em que ela é apenas totalidade *relativa*); e dado que com essa posição da força atrativa e expansiva em diferença quantitativa também os graus da coesão são postos (§ 72), segue-se que ela só é determinada à posição da *coesão* pela potência mais elevada, a coesão é por isso posta do mesmo modo como $A = B$ é em geral posto como totalidade relativa, isto é, [ela é posta] tão originariamente quanto o próprio $A = B$; e inversamente a potência mais elevada (ou seja, a identidade absoluta enquanto A^2) é posta na medida em que $A = B$ só pode ser posto como totalidade relativa, por conseguinte sob a forma da diferença quantitativa (da coesão); *não há assim aqui nenhum antes e nenhum depois, mas apenas a simultaneidade absoluta das potências enquanto tais* (§ 44). Eu digo “enquanto tais”, pois absolutamente considerado $A = B$ precede naturalmente A^2 (dado que

[166]

[166]

ele é o primeiro fundamento de toda a realidade, § 54, ad. 1), mas não considerado enquanto potência, pois todas as potências pressupõem-se mutuamente, como se pode ver facilmente do § 43.

Ad. Dado que a identidade absoluta é luz (A^2) apenas na medida em que A e B são fatores da coesão (este §), então a coesão é necessariamente também o limite da *própria luz*, e todo o governo da luz (por conseguinte igualmente o processo dinâmico) será circunscrito ao reino da coesão, uma proposição cuja importância se revelará em breve.

(167) § 95. *O universo material é formado por um processo originário de coesão. – Demonstração.* Pois a gravitação é o fundamento das coisas, não segundo a substância (§ 70, obs.), mas segundo a forma (o acidente). A gravitação ela mesma contudo só é *actu* sob a forma da coesão (§ 92), pois ela é posta por esta sob a forma geral (acidental) do ser, A e B; ora, o ser atual da gravitação é o universo material (§ 57); assim, o universo material é formado por um processo originário de coesão^u.

^u *Obs.:* a pergunta sobre a verdadeira origem do universo material não se pode ser respondida nem pela asserção de que ele tenha um começo nem pela de que ele não tenha. Pois ele é absolutamente, ou segundo a ideia, eterno, isto é, ele não tem *absolutamente* nenhuma relação com o tempo. Toda determina-

Obs. A demonstração já poderia ser realizada imedi-

ção de tempo ocorre apenas no conhecer finito e reflexivo, em si mesmas contudo todas as coisas estão contidas no Absoluto de maneira eterna e não-temporal. Se, contudo, pergunta-se sobre o ato de isolamento pelo qual o universo material se isola do todo e se torna o ser-aí temporal para o conhecer reflexivo, então o magneto (cujo produto é a coesão) [enquanto] princípio da individuação, é, ativamente exprimido, a autoconsciência.

O que se isola, isola-se apenas *para si*, não em relação ao Absoluto. Isso é aliás perfeitamente claro no mais elevado ato de isolamento, [isto é,] no Eu. Eu *sou* na medida em que sei de mim mesmo, e independentemente deste saber, eu não sou *enquanto* Eu. O Eu é o seu próprio fazer, o seu próprio agir.

[167]

Contudo, há nas coisas corpóreas uma expressão passiva deste ato de isolamento que é vivo e autônomo no Eu, um princípio da individuação que para elas está impresso *no* Absoluto, para que elas se isolem não em relação ao Absoluto, mas em relação a elas mesmas. – O singular aparece no tempo sem se perder da eternidade em relação ao Absoluto. Tudo o que pertence à *forma* do universo, só é exprimido nela de uma maneira não-temporal. Dado que essa forma é a diferença quantitativa (isto é, o finito) no singular e indiferença (isto é, o infinito) no todo, então também toda a série do finito, ainda que não *enquanto* finito, é igualmente eterna [e] simplesmente presente no Absoluto. Essa ordem eterna das coisas, em que um põe o outro e só é possível pelo outro, não foi engendrada, e se ela foi engendrada, então é [repetidamente] engendrada com cada nova consciência.

A identidade absoluta é por assim dizer o momento geral de dissolução de todas as coisas; nela nada se distingue, ainda que ela tudo contenha. O conhecer infinito, a autoconsciência, turva essa transparência suprema, e, se quisermos prosseguir em nossa comparação, então [diríamos que] o mundo material é um sedimento [*Niederschlag*] ou uma precipitação da identidade absoluta, ao passo que o mundo ideal [é] uma sublimação [desta]. Estes dois não são separados no Absoluto, mas são um só, e inversamente aquilo em que eles são um só é o Absoluto.

(168) atamente do fato de que a matéria deve ser vista como um magneto tanto no singular como no todo (§ 69).

Adendo 1. O nosso sistema de planetas em particular é formado por um processo de coesão e é um magneto no todo do mesmo modo que a Terra o é no singular.

Obs. Essa proposição é uma consequência imediata do § 95, cf. § 39. Eu a formulo aqui em destaque pois uma demonstração *in specie* também é possível em relação a ela, como mostrarei detalhadamente em seguida. – Assim como a Terra, o sistema de planetas também mostra diminuição relativa de coesão de um lado (Polo Sul) e elevação relativa de coesão do lado oposto (Polo Norte). Toda a astronomia física⁶³ tem de partir do princípio [assim] estabelecido. A causa da excentricidade das órbitas⁶⁴, as relações da densidade

[168]

⁶³No *Physikalisches Wörterbuch* de Gehler, lê-se na entrada “astronomia” o seguinte: “divide-se a astronomia em *esférica, teórica e física*. A esférica trata dos fenômenos do edifício global que incidem sobre os sentidos e que o observador representa como uma esfera ou globo circundando os seus olhos; a *teórica* (assim denominada a partir da noção de teoria ou ponderação especulativa sobre os fenômenos) busca extrair daí os verdadeiros movimentos dos corpos celestes bem como suas respectivas leis; a *física* instrui sobre as causas desses movimentos ou sobre as forças com as quais os corpos celestes agem uns sobre os outros” (Gehler, *Physikalisches Wörterbuch*, parte 1, pp. 139 e segs.)

⁶⁴Na entrada “excentricidade” do *Physikalisches Wörterbuch*, escreve Gehler: “distanciamento do ponto médio da órbita pla-

com a massa e com as excentricidades, a causa e a lei da inclinação dos corpos celestes⁶⁵, da rotação axial⁶⁶, de todas as alterações meteorológicas e naturais em geral, por exemplo, do desvio da agulha magnética⁶⁷, as leis

netária em relação ao ponto focal. [...] Os antigos concebiam os planetas como girando em círculos ao redor da Terra, mas punham a Terra fora do ponto médio destes, e assim, para eles, a excentricidade das órbitas era aquela linha em torno da qual a Terra se distanciava do ponto médio da órbita. Copérnico deu ao Sol o lugar que antes era afirmado da Terra, mas preservou os círculos excêntricos, e entendeu assim por excentricidade a distância do Sol em relação ao ponto médio das órbitas circulares. Kepler descobriu finalmente a forma elíptica das órbitas e notou que o Sol está no ponto focal dessas elipses. Desde então, denomina-se excentricidade das órbitas a distância do Sol ou do ponto focal S em relação ao ponto médio C". Gehler, *Phisikalisches Wörterbuch*, parte 1, pp. 660 e segs.

⁶⁵No *Phisikalisches Wörterbuch*, diz Gehler: "Inclinação da órbita. Assim denominam os astrônomos o ângulo que o plano da órbita de um planeta ou cometa faz com o plano da órbita terrestre ou com a eclíptica". Gehler, *Phisikalisches Wörterbuch*, parte 3, p. 354.

⁶⁶No *Phisikalisches Wörterbuch*, diz Gehler: "Eixo. Em 24 horas, todo o edifício global parece girar em torno de uma linha imóvel, a qual se chama eixo global [*Weltaxe*]". Gehler, *Phisikalisches Wörterbuch*, parte 1, p. 228.

⁶⁷No *Phisikalisches Wörterbuch*, diz Gehler: "Desvio da agulha magnética. Denomina-se assim o ângulo com o qual a direção da agulha magnética desvia do verdadeiro meridiano. Ainda que seja dito em geral que o magneto tenha a propriedade de se dirigir em um certo ponto para o Norte e que ele transmita essa propriedade, que chamamos de polaridade, também às agulhas com ele friccionadas, essa afirmação só é válida com algumas restrições. Tanto o próprio magneto como as agulhas dirigem-se em raros casos exatamente para o norte; eles desviam quase

com base nas quais as luas se formam e se associam a planetas principais, e assim por diante; todos esses objetos [*Gegenstände*] encontram seu esclarecimento comum no pensamento de que a formação do sistema de planetas deve ser representada como um processo universal de coesão. – A lei estabelecida no § 72 e a mim comunicada pela primeira vez pelo senhor Steffens em muito contribuiu para finalmente expor em sua integralidade, tal como eu há tanto tempo desejava, este pensamento longamente cultivado que aqui é publicamente apresentado. O princípio fundamental, sem embargo, é o grau distinto *de coerência nos diferentes pontos* [*Stellen*] *do próprio magneto* de acordo com a lei estabelecida no § 73.

Ad. 2. O sistema de planetas formou-se por metamorfose. – Segue-se do adendo 1, cf. § 78, def.

Ad. 3. A série de corpos que forma o sistema de planetas só pode se diferenciar [*differiren*] pela lei estabelecida no § 74. Trata-se assim no todo, ou em si mesmo considerado, de *uma massa*.

(169)

Ad. 4. A série dos corpos terrestres é idêntica à série dos [corpos] celestes. Segue-se do [adendo] 3, cf. a

sempre da direção do meridiano em alguns graus para leste ou oeste". Gehler, *Phisikalisches Wörterbuch*, parte 1, p. 16.

lei geral segundo a qual tudo o que há no todo, há no singular.

Obs. Essa proposição deve ser concebida como tendo aplicações muito precisas, acerca por exemplo de diversos fenômenos da série dos metais, onde muitos comportam-se claramente em relação a certos outros como luas em relação a seus planetas.

Escólio. É necessário que eu diga algo aqui sobre o modo como eu, conforme os meus conceitos de coesão e de luz – sobretudo desde que, pelos afortunados pensamentos do senhor Steffens, estamos em condições de seguir ambos os polos do magnetismo até a sua apresentação separada no carbono e no nitrogênio, [e] pelos experimentos realizados com a bateria voltaica desde então, as minhas ideias sobre a essência da água obtiveram uma fundamentação completa⁶⁸ – o modo como eu,

⁶⁸ Este ponto é apresentado pelo próprio Steffens em suas *Beyträge* publicadas no mesmo ano de 1801 nos seguintes termos: “a nossa prova de que nitrogênio e carbono são representantes do magnetismo no processo químico poderia, em função de tudo o que aí introduzimos a partir da experiência, mostrar-se complicada para muitos leitores, simplesmente porque eles não conseguem conceber como as forças que se mostram *ativas* na série dos metais (por coerência ou densidade) possam aparecer como *matéria morta* lá onde elas por si mesmas se destacam, como nos extremos mais externos. Trata-se de uma dúvida que devemos resolver. Que as matérias possam apresentar polaridade, e que apresentem polaridade efetiva enquanto matérias, prova-se contudo imedia-

[169]

de acordo com essas pressuposições, creio dever pensar a metamorfose do corpo terrestre. A natureza desta exposição, bem como todo esse modo de investigação, permite-nos estabelecer a esse respeito apenas o mais geral; uma apresentação completa e detalhada deve ser buscada no caminho da indução, e podemos esperá-la sem dúvida de Steffens (nas suas *Beyträge* etc.⁶⁹). – Antecipamos [aqui apenas] algumas proposições. Poder-se-ia representar todo o processo da metamorfose da seguinte maneira:

A identidade absoluta não é luz em si, mas apenas na medida em que o idêntico $A = B$ é posto sob a forma do ser de A e B, estes sendo pensados como fatores da coesão (explica-se a partir do § 94).

A identidade absoluta, na medida em que ela é luz, não pode exceder os limites da coesão, pois ela é apenas sob a condição desta última.

A identidade absoluta esforça-se para ser não sob

tamente pela própria experiência, na medida em que oxigênio e hidrogênio são extraídos de um líquido indiferente pelos polos da bateria voltaica, e se mostram como polos constantes da água. Depois dessa descoberta, a ideia de uma polaridade do carbono e do nitrogênio não será mais tão chocante”. Steffens, H. *Beyträge zur innern Naturgeschichte der Erde*, p. 260.

⁶⁹Trata-se das já referidas *Beyträge zur innern Naturgeschichte der Erde* publicadas por Steffens em 1801.

esta ou aquela forma ($A = B$), mas [para ser] em geral sob a forma ($A = A$).

A coesão é assim uma verdadeira barreira da luz, na medida em que esta é a identidade absoluta.

(170)

Após essa barreira ser assim posta, isto é, depois de a identidade absoluta ser em geral luz, ela se esforça então necessariamente no interior da esfera em que ela é luz por *suprimir novamente a coesão*. – O problema central de sua desconstrução assim é o ferro, e este será destarte decomposto em direções opostas.

Contudo, do ponto de vista da especulação, a matéria já é originariamente posta tanto no todo quanto no singular: sob a forma da diferença quantitativa em relação ao singular e da indiferença em relação ao todo. – Nós consideramos assim a metamorfose como originária e o magneto-total da matéria terrestre como simultaneamente posto em sua inteira totalidade. À guisa de explicação provisória, [notamos] o seguinte:

1) A sede da coesão, na medida em que ela é ativa, está no próprio ponto de indiferença; em relação a toda a série assim [ela está] no ferro. No ferro, portanto, a coesão ativa está presente.

2) A diferença quantitativa é posta segundo as direções opostas, em uma direção com fator positivo pred-

minante, na outra com fator negativo predominante.

3) Chamo a coesão fora do ponto de indiferença de [coesão] passiva, e esta é concebida em aumento na direção negativa, [ao passo que] na positiva ela se aproxima progressivamente da dissolução completa.

4) No lado negativo, encontram-se alguns [dos metais] que estão mais próximos do ferro em relação à coerência [*Cohärenz*], em seguida os chamados metais nobres, por fim [este lado] se perde nos corpos da mais elevada coerência passiva (por exemplo o diamante) e surge aqui como puro *carbono*.

[170]

5) No lado positivo, encontram-se inversamente alguns metais pelos quais a coerência do ferro progressivamente se perde, este lado desaparece finalmente em corpos da mais baixa coerência e por fim no *nitrogênio*^v.

(171)

6) A partir de 3) pode-se ver por que o carbono aparece continuamente (também na planta) em concrecência com o corpo terrestre, ao passo que o nitrogênio [aparece] (também no animal) fora de coesão com ele.

7) Tão logo as potências da diferença (A e B) são completamente separadas nas direções opostas, a matéria cai no ponto de indiferença absoluta. Este [ponto] é designado pela água (o originariamente líquido, no qual

^v *Obs.*: enxofre, fósforo.

a terceira dimensão pura é produzida, § 51, c).

8) Em toda essa metamorfose, a substância permanece a mesma (§ 78, def.) e apenas o acidental, ou a coesão, é alterada.

9) A água, enquanto substância completamente indiferente, pode ser potenciada em direções opostas, de tal modo que ela se junte^w com um polo ao lado positivo da^x série, com o outro ao lado negativo. Neste caso, tem-se o oxigênio; naquele, o hidrogênio (a menos coesa de todas as substâncias).

10) Assim como nitrogênio e carbono são os fatores da coesão ativa, oxigênio e hidrogênio são os da passiva ou, ainda, assim como aqueles são os representantes de ambos os magnetismos, estes o são de ambas as eletricidades (a este respeito, cf. em particular esta revista, vol. 1, n. 2, pp. 68 e segs.⁷⁰). Aquele será o causador de elevação de coesão; este, de redução^y.

11) A água não pode ser alterada quanto à substância nem no oxigênio nem no hidrogênio. – Pois isso é algo que nenhuma matéria pode no processo dinâmico

[171]

^w *Adendo*: e forme produtos intermediários.

^x *Adendo*: primeira.

⁷⁰ Schelling refere-se aos parágrafos 56 e 57 da *Allgemeine Deduction* (HKA I/8, pp. 355-359).

^y *Correção*: aquele elevará a coesão relativa, este diminuirá.

(172) (§ 94, ad.). Os mais recentes experimentos de transformação da água⁷¹ não ensinam assim nada a respeito de como a água propriamente é, mas confirmam apenas a proposição geral provada na filosofia da natureza de que todas as qualidades são apenas potências de um e do mesmo $A = B$ idêntico e indiferente (ver o tratado *do processo dinâmico*, vol. 1, n. 1 e 2 desta revista, § 47 e segs.⁷²). No mesmo sentido em que a água é indecomponível, toda matéria [também] o é^z. – Aquilo que é próprio à água consiste naquilo que é dito na próxima proposição.

12) A água não é capaz de nenhuma polaridade durável. Pois esta só existe sob a forma da solidez e do magnetismo (§ 68). – A água indica em suas alterações uma relação mais elevada, a de toda a Terra ao Sol^a. Pois se o Sol lograsse se apropriar da Terra do mesmo modo que a Terra se apropria da Lua ou, ainda, [se lograsse] produzir uma polaridade leste-oeste durável,

⁷¹Schelling refere-se sobretudo aos experimentos realizados pelo físico e filósofo da natureza Johann Wilhelm Ritter, os quais buscavam refutar a tese da composição da água por oxigênio e hidrogênio.

⁷²Trata-se dos parágrafos 47 a 55 da *Allgemeine Deduction* (HKA I/8, p. 341-355).

^z *Adendo*: e inversamente, no mesmo sentido em que se pode decompor outras matérias, pode-se também a água.

^a *Adendo*: Polo Sul-Norte-Leste-Oeste.

então a água desapareceria da Terra do mesmo modo que, segundo todos os indícios, desapareceu da Lua⁷³.

13) A água contém carbono e nitrogênio do mesmo modo que o ferro, mas em indiferença absoluta, ao passo que este os contém em indiferença relativa, e assim toda verdadeira polaridade da Terra remonta a uma única [polaridade] originária, sul e norte, a qual é fixada no magneto.

Nesta série encontra-se toda a matéria originária da Terra, assim como nestas poucas proposições repousa a teoria de todo o processo dinâmico.

Ad. 5. Essa teoria da metamorfose da qual só pu-

⁷³No *Physikalisches Wörterbuch*, encontra-se a entrada “poças lunares [*Mondflecken*]”, descritas por Gehler nos seguintes termos: “As grandes poças escuras da Lua, quando cortadas pela linha divisória da iluminação, mostram-se sempre planas e sem nenhuma parte saliente. Elas parecem ser assim planícies cuja matéria não reflete muito intensamente a luz solar, mas antes a acolhe em si ou deixa-lhe passar. Diante de uma matéria transparente com superfície plana é natural que se tenha pensado em água, e que se tenha tomado tais poças por mares lunares. [...] Contudo, dado que também há matérias sólidas que sob iluminação similar parecem mais escuras do que outras, segue-se que essa conclusão não é inteiramente certa, ainda que tenha sido de resto tão universalmente aceita. [...] Ademais, de tanta água sendo iluminada pelo Sol por catorze dias deveriam formar-se frequentemente vapores que tornariam a Lua turva – dos quais contudo nada é observado. Essas poças assim parecem ser de fato em sua maior parte planícies, e não mares” (Gehler, *Physikalisches Wörterbuch*, parte 3, p. 283).

[172] demos de fato fornecer os traços principais deixa ainda uma pergunta sem resposta; ela determina com efeito apenas a posição que a matéria ocupa na série originária^b, mas não a quantidade desta mesma matéria. Deve imediatamente ser repetida aqui a observação (vol. 1, n. 2, p. 56 desta revista⁷⁴) de que a fórmula $A : R$ só pode designar a grandeza relativa das forças, mas de modo algum a [grandeza] absoluta. A fórmula $2A : 2R$ por exemplo não diz que uma quantidade duplicada de forças é utilizada, mas que a relação entre forças é inteiramente idêntica. Essa relação de forças existe ao infinito no que diz respeito a cada matéria determinada, e é a mesma tanto nas partes menores quanto nas maiores. As forças em si e para si, ou individualmente consideradas, não têm em geral quantidade alguma, pois ambas são infinitas enquanto forma do ser da identidade absoluta; elas obtêm quantidade apenas nesta e por esta relação. A grandeza extensiva de um corpo só pode ser exprimida assim por adição dessa relação a si, tal adição é posta contudo pela *coesão*. Antes dela, não há adição alguma, o $A = B$ é simplesmente o um,

(173)

^b *Adendo*: a qualidade.

⁷⁴ Trata-se do parágrafo 51 da *Allgemeine Deduction* (HKA I/8, p. 348).

continuidade absoluta. Apenas com a transição desta^c para a [continuidade] relativa, tornam-se possíveis as partes (grandezas discretas) e o acréscimo de parte a parte. A fórmula $A : B$ designa um simples 1; o esquema da coesão é a série $1 + 1 + 1 \dots$ ao infinito. Um 2 só será posto pela duplicidade relativa, e assim pela eletricidade (§ 89, ad.). Na produção originária, não há adição, mas penetração, [não há] absolutamente nenhuma parte, mas apenas o Um *absoluto*^d. – Uma outra pergunta diz respeito contudo àquilo pelo que a grandeza dessa adição é determinada; e, sobre este o ponto, tem-se o seguinte. Na medida em que a coesão passiva aumenta no lado negativo, a metamorfose passa necessariamente pelo máximo do peso específico. O processo de coesão em corpos pesados em tão eminente grau^e não pode ser prolongado no comprimento, dado que a proporção originária não suporta o prolongamento dessa despesa de força atrativa; por outro lado, ela pode ser mais perdulária com o fator positivo nas direções opostas, e produzir finalmente as maiores quantidades no ponto

[173]

^c *Adendo*: continuidade absoluta.

^d *Obs.*: justamente por isso também o conceito comum de *peso específico* (como repousando sobre a multitude de partículas) é impossível. Este $A = B$ já é peso específico.

^e *Correção*: os especificamente mais pesados.

(174) de indiferença, como se revela do modo mais claro na consideração do sistema de planetas e na abundância de ferros na Terra. É assim, no todo, uma e a mesma força atrativa e expansiva que se acumula mais ou menos em direções opostas. – O físico pode certamente ter a liberdade de explicar a repartição das forças por um regresso ao infinito (do corpo singular para a Terra, da Terra para todo o sistema de planetas) etc. A especulação, que não erige tal regresso, nega-o pela totalidade e pela absoluta simultaneidade em que tudo é concebido.

§ 96. *A identidade absoluta, na medida em que ela é enquanto luz, não é força, mas atividade.* – Pois enquanto luz ela não é fundamento de realidade, mas *ela mesma* realidade (§ 93). Ela não é contudo um ser singular, mas o *próprio* ser (§ 8), por conseguinte (§ 36) também não [é] limitada, isto é, padecente, sendo assim atividade pura.

§ 97. *A identidade absoluta é posta imediatamente na medida em que a gravitação é posta como sendo.* Pois dessa maneira estão postas todas as condições do seu ser, como se esclarece pela comparação do que por último foi apresentado com os § 45 e § 46.

§ 98. *A identidade absoluta não é em si luz, mas apenas na medida em que ela é a identidade absoluta*

desta potência. – Pois (§ 62) ela é apenas enquanto $A^2 = \text{luz}$. Segue-se ainda imediatamente do § 94.

Ad. 1. Inversamente assim, a luz, considerada em si (abstráida da potência), será a própria identidade absoluta.

Ad. 2. A luz, enquanto identidade absoluta desta potência, só pode ser posta pelo limite desta potência, por conseguinte (§ 94, ad.) pela coesão.

§ 99. *Definição.* Identidade com a luz é transparência.

Ad. A gravitação^f foge da luz, pois ela [a] precede enquanto fundamento de sua existência. Mas ela é transparente para a identidade absoluta, pois para esta tudo é idêntico. Ela é assim opaca para a identidade absoluta apenas na medida em que esta é luz, mas esta só é = luz na medida em que a própria gravitação^g é posta sob a forma da diferença quantitativa – não sendo assim posta como identidade pura (§ 94). Assim, a opacidade é originariamente apenas relativa e não é posta nem em relação à gravitação nem em relação à luz, quando estas são consideradas absolutamente.

[174]

(175)

Escólio. Não apenas cada um dos fatores individuais

^f *Correção:* gravidade [*Schwere*].

^g *Correção:* a unidade real.

A e B são idênticos à luz segundo a essência, (pois cada um deles é a mesma identidade absoluta, § 22), como também o é a absoluta indiferença de ambos. A opacidade surge assim apenas pelo ser-posto de ambos em indiferença relativa, ou em diferença quantitativa, pois nessa relação ambos se *turvam* [*trüben*] mutuamente. Assim, na série da coesão construída acima, a transparência em relação à luz só será encontrada no ponto absoluto de indiferença (§ 95, ad. 4, esc. 7), e em ambos os extremos dos graus de coesão, em que, diante da predominância de um fator, o outro quase desaparece, ressurgindo assim a identidade imaculada [*ungetrübte*]. A opacidade suprema encontra-se necessariamente no ponto da mais elevada gravidade posta sob a forma da coesão (a platina e os demais metais).

§ 100. *Na exata medida em que a identidade absoluta é posta em oposição com a gravitação, ela é posta enquanto mera luz, isto é, enquanto identidade absoluta desta potência.*

Escólio. Não duvidamos de que parecerá contraditório para a maioria falarmos de uma identidade absoluta *desta potência*, isto é, de uma identidade absoluta que não é pois absoluta; tal contradição desaparece contudo quando se leva em consideração o seguinte.

A luz considerada segundo a essência é a própria identidade absoluta considerada segundo a existência – a identidade absoluta desta *potência*. Se desconsideramos a potência, isto é, o modo da existência, então ela é a identidade absoluta simplesmente; se a adicionamos, então ela, enquanto identidade absoluta, não pode jamais ser suprimida (§ 11); ela é assim, segundo a essência, a identidade absoluta nesta potência do mesmo modo como ela também é, segundo o ser, a identidade absoluta em relação a todas as potências. – De um modo geral, o leitor reterá constantemente diante dos olhos que todas as oposições que possam ser feitas desaparecem completamente do ponto de vista da identidade absoluta e não são em si mesmas absolutamente nada. É fácil assim compreender que o ser-aí da luz designa apenas o lugar do todo em que a predominância ainda se encontra completamente no lado real, de modo que luz e gravitação formam juntas novamente um real em relação ao todo, e não estão assim de modo algum em oposição.

[175]

(176)

§ 101. *A luz não pode ser posta enquanto luz sem ser posta sob a forma geral do ser (A e B).*

Demonstração. Pois segundo a essência (§ 98) tem-se aqui não a luz, mas a própria identidade absoluta.

Aquilo pelo qual a luz é não pode pertencer à sua essência, por conseguinte tampouco à essência da identidade absoluta, trata-se assim de uma simples forma ou modo de sua existência^h (§ 15, ad. 1). A luz, *qua* luz, é assim apenas umaⁱ forma do ser da identidade absoluta. – Ora, a forma geral do ser da identidade absoluta é A e B; assim, a luz é posta enquanto luz necessariamente sob a forma de A e B^j.

§ 102. *A luz não é posta segundo a sua essência sob a forma de A e B.* – Pois ela não é luz segundo a sua essência (§ 98); ora, ela é meramente posta *enquanto* luz etc. (§ 101). Assim, ela não é tampouco posta segundo a sua essência etc.

§ 103. *A luz é posta segundo a sua essência de modo independente tanto de A como de B, os quais são ambas meras formas de sua existência.* – Segue-se com a mesma evidência que o § 6.

Ad. Como nem A nem B são em si mesmos luz, mas apenas a identidade absoluta na medida em que

^h *Adendo:* e mais precisamente dessa existência determinada pela qual ela é = luz.

ⁱ *Adendo:* um modo determinado ou.

^j *Adendo:* verdadeiro ponto de indiferença absoluta da série da coesão, e assim posta onde a diferença é posta *na mesma relação* que esta.

ela é posta sob a forma de ambos, então esta será posta enquanto luz precisamente apenas na indiferença de ambos.

[176]

Obs. A e B são , em relação à luz, fatores da coesão (isso se explica a partir do § 94); B [como] o fator expansivo, redutor de coesão, por conseguinte + E (potenciante [*Potenzirendes*] do hidrogênio), [e] A destarte como o oposto – E (potenciante do oxigênio). Retomamos assim uma proposição já estabelecida anteriormente ainda que de modo não desenvolvido (*Von der Weltseele*, p. 27⁷⁵), a qual recebe pela primeira vez aqui simultaneamente a sua confirmação e retificação. Mas justamente na indiferença quantitativa de + E e – E é posto um e o mesmo idêntico (a luz) sob *modis existendi* inteiramente opostos.

(177)

Fazemos essa observação explicitamente também para que não se veja em nossa proposição algo como uma confirmação da representação de alguns físicos segundo os quais a luz é composta de matéria térmica

⁷⁵Lê-se na passagem em questão de *Von der Weltseele*: “pois lá onde o positivo está, encontra-se, justamente por isso, também o negativo. Nem este nem aquele existe *absolutamente e em si mesmo*. Eles obtêm uma existência própria e separada apenas no momento do conflito, lá onde o conflito cessa, perdem-se ambos um no outro” (HKA I/6, p. 91).

[*Wärmestoff*] e de um outro princípio que eles chamam de matéria luminosa [*Lichtstoff*]⁷⁶. – Assim, no que diz respeito à composição da luz, ver acima o § 102. Segundo a nossa dedução, A e B pertencem não à essência da luz, a qual é a essência da própria identidade absoluta, mas à mera forma de sua existência enquanto luz. Ela própria só poderá existir assim *enquanto* luz na indiferença de ambos. Assim, ainda que o nosso B seja o princípio de aquecimento, aquilo que designamos por A não pode ser de fato considerado como a parte luminosa da luz. Pois a luz, e destarte também a iluminação, está justamente lá onde há indiferença completa de ambos, não sendo assim nem um nem outro.

Definição. Chamo a luz posta sob a forma de A e B *com diferença quantitativa* de luz *turva*.

§ 105⁷⁷. *Toda transparência é para a luz meramente relativa.* – Explica-se pelo § 99 com o esc.

Lema 1. O efeito de um corpo relativamente trans-

⁷⁶Posição defendida por físicos como Pierre-Joseph Macquer, Johann Gottfried Leonhardi, Jeremias Benjamin Ritter, dentre outros – e contestada por Schelling em uma passagem já mencionada acima de suas *Ideias para uma filosofia da natureza* (HKA I/5, p. 125).

⁷⁷O § 104 foi saltado por Schelling no texto publicado na *Revista*. Em função do sistema de remissões interno ao texto, tal ausência é mantida nas edições padrão da obra de Schelling.

parente sobre a luz é a *refração*. O efeito interno da refração é turvar a luz, isto é (conforme o § 103, def.), pô-la sob a forma de A e B com diferença quantitativa. O efeito externo da mesma é o deslocamento [*Verrückung*] de um objeto luminoso.

[177]

[*Lema*] 2. O efeito do corpo opaco sobre a luz é a *reflexão*. Também esta é um turvar da luz^k.

(178)

Obs. 1. Reflexão e refração têm um e o mesmo fundamento na natureza.

[*Obs.*] 2. Que a luz seja posta, pelo efeito da refração tal como pelo efeito da reflexão, sob a forma B e assim como quente, é algo que também os fatos já poderiam há muito tempo ter nos ensinado, como por exemplo o baixo calor do ar nas regiões mais elevadas da atmosfera, o qual é por sua vez consideravelmente maior nas profundezas onde a luz penetrou por reiterada refração – e outros mais.

Ad. O calor não pertence à essência da luz, mas é um mero modus existendi dela.

§ 106. *Lema.* A cor é em relação à luz algo simplesmente acidental. O efeito interno da refração é o enturvar-se [*Getrübtwerden*] da luz; o externo é um deslocar-se [*Verrücken*] da imagem; contudo, para que

^k *Adendo:* posição da luz sob uma ou outra forma.

esse deslocar-se produza luz, a condição acidental das bordas claras e escuras que se limitam umas às outras deve ainda ser satisfeita – ver as duas primeiras partes dos *Beiträge zur Optik* de Goethe⁷⁸.

Obs. Pode-se ver a partir daqui e do adendo do § 105 como devem ser considerados os novos experimentos de Herschel sobre a força térmica dos raios solares e os supostos espectros térmicos⁷⁹ (similar ao espectro

⁷⁸Essa relação entre luz e cor é explicada por Goethe em suas *Contribuições (Beiträge)* nos seguintes termos: “O prisma só manifesta cor lá onde luz e sombra alternam-se horizontalmente; por isso, ele manifesta cores usualmente em todas as suas bordas horizontais, pois dificilmente pode-se pensar uma borda em que não exista, entre um objeto e outro, desvio de cor ou de luz e de sombra. (Observo aqui à guisa de mais precisão o que só pode ser explicado na sequência, a saber, que nas bordas onde objetos coloridos chocam-se uns com os outros, o prisma manifesta igualmente as cores de acordo com as leis até aqui formuladas, ou seja, apenas na medida em que uma cor que está sobre a outra é mais escura ou mais clara)”. Goethe, J. W. von. *Beiträge zur Optik*. Weimar, 1791-1792, § 54, p. 31.

⁷⁹Tais experimentos são relatados pelo próprio Herschel no artigo “Untersuchungen über die wärmende und die erleuchtende Kraft der farbigen Sonnenstrahlen; Versuch über die nicht-sichtbaren Strahlen der Sonne und deren Brechbarkeit; und Einrichtung großer Teleskope zu Sonnenbeobachtungen” publicado nos *Annalen der Physik*, vol. 7, n. 2, pp. 137-156. A partir da página 145, diz Herschel: “Já nas séries precedentes de experimentos, mostrou-se que o calor no espectro de cores não depende de modo algum da iluminação, e de acordo com os últimos experimentos, [viu-se que] o próprio aquecimento não se restringe ao limite do espectro de cores, mas ultrapassa tal limite por meio de raios

newtoniano das cores [*Newtonischen Farbengespenst*]). Não queremos contudo julgar prematuramente os físicos alemães que consideram, sem qualquer reserva, as conclusões de Herschel altamente convincentes, e esses experimentos notáveis como uma nova e quase irrefutável prova da teoria newtoniana ou ao menos de uma composição ou polaridade da luz (no sentido deles). Sem embargo, gostaríamos sobretudo de pedir daqueles que repetem tais experimentos alguns esclarecimentos suplementares que procuramos sem sucesso em Herschel, por exemplo, o que sucede com a matéria térmica especialmente do azul (mas também do amarelo), ponto sobre o qual o senhor Herschel (ao menos no fragmento que temos diante de nós, dificilmente por culpa do dedicado e preciso editor) se cala inteiramente. A partir disso, deveríamos quase supor, na ausência de outras razões, que

(179)

solares não-visíveis mas de efeito aquecedor intenso. Daí surgiu a pergunta interessante e importante sobre qual é o ponto em que a força de aquecimento é maior. *Este máximo de calor encontra-se, de acordo com experimentos cuidadosos, no plano da refração além do limite do espectro de cores, mais ou menos a $\frac{1}{3}$ polegada do vermelho mais exterior; e a 1 polegada de distância do limite do vermelho, o calor é justamente tão grande quanto no meio da luz vermelha. Os limites do espectro de calor (como ele pode ser chamado por analogia com o espectro de cores) são o violeta mais exterior, e um ponto que não pode ser precisamente determinado que se encontra a pelo menos $\frac{1}{2}$ polegada ou a $\frac{1}{2}$ grau além dos limites do vermelho mais externo*".

o azul não quis se conformar à ordem newtoniana da refrangibilidade; ele se posicionou, por exemplo, próximo do vermelho tanto em relação ao aquecimento como em relação à iluminação (*Annalen der Physik*, vol. VII, p. 142⁸⁰) – com a única diferença que no primeiro a borda escura é conduzida sobre a clara, ao passo que na segunda ocorre o inverso, sendo o fundamento escuro o oscilante [*durchwinkende*]. – No que concerne aos experimentos de Herschel sobre a intensidade diversa da iluminação [causada] por luzes de diferentes cores, seus resultados correspondem àquilo que poderíamos saber previamente sem tais experimentos. – O que chama a atenção, acrescentamos ainda esta observação, é [que não se entende] por que o espaço fora do [espaço] violeta foi investigado apenas com o termômetro e não com

⁸⁰Trata-se do texto “Über die farbigen Sonnenstrahlen”; na passagem mencionada por Schelling, diz Herschel: “As observações acerca desses variados objetos concordaram da melhor maneira entre si e conduziram à conclusão de que os raios *vermelhos* não proporcionam de modo algum a mais perfeita iluminação, ao passo que os raios *alaranjados* iluminam melhor e os *amarelos* fazem-no de modo ainda mais intenso. O máximo de iluminação resulta do *amarelo* mais claro ou *verde* mais pálido. O próprio verde é quase tão claro como o amarelo; depois do verde mais forte e intenso, contudo, a força de iluminação dos raios coloridos diminui. Os azuis iluminam mais ou menos tão intensamente como os vermelhos; muito menos o fazem os raios anis e ainda menos os violetas, que são muito fracos” (*op. cit.*, *loc. cit.*).

outros reagentes⁸¹. – Para os propósitos da presente exposição creio ser o bastante assegurar *que mesmo pelos novos experimentos de Herschel o lema da identidade da luz não é de modo algum ameaçado, e que na verdade [por eles] é provado algo muito distinto do que o caráter composto da luz*. A demonstração detalhada dessa afirmação será realizada em um artigo do número seguinte [desta revista]⁸².

Adendo. A luz é incolor segundo a essência ou, ainda, a luz não é determinada segundo a essência pela cor. Pois a luz é apenas turvada, mas não é de modo algum colorida – apenas uma imagem ou um objeto [o é]. Por conseguinte, a cor é algo que não pode pertencer jamais à essência da luz.

Obs. Esclarece-se aqui que, mesmo se pudesse ser provada uma diferença efetiva também no interior da

⁸¹Schelling refere-se à terceira série de experimentos relatada no texto já citado “Über die farbigen Sonnenstrahlen”, onde Herschel declara, na página 145 que: “No outro extremo do espectro de cores, além do limite mais exterior do violeta, não ocorreu nenhuma alteração no estado do termômetro nem o menor sinal de aquecimento”.

⁸²O número em que a presente *Exposição* foi publicada foi o último da *Revista de física especulativa*; na *Nova revista de física especulativa*, uma refundação da publicação original vinda a público no ano seguinte (1802), não se encontra nenhum texto sobre o assunto.

figura prismática, ela não teria absolutamente nenhuma relação com a cor, e seria completamente independente dela.

[179]

§ 107. *A força de condução térmica e elétrica de um corpo é determinada pela sua posição na série da coesão.* – Pois ela é uma função da coesão (§ 91).

(180)

Ad. 1. Toda condução é apenas uma tentativa de produzir coesão ativa. – Ora, seja 1) um corpo no qual um fator da coesão ocorre em predominância, por exemplo um [corpo] do lado negativo, então ele não poderá produzir coesão ativa em si mesmo, mas apenas pela ajuda de um segundo, o qual acrescenta o outro fator da coesão, e assim também da força de condução. Chamaremos tal corpo de isolante, pois ele só conduz no ponto em que ele é tocado. Seja 2) um corpo que se aproxima do equilíbrio da coesão ativa (por exemplo todos os metais), eles serão então excelentes condutores de calor e eletricidade tanto em si mesmos como em conflito com outros, todavia a mais elevada força de condução não ocorrerá no ponto da suprema coesão ativa (pois esta dificilmente pode ser posta fora de equilíbrio, e assim também dificilmente ser determinada à condução), mas antes nos produtos daquela coesão que mais se aproximam dela (por exemplo, a prata, a cobre). 3) Nos

corpos em que o fator positivo da coesão predomina, teremos o caso de 1), tem-se aqui assim novamente isolantes (por exemplo, o enxofre e outros). 4) Nesse ponto absoluto de indiferença, encontra-se apenas um corpo, a água; esta, bem como os corpos mais próximos dela, não serão de modo algum condutores, pois toda coesão ativa é neles suprimida, eles mesmos não são capazes de nenhum $1 + 1 + 1$ e assim por diante, mas são em relação ao processo de condução um Uno absoluto. Dado porém que por exemplo a água é inteiramente indiferente no exterior, então ela poderá surgir nesse processo de condução enquanto este *Uno*¹, sendo assim certamente um condutor relativo, mas não [um condutor] em si ou absoluto. – (Aqui repousa a retificação das novas representações sobre o caráter não-condutor dos líquidos). 5) Finalmente, lá onde a série termina em seus polos, de tal modo que a matéria representa apenas um ou outro fator (atmosfera de nitrogênio – de oxigênio – de hidrogênio), aparece necessariamente de novo a força de não-condução.

[180]

Ad. 2. A partir do que vem de ser tratado, pode-se conceber os diferentes modos como o magnetismo e a eletricidade se transmitem, pois assim como o magneto

¹ *Adendo*: sem qualquer diferença de massa.

(181) é uma totalidade completa em relação a si mesmo (§ 70) e está em coesão ativa consigo mesmo, do mesmo modo nenhum de seus polos pode ser alterado por fora (a menos que seja por um [magneto] mais forte), mas antes inversamente cada um porá fora de si o seu oposto (com o qual ele coere [*cohärirt*]).

§ 108. *Def.* Chamamos a esfera até aqui descrita, cujos limites são determinados pela oposição entre a coesão e a luz, de *esfera dinâmica*; já a atividade dentro dela, de *atividade dinâmica*; e esta, na medida em que ela ocorre sob uma forma determinada, de *processo dinâmico*⁸³.

§ 109. *A natureza se esforça na esfera dinâmica^m necessariamente pela indiferença absoluta. – Demonstração.* Pois ela se esforça com cada corpo pela totalidade (§ 80). Ora, esta é apenas na indiferença absoluta, tanto no todo como também (§ 39) nas potências singulares.

⁸³No § 2 de *Allgemeine Deduction*, Schelling define o processo dinâmico nos seguintes termos: “Nós afirmamos contudo, e foi provado, que aqueles fenômenos que concebemos sob o nome de processo dinâmico e que constituem os únicos [fenômenos] primitivos da natureza não são nada mais do que um autoconstruir-se da matéria continuamente repetido em níveis diferentes. Deve-se considerar assim uma dedução do processo dinâmico como algo idêntico a uma construção completa da matéria e como a tarefa suprema de toda a ciência da natureza” (HKA I/8, pp. 297-298).

^m *Correção*: no processo dinâmico.

Por conseguinte, ela se esforça, etc.

Ad. A natureza no processo dinâmico busca suprimir mutuamente umas pelas outras todas as potências da matéria. – Pois isso é o que acontece na indiferença absoluta (§ 30, esc.). Ora, ela se esforça e assim por diante (conforme este §). Assim, etc.

Obs. Poder-se-ia dizer que o processo dinâmico é uma tentativa contínua de ocultar novamente a gravitação assim como aquilo que ela forçadamente desvelou. O magneto tende a convergir com os seus polos e só é impedido de fazê-lo por si mesmo (pela solidez). Cada polo busca unir-se com o seu oposto para se ocultar; o Sol, que diante de todos os seus planetas representa apenas um polo, inclina os seus eixos e busca coerir com eles. A Terra com a Lua – bem como todos os planetas com as suas luas – logrou ao menos alcançar uma coesão à distância. Dois corpos indiferentes, quando eles não põem magnetismo (totalidade em relação a si mesmo) em si, aquecem-se, pois cada um põe no outro aquilo pelo que ele pode coerir com seu outro. Dois corpos diferentes unem-se efetivamente como se cada um buscasse por assim dizer ocultar a sua privação de completude [*Ganzheit*].

[181]

§ 110. *A totalidade do processo dinâmico não é*

(182) *apresentada nem pelo magnetismo nem pela electricidade.*

Ad. 1. No magnetismo, um e o mesmo corpo representa sob a forma da identidade relativa simultaneamente o fator positivo e negativo; na electricidade, ambos fatores são apresentados sob a forma da duplicidade relativa em corpos separados. Assim, a totalidade absoluta do processo dinâmico não se encontra nem neste nem naqueleⁿ.

[*Ad.*] 2. Essa totalidade só pode ser exposta pelo acréscimo da indiferença absoluta, isto é, daquilo que não é em si nem o positivo nem o negativo nem tampouco ambos em indiferença relativa. Pois apenas então é posta simultaneamente diferença e indiferença quantitativa, isto é, (§ 45) totalidade.

§ 111. *Definição* 1. A matéria é *relativamente indiferente* quando ela é diferente no exterior^o e indiferente apenas no interior; ela é absolutamente indiferente quando é indiferente no exterior e no interior.

Def. 2. Chamo o estado da matéria no qual ela é absolutamente indiferente de seu estado sem-potência [*potenzlosen*].

Ad. Este estado sem-potência da matéria é represen-

ⁿ *Adendo:* e assim nenhuma indiferença absoluta.

^o *Adendo:* meramente.

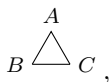
tado pela água (esclarece-se pelo § 95, esc. 7)⁸⁴.

§ 112. *A totalidade do processo dinâmico é exposta apenas pelo processo químico.*

Escólio provisório. Entre a identidade relativa e a duplicidade relativa não há nenhuma oposição em si; podemos tanto considerar o magneto como composto de dois corpos, quanto os dois corpos do processo elétrico como um só (= ao magneto). Na demonstração seguinte, podemos representar então os dois lados do triângulo tanto como magneto quanto como dois corpos elétricos.

[182]

Demonstração. I) No



AB representa apenas um fator da coesão, e AC apenas o outro; a totalidade só é produzida pelo acréscimo do terceiro, o qual é em si absolutamente indiferente, e por

⁸⁴Em uma carta a Goethe do dia 26 de janeiro de 1801, diz Schelling: “A água é o ferro completamente despotencializado, isto é, privado de todas as potências desenvolvidas para o exterior, e com ela começa uma segunda metamorfose ocorrendo na direção inversa, a qual se denomina processo químico. A assim chamada decomposição e recomposição da água é o modelo [*Vorbild*] e o esquema fundamental de todas as outras assim chamadas decomposições e recomposições” (HKA III/2, 1801.01.26-1).

consequente (§ 111, def. 2) sem-potência. Isso se segue do § 110, ad. 2 – Ora, dado que é a gravitação que é posta na coesão sob a forma de A e B (§ 92), sendo por consequente (§ 6) independente de ambos e assim indiferente a ambos, segue-se então que BC, o qual segundo o ad. do § 111 é a água, aparece aqui enquanto gravitação e é, assim como esta, inteiramente indiferente diante de ambas as formas do ser, A e B. (Há, pois, se podemos assim nos exprimir, um produto balanceado, que, dependendo da determinação exterior, pode ser posto ora sob uma, ora sob outra forma do ser, sendo contudo sob cada uma delas apenas o mesmo idêntico.) Ora, dado que dos dois corpos, AB e AC, um, por exemplo AB, elevou-se em sua coesão, o outro, AC, proporcionalmente foi diminuído na sua, sendo BC por sua vez indiferente diante de cada potência, este [BC] é então posto por AB e AC, segundo a lei do ad. 2 do § 107 (pois AB e AC são juntos = ao magneto, § 75), simultaneamente sob a potência do + e -, e assim, dado que $AC = + E$ e $AB = - E$, enquanto um *magneto de ambas eletricidades* – e como esta, além disso, existe apenas na separação (§ 83, ad. 2), [segue-se que BC é posto] enquanto um magneto que no momento em que ele surge também se separa. Ora, BC é (§ 95, esc. 9) potenciado por $+ E =$ hidrogênio

[*Wasserstoff*], e potenciado por $-E$ = oxigênio [*Sauerstoff*] (quando se concebe sob este material [*Stoff*] não apenas a mera potência, mas também o substrato). – (Eu realizei as demonstrações dessa proposição muito tempo antes das tentativas posteriormente realizadas⁸⁵, as quais só podem justamente ser concebidas por meio de tal proposição.) Por conseguinte, a atividade posta sob a forma de ABC é, em relação à *água*, aquilo que se chama na linguagem usual de uma desoxidação da mesma, mais precisamente, uma posição dela sob ambas as forma formas do ser, A e B^P.

[183]

II) Dado que AB é elevado em sua coesão por AC, ao passo que AC é diminuído na sua por AB (*ex hyp.*), cada um desses corpos tendo contudo a tendência necessária de retornar ao seu estado inicial (§ 63, ad. 1), segue-se então que: 1) AC elevar-se-á novamente^q em sua coesão às custas de BC (§ 95, esc. 10), na linguagem usual ele irá *oxidar-se*; 2) AB, que é elevado em sua coesão, irá, às custas de BC, por meio do hidrogênio (§ citado), diminuir em sua coesão, e irá portanto, assim como o

(184)

⁸⁵Tal tese, já estabelecida nas *Ideias* (HKA I/5, p. 152), é elaborada com mais detalhes no *Primeiro esboço* (HKA I/7, pp. 165-170) e na *Allgemeine Deduction*, § 56 (HKA I/8, pp. 355-357).

^P *Adendo*: uma decomposição.

^q *Adendo*: relativamente.

precedente foi oxidado, *desoxidar-se*. – Por conseguinte, a atividade posta sob a forma de ABC em relação a ambos os corpos é *oxidação* e (sob condições dadas) *desoxidação*.

III) Ora, o assim chamado oxigênio é membro de toda a atividade química, e todo processo químico é ou bem oxidação ou desoxidação, uma proposição que já foi estabelecida nos escritos anteriores da filosofia da natureza⁸⁶ e que deve se impor cada vez mais, mesmo ao simples empirista. Assim, o processo posto sob a forma de ABC é o processo químico em geral.

IV) Ora, essa mesma fórmula é igualmente o esquema da totalidade do processo dinâmico; assim, a totalidade do processo dinâmico é exposta apenas no processo químico.

Ad. 1. O processo químico, em sua originariedade, repousa simplesmente no fato de que dois corpos diferentes, por contato, põem mutuamente em si alterações de coesão, e que cada um deles restabelece o seu estado às custas do indiferente. – Segue-se diretamente da demonstração deste §.

⁸⁶A proposição mencionada por Schelling é discutida nas *Ideias* (HKA I/5, p. 179 e p. 238) e no *Primeiro esboço* (HKA I/7, pp. 159-161).

Ad. 2. A lei geral deste processo é: que de dois corpos deslocados sob as condições do processo químico, aquele cuja coesão é relativamente diminuída, *oxida-se* (a água é assim potencializada em oxigênio), aquele por outro lado que é elevado em sua coesão, *desoxida-se* (ou ao menos a água é potencializada em hidrogênio). Segue-se imediatamente.

[184]

Ad. 3. Com isso, explica-se por si mesmo o que deve ser compreendido por expressões como parentesco [*Verwandtschaft*] com o oxigênio etc. e pela assim chamada afinidade [*Affinität*] química.

§ 113. *O processo químico é mediado tanto pelo magnetismo como pela eletricidade.* Explica-se pelo § 112, esc. – *Alternativa:* a condição de todo processo químico (§ 112, ad. 1) também é dada (§ 75) pelo magneto, cujos dois lados correspondem no triângulo acima a AB e AC. Assim, etc.

(185)

Obs. Conferir os experimentos de Arnim segundo os quais, sendo os dois polos do magneto postos em contato entre si e com a água, o polo norte se oxida⁸⁷. Mas o

⁸⁷Os experimentos em questão são relatados pelo próprio Ludwig Achim von Arnim no artigo “Ideen zu einer Theorie des Magneteten” publicado nos *Annalen der Physik*, vol. 3, n. 1, 1800, pp. 48-64; na página 59, diz Arnim: “Como observamos que pela magnetização sem alteração de volume ocorre entre nós que

polo norte do magneto = ao polo sul da Terra, isto é, (§ 85, ad. 1) àquele que é diminuído em sua coesão de modo relativamente =, ele está assim no mesmo caso que AC (§ 112)

Comentários gerais

1. A demonstração do § 112 poderia também ser realizada imediatamente a partir do § 69. Pois, dado que o mesmo que vale do magneto total vale também do singular, então aquele, assim como este, tenderá a convergir com os seus extremos e buscará retornar em si mesmo. Isso acontece contudo pelo processo químico, o qual liga os extremos da série (§ 94, esc.) reunindo-os sob um esquema comum.

o polo norte torna-se mais pesado, isto é, especificamente mais pesado, ao passo que o polo sul se torna especificamente mais leve, podemos então talvez supor que, pela ação de um segundo magneto, este perderia oxigênio para o polo norte e receberia carbono do polo sul. Não se segue daí contudo que o químico [*der Chemiker*], se ele agora partisse o magneto ao meio, obteria mais carbono de um lado e mais oxigênio do outro, mas, na medida em que o magneto se separa, invertem-se também essas ligações mútuas em seus novos polos. Apenas na oxidabilidade mais leve ou mais intensa do polo pode-se então reconhecê-lo. [...] Se colocamos contudo uma armadura de ferro macio em ambos os polos e os untamos com água, então podemos observar em pouco tempo [...] a oxidação mais intensa no polo norte do magneto, e portanto no polo sul da armadura, isto é, onde a maior parte de oxigênio já se encontra, pois, de acordo com a experiência de Guyton, a atração do carbono em relação ao oxigênio diminui quanto maior a distância entre eles.”

2. É universalmente conhecido que Volta, a quem a mais nova física experimental deve as suas maiores descobertas, já descobriu há muito tempo, pelos experimentos realizados sobre o assim chamado galvanismo, a lei segundo a qual são exigidos, como condição necessária da ação galvânica completa, dois corpos sólidos porém distintos que estejam em contato entre si e com um terceiro [corpo] líquido⁸⁸. Mas essas condições são as mais puras do processo químico – como se depreende da dedução (§ 112), na qual eu acreditava inicialmente ter mostrado COMO e POR QUE o processo químico necessariamente ocorre justamente sob tais condições. – Pois *que* ele ocorra, ou ao menos seja estimulado e acelerado, sob tais condições, já era certo pelas conhecidas experiências realizadas por Ash⁸⁹. Não se segue daqui contudo

[185]

⁸⁸Na primeira carta de sua *Nuova Memoria sull'Elettricità Animale* (traduzida no *Neues Journal der Physik* sob o título “Neue Abhandlung über die thierische Electricität – in Briefen an Herrn Abbé Anton Maria Vassali”, vol. 2, n. 2, 1795, pp. 141-172), diz Volta: “O que você acha da suposta *eletricidade animal*? De minha parte, estou já há algum tempo convencido de que toda a ação resulta originariamente dos metais que estão em contato com algum corpo úmido ou com a própria água, por cujo contato o fluido elétrico penetra nos corpos úmidos ou liquefeitos destes mesmos metais, nos de uns mais nos de outros menos (o máximo no zinco, o mínimo na prata); se uma condução ininterrupta é efetuada, então este fluido é posto em circulação”.

⁸⁹Trata-se do médico inglês Edward Ash, que relatou um dos

(186) que o processo químico, como muitos imaginaram, seja efetuado por galvanismo, como se o galvanismo fosse por assim dizer uma essência ou uma atividade de uma espécie própria e particular, mas inversamente *que o galvanismo é o próprio processo químico e nada mais*, que ambos não estão assim de modo algum em uma relação causal, mas [em uma relação] de identidade, que portanto o assim chamado galvanismo deve desaparecer

seus experimentos sobre o galvanismo ao grande naturalista alemão Alexander von Humboldt, que por sua vez trouxe ao conhecimento do público germanófono tal experimento no seu texto *Versuche über die gereizte Muskel- und Nervenfaser*. O experimento é relatado por Humboldt nos seguintes termos: “Toda a minha atenção, escreve ele [Ash] para mim no dia 10 de abril de 1796, está concentrada já há algum tempo nos próprios metais. Eu gostaria de descobrir quais alterações são produzidas pelo contato entre metais de mesma espécie ou de espécies distintas. A partir de alguns experimentos, parece-me mais que provável que nos metais que manifestam a maior eficácia galvânica ocorra uma notável alteração da mistura química [*chemische Mischungsveränderung*]. Se você coloca uma sobre a outra duas placas homogêneas de zinco umedecidas em água, de tal modo que elas se toquem no maior número de pontos possíveis, então você observará, se as matérias são de fato da mesma espécie, um efeito extraordinariamente diminuto. Se você coloca contudo do mesmo modo placas de zinco e prata uma sobre a outra, então você logo verá que elas produzem um efeito intenso uma sobre a outra. O zinco parece oxidar-se e toda a superfície da placa umedecida de prata é coberta com uma fina poeira branca (cal de zinco). Chumbo e mercúrio agem tão intensamente um sobre o outro como ferro e cobre”. Humboldt, A. von. *Versuche über die gereizte Muskel- und Nervenfaser nebst Vermuthungen über den chemischen Process des Lebens in der Thier- und Pflanzenwelt*. Posen e Berlim, 1797, pp. 472 e segs.

completamente da série das formas típicas de atividade (denominadas processos). Há apenas magnetismo, eletricidade e processo químico, cuja expressão mais pura é aquilo que foi até aqui chamado de galvanismo. Ninguém pensou até agora na pergunta: o que é então este galvanismo que efetua o processo químico? A obscuridade com a qual esse nome é rodeado em muitos espíritos [*Köpfen*] é inteiramente dissipada assim que não nos contentamos com a mera palavra, mas olhamos para a *coisa mesma* e para o verdadeiro *desenrolar* do processo no interior da assim chamada cadeia⁹⁰; isso contudo não foi ainda exposto por nenhum físico, e a construção acima é a primeira e – como ficará em breve claro – bem-sucedida tentativa de torná-lo concebível e aproximá-lo da intuição. – As condições puras do agir da natureza podem em geral ser encontradas apenas [de

⁹⁰A “assim chamada cadeia” é definida pelo filósofo da natureza, contemporâneo de Schelling, Johann Wilhelm Ritter nos seguintes termos: “Chama-se uma série de corpos retornando em si mesma (sobretudo na realização de experimentos físicos) de *cadeia*; as partes singulares dela, de *membros*; na medida em que ela é constituída para investigar sob determinadas circunstâncias certos fenômenos descobertos por Galvani e outros fenômenos similares nas fibras animais estimuláveis, ela é denominada de *cadeia galvânica*, e suas partes, de *membros da cadeia galvânica*” – Ritter, J. W. *Beweis, daß ein beständiger Galvanismus den Lebensproceß in dem Thierreich begleite. Nebst neuen Versuchen und Bemerkungen über den Galvanismus*. 1798, pp. XVIII e segs.

duas maneiras]: ou bem no caminho da construção a priori, a qual por sua natureza abstrai de todo accidental; ou por experimentos dos quais, por afortunado acaso ou pela perspicácia do inventor, todo o inessencial é eliminado. Pode-se considerar como um experimento desse tipo aquele realizado por Volta em relação ao assim chamado galvanismo, na medida em que ele primeiro eliminou da cadeia as partes animais, mostrando que elas atuam ali como meras condutoras úmidas (assim em uma qualidade completamente geral) e que o mesmo efeito poderia ser igualmente alcançado por qualquer outra parte úmida. Apenas quando perdeu o seu significado orgânico, tornou-se o galvanismo uma importante conquista para a física geral, e se essa descoberta não tivesse gerado nenhum outro fruto além deste (exibir o processo químico sob suas condições mais originárias), ela já deveria por esse motivo apenas ser considerada como uma das maiores e mais notáveis que já foram realizadas. – Aquele que é capaz de conceber a Ideia não precisa de nenhuma outra prova da *identidade* entre galvanismo e processo químico do que o fato de *que as condições do primeiro podem ser a priori compreendidas e deduzidas do conceito do último e apenas dele*, que elas são assim as suas verdadeiras condições; quando,

[186]

(187)

sem embargo, muitos dos nossos físicos prosseguirem na célebre utilização das ideias e descobertas voltaicas, então não poderá deixar de suceder que eles produzam a convicção, em si mesmos bem como nos simples empiristas, de que o galvanismo *enquanto* galvanismo, isto é, enquanto forma característica da atividade, nunca existiu, e que assim tampouco pode futuramente ser considerado como tal.

§ 114. *No processo químico estão contidos todos os demais [processos] dinâmicos, não apenas potentia, mas actu*, pois ele é a totalidade do processo dinâmico (§ 112).

Ad. 1. Inversamente, todos os outros processos dinâmicos poderão justamente por isso ser considerados como químicos. – Por exemplo, nada impede que se diga que o polo do magneto que se eleva na coesão oxida-se às custas de seu oposto.

[*Ad.*] 2. Pode-se dizer que, no triângulo do § 112, carbono e nitrogênio reúnem-se por AB e AC, ao passo que oxigênio e hidrogênio reúnem-se por BC (§ 95, esc. 4, 5 e 11); ora, dado que aqui estão as quatro potências dinâmicas que entretêm todo o jogo do assim chamado processo, depreende-se daqui por sua vez o modo como a totalidade dinâmica, os quatro pontos cardeais [*Welt-*

gegenden], é reunida no processo químico.

[*Ad.*] 3. As seguintes reflexões podem ser feitas a respeito desta construção.

a) O esquema das três formas fundamentais do processo dinâmico é, como se sabe, a linha, o ângulo e o triângulo, ou, igualmente, esses três processos devem ser equiparados aos três primeiros números primos da série aritmética⁹¹. Assim como o 2 surge apenas pela adição de 1 e 1, o 3 pelo acréscimo de 1 e 2 (assim como esses números não são *potências* de 1), o mesmo ocorre nos três níveis do processo dinâmico. O processo químico surge igualmente apenas pela tripla repetição do mesmo 1, isto é, do magneto, que por AC, AB e BC é apenas adicionado a si mesmo e apresenta nessa adição

[187]

⁹¹O esquema das formas fundamentais do processo dinâmico é descrito por Schelling na *Allgemeine Deduction* (§ 59) nos seguintes termos: “Assim, se forças magnéticas, elétricas e químicas concorrem para a possibilidade do galvanismo (como nós podemos de fato concluir ao menos da composição [*Beschaffenheit*] dos três corpos da cadeia galvânica), então a verdadeira sequência [*Stoffenfolge*] do processo natural seria a seguinte: 1. *Magnetismo* – cujo esquema é a *linha*. 2. *Eletricidade* – cujo esquema é o *ângulo*. 3. *Galvanismo* – cujo esquema é o *triângulo*. Aqueles três são por assim dizer os números primos da natureza; estes são seus hieróglifos universais. Assim como as três primeiras potências da série dos números não se deixam reconduzir a nenhuma outra, tampouco [o permitem] esses três processos, dos quais nenhum se deixa reduzir ao outro, e aos quais são redutíveis todos os demais [processos] da natureza” (HKA I/8, pp. 361 e segs.).

a primeira totalidade. Assim como no 2 está contido o 1, e no 3 o 2 e o 1, do mesmo modo na eletricidade está contido o magnetismo, e no processo químico, o magnetismo e a eletricidade. Basta olhar para perceber que ACB é apenas a linha ACB deslocada na figura do Δ , e que nós não saímos assim com isso das condições do magnetismo.

(188)

b) O Δ representa as condições fundamentais de todo ser, AB a negativa, AC a forma real do ser, e finalmente a base, ou BC, a *substância* ou o idêntico posto sob a forma de A e B (a gravitação).

c) *Kielmeyer* já tinha indicado a lei de que a atividade no interior da cadeia galvânica, isto é, dentro do nosso Δ , é = à diferença dos graus de afinidade de ambos corpos ao oxigênio⁹². Na abstração mais elevada exprimida acima, essa lei diz o seguinte: o momento da atividade = à diferença dos graus de coerência de AB e AC, onde graus devem ser entendidos não como graus da coesão ativa, mas da passiva. Pois a verdadeira coesão ativa não ocorre sem os diferentes graus da passiva (§ 73). Mas, assim exprimida, tal lei não encontra

⁹²A lei em questão aparece formulada no texto de *Kielmeyer* “Versuch über die sogenannte animalische Electricität” publicado no *Journal der Physik*, vol. 8, n. 1, 1794, pp. 65-77.

nenhuma exceção, e as tábuas das respectivas forças de excitação do corpo na cadeia galvânica concordam dessa maneira inteiramente com a série da coesão acima construída.

§ 115. *Corpos indiferentes que se tocam põem coesão ativa tanto em si quanto mutuamente.* – Pois (§ 84) eles se esforçam por aquecer-se. Ora, a coesão ativa é o que se opõe [*Widerstrebende*] ao calor (depreendido do § 91, ad. 1). Assim, eles porão mutuamente em si coesão ativa, por conseguinte (§ 68) magnetismo; e como isso vale mutuamente (segundo o § 107, ad. 2), eles porão igualmente coesão entre si.

[188] *Obs.* A demonstração também poderia ser imediatamente realizada a partir dos § 70 e § 80. Pois dois corpos que são indiferentes não podem produzir *juntos* uma totalidade, como dois corpos diferentes [o podem] (§ 74); cada um deve assim se esforçar por ser uma totalidade em relação *a si mesmo*, isto é, um magneto.

(189)

Ad. O esforço para pôr coesão ativa em si mesmo e entre si precede assim o esforço de se aquecer e persiste mesmo depois de ambos serem aquecidos. – *Demonstração.* Pois um corpo só é aquecido na medida em que conduz calor (§ 88, ad. 1). Ora, toda condução é uma função da coesão ou do magnetismo (§ 91 e ad. 1);

assim, etc.

§ 116. *Inversamente, corpos diferentes porão coesão ativa apenas entre si, mas não mutuamente um no outro.*

– Sobre a primeira parte, ver § 80, ad. 3. A segunda se segue do § 75. Pois como eles produzem juntos a totalidade, então não é necessário que cada um a produza para si, isto é, (§ 70), que ponha *em si* o magnetismo.

Esc. 1. Essas proposições explicam de modo suficiente por que em geral apenas corpos *indiferentes* se *magnetizam*, ao passo que apenas *diferentes* se *eletrizam*.

[*Esc.*] 2. Mostra-se além disso que aquilo que até aqui consideramos como adesão⁹³ é, antes de mais nada, ao menos em relação a corpos sólidos, magnetismo, ainda que sem dúvida este magnetismo não seja capaz de nenhuma duração como no ferro, mas seja restrito ao mero tempo de contato. A lei de toda adesão é que corpos indiferentes ligam-se mais fortemente com corpos indiferentes, por exemplo o vidro com o vidro, o mármore com

⁹³Na primeira parte de seu *Physikalisches Wörterbuch*, Gehler explica a adesão nos seguintes termos: “Adesão. Este nome é associado ao fenômeno universal da atração no caso particular em que dois corpos distintos, no seu contato um com o outro ou em um distanciamento mínimo, são de tal forma ligados que uma força externa é necessária para separá-los novamente. Este nome é sobretudo usado quando de tais corpos um é líquido e o outro sólido; diz-se então que o líquido agarra-se [*anhänge*] ao sólido” (Gehler, *Physikalisches Wörterbuch*, parte 1, p. 45).

o mármore – e também aqui, na série da assim chamada adesão, percebe-se que o ferro se alinha novamente acima e, mais precisamente, que o mais rapidamente receptivo ao magnetismo (macio) supera o menos receptivo (aço) na intensidade da coesão*.

[189]

§ 117. *Definição.* Eu restrinjo o conceito de adesão ao ligar-se de corpos líquidos a sólidos. – Pois, dado que os líquidos não se determinam *entre si* à coesão ativa (como sólidos em relação a sólidos, pois mesmo pela confluência não se manifesta nenhuma relação de coesão), mas apenas adquirem uma determinação para tanto por meio destes [corpos sólidos], segue-se que há sem dúvida aqui o fundamento de uma distinção que por sua vez não tem lugar em relação à coisa. Pois também entre líquidos e sólidos impera a mesma lei que entre sólidos e sólidos (§ 116, esc. 2). Assim, o mercúrio por exemplo liga-se de modo mais firme com aqueles metais que estão mais próximos dele em relação ao grau

(190)

* Ver os *Grundsätze der chemischen Affinität* de Gruyton. Na ação do ferro sobre os metais que se encontram mais próximos dele na série da coesão (cobalto, níquel, etc.), a adesão se manifesta até mesmo sob as formas determinadas da polaridade; o *fenômeno* (não a coisa mesma) desaparece contudo da relação de modo inteiramente natural na medida em que nos distanciamos do ponto médio de toda coesão – onde esta aparece visivelmente sob a forma do magnetismo.

do peso específico e a diversas outras propriedades, tais como o ouro, a prata e assim por diante, ao passo que com o ferro [ele se liga] de modo mais frouxo.

§ 118. *O momento do magnetismo no processo químico como tal é o momento da adesão*^r. – Pois (§ 110, ad. 2) o processo químico *enquanto* tal é posto primeiro pelo acréscimo do [corpo] líquido, BC (§ 112). Contudo, entre este e AB ou AC (não tanto a coesão, mas antes) apenas a adesão é possível (§ 117). O momento do magnetismo assim só pode se apresentar no processo químico enquanto tal sob a forma da adesão.

Ad. Não se nega com isso que os próprios AC ou AB, se eles são corpos de considerável coesão ativa (por exemplo, cobre, ferro, prata) fora da polaridade, os quais se apresentam conjuntamente um com o outro, não possam apresentar *em si* uma polaridade. Isso diz respeito contudo à condição acidental que nós não consideramos aqui.

§ 119. *O momento da eletricidade no processo químico enquanto tal repousa na potencialização do líquido em oxigênio e em hidrogênio.* Depreende-se da demonstração do § 112.

Obs. 1. Fica claro com isso que todos os momen-

^r *Correção:* só pode se expressar pelo momento da adesão.

(191) tos do processo dinâmico, por si mesmos considerados, manifestam-se no líquido ou, ainda, que este em suas transformações percorre todos eles. A água é o mag-
[190] neto líquido (§ 95, ad.4, esc.7) e representa o ponto^s de indiferença em estado de indiferença [*im gleichgültigen Zustand*]. No estado da adesão, ela se aproxima da mera identidade absoluta; no estado da separação em oxigênio e hidrogênio, ela aparece no momento da duplicidade relativa. O terceiro momento (do processo químico no químico) será melhor determinado em breve.

Obs. 2. Seria muito natural se contra a afirmação de que o assim chamado galvanismo nada mais é do que o próprio processo químico fosse mencionada a conformidade que inegavelmente tem lugar entre os fenômenos galvânicos e elétricos. Pois aquilo que se alegou contra tal conformidade não tem importância alguma, dado que os corpos que se mostram eles mesmos como maus condutores para o mais intenso galvanismo, não o são menos para a *eletricidade*, como o álcool etílico e outros. Tal conformidade contudo já se concebe pela proposição do § 114. O assim chamado galvanismo é simultaneamente magnetismo, eletricidade e processo químico (este último pensado em sentido estrito) – ver *esta revista*,

^s *Adendo*: absoluto.

vol. 1, n. 2, p. 77⁹⁴. Mas justamente pelo fato de que ele o é, ele é o próprio processo químico exposto na totalidade de suas condições, sob as quais assim também a eletricidade necessariamente o é. Por isso, o fato de que a bateria voltaica seja o mais notável fenômeno elétrico não é menos necessário do que o fato de que ela produza o mais significativo fenômeno químico.

Antes que possamos discutir este ponto, contudo, devemos primeiro dizer algumas coisas sobre a construção deste todo notável, o qual no mínimo contém, e ata para sempre, o Proteu⁹⁵, que ilude sob tão diferentes formas

⁹⁴Trata-se do § 59 da *Allgemeine Deduction* onde Schelling afirma: “Justamente pelo fato de que o processo químico é apenas a expressão de um caso singular (o da absoluta intussuscepção [*Intussusception*]), deve ser buscada uma expressão geral que: 1) conceba em si todos os processos nos quais um produto é em geral construído; e 2) represente todos os três momentos separados (e não como se perdendo no terceiro, tal como o químico). Tais exigências são preenchidas apenas pelo galvanismo, que, no que diz respeito à primeira, apresenta a condição de toda a construção – a triplicidade das forças – de modo puro e por assim dizer formal, ao passo que, no concerne a segunda, ele representa os três momentos da construção, que são ao menos por assim dizer retratados pelos três corpos a partir dos quais ele é composto, na medida em que um desses corpos deve ser sempre um condutor da classe da coesão suprema (do magnetismo dominante), o outro um condutor da classe de uma coesão mais diminuta (onde a eletricidade já começa a obter predominância), e o terceiro finalmente um condutor da classe da mais diminuta coesão (um líquido, representando o processo químico)” (HKA I/8, pp. 360 e segs.).

⁹⁵Este Proteu da natureza é referido por Schelling em seu *Von*

(192) no processo dinâmico. A esse respeito, permitimo-nos aqui abrir uma exceção para a regra geral desta exposição, em parte em função da grandeza da descoberta que, como se depreenderá claramente do que se segue, consiste na mais elevada e extraordinária deste domínio, em parte também, em função do fato de que para todos os físicos para os quais o significado e o processo da cadeia galvânica simples permaneceram ocultos, a construção [191] mais emaranhada deste todo deve ser um enigma ainda maior, e mesmo se eles também a conceberam pelo que foi exposto acima (§ 112, esc.), a sua aplicação aos casos mais complexos pode lhes parecer contudo difícil. Por ora, é importante que a verdadeira perspectiva sobre esta descoberta seja logo estabelecida. Um dos físicos (ingleses) que se ocuparam com o assunto já reconheceu que essa bateria [voltaica] vai obrigá-los a abandonar as suas doutrinas atuais sobre a matéria elétrica (e mesmo por fim todo o edifício da física), um êxito tão grande que não poderia ser antecipado.

der Weltseele de 1798, onde ele declara: “Ela mesma, a primeira força da natureza, *oculta-se* por trás dos *fenômenos singulares* nos quais ela se manifesta diante do olhar sedento. Ela se derrama nas *matérias singulares* pelo espaço sideral. A fim de atarmos este *Proteu da natureza* que retorna sempre sob formas distintas em inúmeros fenômenos, é preciso estender as redes” (HKA I/6, p. 78).

Uma vez que a totalidade é produzida no processo dinâmico (pelo processo químico), não se encontra nesta esfera ou potência nada mais do que a adição contínua dessa totalidade a si mesma, a qual vai destarte ao infinito, mas nunca pode ultrapassar a própria potência. Eis o que se produz em relação à potência dinâmica graças à invenção voltaica. A partir dessa mera adição, contudo, não se pode ainda conceber suficientemente a intensificação nem da atividade no interior deste todo nem daquela que opera para o exterior, de modo que é necessário ainda levar em consideração que, *no interior* do todo, cada um dos membros é igualmente um membro das três assim chamadas cadeias, e portanto dos três processos, os quais já são, cada um por si, autônomos e, assim, uma totalidade. – Pois, dado que cada membro do todo já aparece no outro com aquilo que ele recebeu ou se tornou enquanto membro de uma cadeia, ligando-se assim ao todo, concebe-se então como uma e a mesma força pode, por elevação permanente, alcançar um grau considerável, e como finalmente os membros mais externos da cadeia, enquanto representantes de todos + e – do processo, podem aparecer nos extremos opostos A e B. Se desenvolvemos o todo a partir desses pontos, vemos então que na nova ligação tanto A como

(193) B começam o processo com uma força que é de resto
 produto do [próprio] processo – e daqui se depreende
 sem dúvida o marulhar e o ondear bem como, podería-
 mos quase dizer, o consumir-se vivo do todo em si e a
 sua força (talvez) ilimitável para o exterior.

[192]

Sem embargo, o processo acontece no interior desse todo por meio de meras potências imateriais (as da coesão) segundo as leis dadas acima e não tem absolutamente nada que ver com as suas matérias, mesmo se as denominamos imponderáveis⁹⁶ (pelo que a incongruência da opinião é ainda multiplicada); e [assim] os físicos devem primeiro abandonar as suas presentes concepções de condução e de força de condução antes de poderem apreender, de algum modo [que seja], esse todo vivo.

Se refletimos sobre o interior do mesmo, então já sucede dentro de cada todo parcial [*Theilganzen*] o mesmo que acontece no todo total [*Totalganzen*], e não há no último nada que já não esteja contido no primeiro. O corpo elevado em sua coesão determina a água a[o estado de] água potencializada por + E, já o corpo que

⁹⁶Como nota o editor deste volume da HKA, entendia-se à época por matéria imponderável “as substâncias não-pesáveis hipoteticamente supostas para a explicação de fenômenos naturais, como por exemplo a luz (matéria luminosa), o calor (matéria térmica) ou a eletricidade (matéria elétrica)”. HKA I/10, p. 437.

é diminuído em sua coesão (para por meio da água elevar-se novamente) [determina-a ao estado de] água potencializada por $-E$ (oxigênio), ele se oxida; ora, ambos os membros mais extremos da cadeia, na medida em que ela não é fechada, permanecem isolados como seus $+e$ e $-$; eles não *podem* por isso manifestar nenhum outro fenômeno que não o elétrico (pois falta o *terceiro*), os quais eles manifestam contudo sem nenhuma dúvida sob cada uma das formas sob as quais eles de resto se apresentam; apenas pelo acréscimo do terceiro (por exemplo, a água), são integralmente dadas as condições do processo químico em relação ao *todo*; mas ele ocorre entretanto também integralmente pelo ataque momentâneo do fluido, por desoxidação ou oxidação dependendo das circunstâncias. – Tais comentários sobre esse tema notável bastarão provisoriamente para indicar a perspectiva a partir da qual ele deve ser considerado.

§ 120. *O processo químico, ainda que ele aja em todas as dimensões, afeta contudo em todas elas apenas a coesão. – Demonstração.* Pois a coesão é o limite de todo processo dinâmico (§ 94, ad.). *Alternativamente:* pois também o Δ químico é redutível à linha reta (§ 114, ad. 3, a); todo o processo dinâmico está assim sob o esquema do magnetismo e, pois, (§ 67) da coesão ou,

(194)

[193]

ainda, o que por sua vez é o mesmo (§ 95, ad. 5), da simples adição.

Obs. Deve-se esperar encontrar aqui o primeiro fundamento de toda a aritmética*.

§ 121. *Pelo processo químico, os corpos não podem ser alterados segundo a substância, mas apenas segundo os acidentes.* Pois ele afeta apenas a coesão. Ora, aquilo que é posto pela coesão não é a substância (a qual pertence à gravitação)^t, mas seus meros acidentes (§ 70, obs.). Assim, apenas os acidentes serão alterados pelo processo químico. A substância contudo é independente dele (*idem*); portanto, ela não deve ser alterada pela alteração deles, ela é destarte inalterável pelo processo químico.

§ 122. *Todas as assim chamadas qualidades da matéria são meras potências da coesão.* – A demonstração contém tudo o que precede. Compare-se contudo outrossim o tratado do *processo dinâmico*, vol. 1 desta revista⁹⁷.

* Um pensamento que me foi igualmente comunicado pelo senhor Eschenmayer, por ocasião do tratado sobre o processo dinâmico ([*Revista*,] vol. 1, n. 1 e 2).

^t *Correção*: gravidade [*Schwere*].

⁹⁷ Schelling refere-se à sua *Allgemeine Deduction*, onde se lê no § 55: “Todas as qualidades pelas quais as matérias se distinguem umas das outras podem ser fidedignamente reduzidas ou bem às

§ 123. *A substância de cada corpo é completamente independente de suas qualidades e não é determinada por elas.* – Depreende-se do § 122, comparar com o § 121.

Obs. 1. Por exemplo, o que chamamos de nitrogênio e carbono é inteiramente o mesmo segundo a substância, ainda que as potências sejam opostas. O em-si relativo é em ambos um e o mesmo indiferente, a saber, o ferro, considerado segundo a substância.

[*Obs.*] 2. Também a matéria se submete assim nesse ponto à lei geral do ser. Pois todo ser, independentemente da potência sob a qual ele é posto, é uno (§ 12, ad. 1).

[194]

[*Obs.*] 3. O ser da matéria, abstraído de suas potências, é assim idêntico ao ser universal, e integralmente o mesmo que ele.

(195)

§ 124. *Nenhum corpo é composto segundo a substância.* – Pois segundo a substância ele é a própria identidade absoluta (§ 123, obs. 3).

Ad. 1. Seja o que for que possa ser decomposto ou dividido, a substância não o é. Segue-se deste §,

variações de suas forças de coesão ou às suas propriedades sensivelmente experimentáveis ou ainda, finalmente, às suas propriedades químicas. Não se pode indicar nenhuma quarta classe.” (HKA I/8, pp. 354 e segs.).

comparar com o § 34, ad.

Escólio. Seria por exemplo falso dizer que os metais são constituídos ou compostos por carbono e nitrogênio. Pois ambos são apenas formas da existência de um e do mesmo idêntico, e não do próprio existente.

Ad. 2. Um corpo é quimicamente decomposto significa: um e o mesmo existente é posto sob formas diferentes da existência.

Obs. Os assim chamados materiais dos quais o corpo deveria ser constituído, são na verdade portanto postos pela decomposição, e são produtos da decomposição.

Ad. 3. Segue-se disso que um corpo, ainda que ele seja decomponível, não é todavia composto, mas simples.

§ 125. *Toda matéria é em seu interior idêntica a si mesma e difere apenas pelo polo dirigido para o exterior.* – Pois ela difere não segundo a essência (§ 12, ad. 1) ou a substância (§ 123, obs. 2), mas segundo a mera forma da existência. Ora, a forma da existência da substância em geral é a coesão (§ 92, cf. § 70, obs.); a forma singular da existência é assim o *polo*, por conseguinte ela difere apenas pelo polo sob o qual a forma existe, ou (como a essência de uma coisa é o seu interior e a existência o seu exterior) apenas pelo polo com o qual ela se dirige

para o exterior.

Esc. 1. Por exemplo, o álcali e o ácido são em si completamente indiferentes e diferem (ao menos no começo do processo da neutralização, pois cada momento deste altera os acidentes) sem dúvida apenas na medida em que aquele gira para o exterior o polo do hidrogênio e este o do oxigênio. – Justamente por isso, a substância nos escapa das mãos, pois cada corpo só é alterável por um outro (§ 36) e porque, em cada momento do processo, ele é segundo a forma da existência um outro, sem que a essência pura e sem-forma possa ela mesma destacar-se.

[195]

Esc. 2. O polo dirigido *para o interior* de cada corpo pode ser chamado assim de *potencializado*, e o polo dirigido para o exterior de *potencializante*.

(196)

§ 126. *Por nenhum processo pode surgir algo no corpo que já não estivesse potentialiter nele.* – Isso já foi provado em relação ao processo magnético (§ 115), ao processo elétrico e ao processo de aquecimento (§ 86; § 88). O corpo conduz, por exemplo, calor e eletricidade próprios e não alheios. Em relação ao processo químico, segue-se imediatamente do § 69, ad. 1. Pois tudo o que pode ser posto em um corpo pelo processo químico são meras potências da coesão (§ 120), mas em cada

matéria estão contidas *potentialiter* todas as outras, e como todas as matérias distinguem-se umas das outras pelas potências da coesão (§ 125), isso significa então o seguinte: em cada matéria, já estão contidas (*virtualiter*) todas as potências da coesão; tem-se assim que etc.

Esc. Por exemplo, o corpo que se oxida, coere (liga-se) todavia com a matéria cuja potência é o fator negativo da coesão (o oxigênio); mas o oxigênio com o qual essa matéria se dirige para o exterior é o dela mesma – que, apenas depois que + E lhe foi limitado ou suprimido pela potência exterior, passa a agir: este modo de ver deve ser aplicado ao processo químico.

*Ad. 1. Todo corpo é uma mônada*⁹⁸.

⁹⁸Schelling já havia comparado o Eu à mônada no seu *Sistema do idealismo transcendental*, onde ele afirma “O Eu é um mundo inteiramente encerrado em si mesmo, uma mônada que nunca pode sair de si mesma e na qual nada de exterior pode entrar” (HKA I/9, p. 72). Aqui, contudo, tal concepção de uma unidade contendo o todo é aplicada não ao Eu mas ao corpo, o qual é, de acordo com a teoria schellingiana das potências, o Eu despontencializado; este caráter monadológico do corpo é explicado por Schelling na já citada carta a Goethe do dia 26 de janeiro de 1801, onde declara: “A qualidade de uma matéria não é determinada pelo indiferente voltado para o interior e em todo lugar idêntico a si mesmo, mas pelo polo com o qual ela busca coerir no exterior: os componentes [dela] obtidos por análise são sempre apenas produtos da análise, e portanto não previamente presentes, mas desenvolvidos. Mas justamente na medida em que tudo é desenvolvimento, nada vem à matéria do exterior, cada corpo é uma mônada; apenas potências

Ad. 2. Nenhum engendramento no processo químico é um engendramento em si, mas (§ 78) mera metamorfose.

§ 127. *A tendência geral do processo químico é: transformar toda matéria em água.* – Pois a tendência da natureza é (§ 109, ad.) suprimir, ou por assim dizer extinguir, todas as potências mutuamente umas pelas outras, produzindo destarte a indiferença (dinâmica) absoluta. Ora, esta existe apenas na água (§ 95, ad. 4, esc. 7). Assim, a natureza tende no processo químico à produção da água ou à transformação de toda matéria em água.

Ad. 1. O processo químico é limitado nessa tendência apenas pela coesão ativa, a qual, uma vez posta, não pode ser novamente^u suprimida, e a força construtora em geral enreda-se, com o processo químico universal, na contradição eterna segundo a qual ela só pode suprimir cada potência dinâmica por sua oposta, não podendo contudo eliminá-la em parte alguma sem pôr de novo justamente a sua oposta, sendo assim impossível que ela jamais alcance (nesta potência) o seu (197)

[196]

são adicionadas ou, ainda, são eliminadas pelas suas opostas aquelas potências que impedem a matéria de se manifestar sob esta forma [*Gestalt*]" (HKA III/2 1801.01.26-1).

^u *Adendo*: no interior desta potência.

fim; mas, justamente por essa contradição, todos os corpos entretecer-se-ão em uma *ação recíproca universal* (formando assim ao menos uma totalidade relativa).

Ad. 2. Dado que a água é o sem-potência (§ 111, ad.) e que todas as potências dinâmicas são potências da coesão, então a água é o *ferro completamente despotencializado*.

§ 128. *Lema.* Os *ácidos* devem ser considerados como termos médios da transição da matéria sólida ao estado sem-potência (a água).

Ad. Segue-se disso que o assim chamado radical de todos os ácidos deve ser ou um corpo sólido ou uma matéria tal que representa ao menos um fator da coesão ativa.

Obs. Pois os fatores da coesão *passiva* (§ 95, esc.) reduzem-se efetivamente à indiferença absoluta onde justamente não surge *nenhum* ácido. – Os ácidos primários são o ácido carbônico e o nítrico. Os secundários têm por alicerce corpos sólidos, por exemplo o enxofre, ou um metal (como é provavelmente o caso do ácido clorídrico).

§ 129. *O processo químico no processo químico é a transição do oxigênio e hidrogênio (§ 119) para a indiferença absoluta, isto é, para a água. Segue-se por*

si mesmo do que precede.

Ad. 1. Essa transição é necessariamente ligada à presença da luz. – Pois (§ 103, obs.) ambos os seus *modi existendi*, + E e – E, os quais se suprimem aqui um ao outro, são dados (§ 95, ad. 10).

Ad. 2. Essa transição é assim o processo de combustão. (198)

§ 130. *A lei fundamental de todo o processo químico é que o corpo que diminui em sua coesão em um grau considerável oxida-se.* Depreende-se da primeira construção do § 112. (197)

Obs. O modo como essa diminuição de coesão acontece – se sob a forma mais originária do processo químico^v (§ citado) ou por centelhas elétricas ou pela ação imediata da água – é, em relação à lei geral, inteiramente indiferente.

§ 131. *Toda composição química é uma despotencialização da matéria.* – Pois a natureza, em toda assim chamada composição, tende a suprimir umas pelas outras as potências da matéria (§ 109, ad.), ou (§ 127) a produzir água. Por isso (§ 127, ad. 2), esta assim chamada composição é uma (mais ou menos exitosa) despotencialização da matéria.

^v *Adendo:* onde se oxida aquele que relativamente +.

Ad. Segue-se disso que inversamente *toda assim chamada decomposição é uma potencialização da matéria*, o que pode também ser imediatamente compreendido a partir do § 124, ad. 2.

§ 132. *A oxidação (por exemplo dos metais) não pode ser o fundamento da solução.* – Pois esta é a dissolução da coesão. Aquela ao contrário eleva a coesão (§ 95, esc. 10). Assim, etc.

Ad. 1. Por isso, deveríamos antes dizer o inverso, que o carbono (no diamante), [que] o metal etc., na medida em que se oxida, esforça-se contra a dissolução, e [que] ele se dissolve não porque ele oxida, mas porque foi constantemente diminuído em sua coesão.

Ad. 2. O corpo que se oxida, na medida em que ele se torna absolutamente mais pesado, torna-se necessariamente especificamente mais leve. – Segue-se do que foi justamente discutido, e do § 72.

Ad. 3. O ácido é em si inteiramente idêntico (§ 124, ad. 3) e assim também não ácido; ele é ácido apenas em oposição ao corpo que se esforça por elevar a sua coesão.

[198] *Ad.* 4. *A dissolução dos metais no ácido acontece segundo o esquema do processo químico* (§ 112). Seja,
(199) por exemplo, a prata o metal a ser dissolvido e o ácido

nítrico o ácido [responsável pela dissolução], segue-se assim que carbono e nitrogênio estão em contato entre si e ambos com a água, isto é, (§ 114, ad.2), que a totalidade do processo químico está dada.

§ 133. *Também os ácidos, em suas ações sobre os metais, seguem a lei universal da polaridade, segundo a qual apenas os polos opostos se dirigem uns aos outros.*

Ad. 1. Aos metais do polo do carbono, dirige-se principalmente o ácido do polo do nitrogênio; e aos metais deste polo, o ácido do polo do carbono.

Ad. 2. *O ferro é corroído por todos os ácidos e mesmo pela mera água.* O primeiro ponto depreende-se deste §, comparar com o § 76; o segundo, do § 113.

§ 134. *Apenas os fatores da coesão passiva, mas não os da ativa, podem produzir indiferença absoluta.*

Ad. É necessário que a metamorfose química termine em direções opostas e com polos livres. Pois, dado que o processo químico tende à produção da indiferença absoluta e que esta só é possível em relação às potências da coesão passiva, mas não da ativa (este §), segue-se então que a série dos produtos químicos termina necessariamente em polos opostos, dos quais um representa apenas um fator da coesão ativa e o outro apenas o outro, e os quais buscam em vão convergir no processo

químico.

§ 135. *O real não é o processo dinâmico, mas a totalidade^w dinâmica posta por meio deste*, pois em geral apenas a totalidade é o real (§ 50, esc.).

Obs. O mérito de ter apresentado esta totalidade em relação aos corpos terrestres cabe a Steffens nas suas *Contribuições* frequentemente mencionadas. – Nas mesmas, ele, por uma perspicaz combinação de fatos, fundamentou também pela primeira vez o resultado de que as terras (os produtos supremos do [processo] químico, e assim da segunda metamorfose) formam séries opostas, das quais uma (a série do silício) representa o polo do carbono, a outra (a do cálcio) o polo do nitrogênio⁹⁹. Explica-se deste modo o § 134, ad.

[199]

(200)

§ 136. *Imediatamente pelo ser-posto da totalidade dinâmica é posta a adição da luz ao produto*, isto é, a totalidade relativa de toda a potência é posta (§ 58, ad. 8, obs.). – *Demonstração*: pois imediatamente do fato de que a totalidade dinâmica é posta, a luz enquanto princípio ideal encontra o seu limite (§ 94, ad.; cf. § 134), cessando assim imediatamente de ser ideal e tornando-se

^w *Adendo*: determinação recíproca.

⁹⁹O argumento mencionado por Schelling encontra-se nas *Beyträge* de Steffens, a partir da página 48 da edição original de 1801.

real, ou seja, ela se soma ao produto.

Ad. 1. A expressão do produto total^x é assim a luz ligada com a gravitação.

Ad. 2. O único em-si desta potência é o produto total (§ 58, ad. 8, esc. 3).

§ 137. *Pelo ser-posto da totalidade relativa de toda a potência (§ 58 ad. 8, obs.), a gravitação é imediatamente posta enquanto mera forma^y do ser da identidade absoluta.* – Pois tão imediatamente quanto A^2 é posto pelo ser-posto de $A = B$ como totalidade relativa (*idem*, ad. 7), A^3 é posto pelo ser-posto de $A^2 = (A = B)$ como totalidade relativa; A^3 é contudo a identidade absoluta na medida em que ela é posta como existente sob a forma do ser de A^2 e $A = B$. Assim, etc.

Escólio. A gravitação é a identidade absoluta não na medida em que ela *é*, mas na medida em que ela contém o fundamento do seu ser (§ 54, obs.). Ora, ela é posta como sendo na coesão (§ 92). Ela não pode contudo ser posta como identidade absoluta. Pois à essência desta pertence o ser (§ 8, ad. 1); à essência da gravitação pertence antes contudo não *ser*. Ela não pode por isso ser posta *em si* como existente, e ela só é de fato posta

[200]

^x *Adendo:* da potência.

^y *Correção:* como mero atributo (e apenas na reflexão).

(201) como existente na medida em que a identidade absoluta é posta como luz (§ 94), a qual por sua vez não é em si (§ 98); portanto, ela não pode de modo algum ser posta como existente em si, isto é (§ 15, ad. 2), ela só pode ser posta como forma do ser da identidade absoluta, que é precisamente o que acontece na totalidade relativa dessa potência.

Depreende-se daqui igualmente que toda a atividade dessa potência (da dinâmica) tende à posição da gravitação como forma^z do ser da identidade absoluta, o que só pode ocorrer por meio da oposição relativa com A² (com a outra forma do ser), e assim apenas por meio do processo dinâmico; por isso, tal processo tem lugar não na totalidade dessa potência (isto é, em si), mas (§ 27) apenas em relação ao singular ou fora da totalidade dessa potência.

§ 138. *A gravitação, na medida em que ela é posta como mera forma do ser da identidade absoluta, é posta ela mesma como accidental.* – Depreende-se do § 70, obs.

Ad. A³ é assim o substancial em relação à gravitação.

§ 139. *Definição.* Dizer que a gravitação é posta como accidental em relação à identidade absoluta significa: que ela é posta como mera potência (§ 64, def. 1)

^z *Correção:* como mero atributo.

ou como mero polo. A respeito deste último ponto, ver a demonstração do § 125.

Obs. Podemos destarte, no que concerne à relação da metamorfose originária (§ 95) àquela que denominamos de segunda metamorfose e que foi posta primeiro pelo processo dinâmico mas sobretudo pelo processo químico, nos expressar de modo mais preciso da seguinte maneira: a metamorfose originária indica o progressivo ser-posto da gravitação como mera forma do ser da identidade absoluta; a identidade absoluta só é *luz* (A^2) no interior daquela esfera na qual a gravitação é posta ainda como gravitação e não como mera potência; ela mesma é contudo a causa imediata daquela primeira metamorfose ou o poente [*Setzende*] imediato daquela primeira série na qual se encontram todas as matérias originárias. A causa imediata da segunda metamorfose, por outro lado, é a gravitação, que, na medida em que ela é arrancada da sua série por aquela primeira [metamorfose], busca – pelo processo magnético, elétrico e, na totalidade, pelo processo químico – suprimir as potências sob as quais ela é posta.

[201]

§ 140. *A gravitação, enquanto mera potência ou polo, só pode ser posta em direções opostas; segue-se imediatamente.*

(202)

Pois no conceito de polo o conceito de *direção* também já é pensado. Ora, a gravitação é em si indiferente, não há assim nenhuma razão para que ela seja posta preferencialmente em uma direção, ela será então posta em direções opostas necessariamente e da mesma maneira.

Ad. Essa lei vale, como todas as leis do ser da identidade absoluta, ao infinito. Ela vale assim em relação ao singular como em relação ao todo.

§ 141. *Lema.* Os polos opostos sob os quais a gravitação é da mesma maneira posta como forma da existência da identidade absoluta são: em relação ao todo, a *planta* e o *animal*; em relação ao indivíduo, *ambos os sexos*.

Obs. O leitor nos concederá se nós, no intuito de alcançar o objetivo pelo caminho mais curto, como [o fizemos] até aqui, estabelecermos como meros lemas, ou mesmo sem prova, proposições cujas demonstrações cada um pode encontrar por si pela própria reflexão. De mais a mais, é evidente que uma discussão mais detalhada da asserção acima ocorrerá ainda na sequência.

Adendo 1. Depreende-se que o produto total (§ 136, ad. 1) é o *organismo*.

[*Ad.*] 2. Assim como toda a potência dinâmica submete-se ao esquema da identidade relativa (§ 125, demonstração), do mesmo modo todo o orgânico está

sob o esquema da duplicidade relativa. Explica-se pelo § 50, esc. 3.

Obs. Não achamos necessário repetir o esquema particular desta potência, dado que ele é inteiramente idêntico ao da primeira e da segunda [potências] (§ 50; § 58).

§ 142. *A identidade absoluta é a causa do organismo imediatamente pelo fato de que ela põe A^2 e $A = B$ como formas do seu ser, isto é, imediatamente pelo fato de que ela se põe ela mesma sob a forma de ambos como existente.* – A demonstração é tudo o que precede.

§ 143. *Def.* A identidade absoluta na medida em que ela se põe a si mesma como existente sob a forma de A^2 (§ 96) e $A = B$ (§ 52), é a eficácia [*Wirksamkeit*]. Pois a eficácia é a força que é elevada à atividade, ou a identidade da força e da atividade.

§ 144. *A eficácia, pela qual o organismo é constituído, não tende à conservação da substância enquanto tal, mas [à conservação] da substância enquanto forma da existência da identidade absoluta.* – Pois a substância ($A = B$) é ela mesma em relação ao organismo uma mera forma da existência (§ 137), e assim etc. *Alternativamente:* no *primum existens*, a força pela qual ele existe tende à substância que, não obstante todas as

alterações, não pode ser aumentada nem diminuída nem muito menos aniquilada (§ 34, ad. 2). O organismo contudo não é de modo algum organismo pela substância, mas pelo modo ou forma do ser da identidade absoluta (§ 142). Toda eficácia do organismo tende assim à conservação da substância enquanto forma da existência, e por conseguinte não da substância enquanto substância.

§ 145. *A causa pela qual a substância (o $A = B$) do organismo é conservada está necessariamente fora dele.*
 – Segue-se imediatamente do § 144.

Definição. Como foi explicado acima, entendemos por *natureza* antes de mais nada a identidade absoluta na medida em que ela existe *actu* sob a forma do ser de A e B (§ 61). Ora, ela existe enquanto tal apenas na coesão e na luz. Todavia, dado que pela coesão e pela luz ela é fundamento do seu ser como A^3 , do mesmo modo como pela gravitação ela era fundamento do seu ser como A^2 , e dado que ela, enquanto A^3 , é quiçá por sua vez fundamento do seu ser (em uma potência ainda mais elevada), poderemos então dizer que: entendemos por natureza a identidade absoluta em geral, na medida em que ela é considerada não como sendo, mas como fundamento do seu ser, e antevemos assim que chamaremos de natureza tudo o que está além

do ser absoluto da identidade absoluta.

[203]

Ad. 1. Poderemos em vista disso dizer: a causa pela qual a substância do organismo é conservada enquanto substância está na natureza.

Ad. 2. Dado que a eficácia do organismo (§ 144) tende meramente à posição de A^2 e $A = B$ (a substância) como formas^a da sua existência, e que $A = B$ contudo só pode lhe ser dado pelo exterior^b, segue-se então que o organismo será determinado à eficácia pelo exterior.

Definição. Este ser-determinado etc., é um ser-excitado, ser-irritado; e dado que, além disso, o fundamento de que $A = B$ seja em relação ao organismo a mera forma^c da existência está na identidade com A^2 (§ 137), e dado igualmente que esta contém o fundamento de que a substância seja dada pelo exterior ao organismo, isto é, que o organismo deva ser determinado à eficácia pelo exterior, então A^2 , na sua identidade com $A = B$, pode ser pensado como irritabilidade [*Reizbarkeit*]^d [do organismo], ao passo que a própria eficácia pela qual ambos são postos como formas da existência

^a *Adendo*: atributos.

^b *Correção*: o fundamento de $A = B$ como substância está fora dele.

^c *Correção*: atributo.

^d *Correção*: excitabilidade [*Erregbarkeit*].

do organismo – pois este é com efeito o mero fundamento da possibilidade daquela eficácia e aguarda para tanto a determinação do exterior – pode ser pensada como a faculdade de indiferença [*Indifferenzvermögen*] do organismo¹⁰⁰.

Ad. 3. Vemos assim com clareza que a faculdade de indiferença no organismo vivo é uma e a mesma coisa que o fundamento pelo qual a luz foi pela primeira vez posta como idêntica à gravitação, e pelo qual esta juntamente com aquela foram postas como forma da existência da identidade absoluta; percebemos ao mesmo tempo assim de modo bem claro que a identidade absoluta é a causa do organismo ou o fundamento da realidade conjunta de A^2 e $A = B$ de modo tão imediato como ela o é de A e B no *primum existens* (§ 53). O organismo é assim o *secundum existens*; e dado que a identidade absoluta,

¹⁰⁰Na já citada carta a Goethe do dia 26 de janeiro de 1801, Schelling comenta este ponto nos seguintes termos: “É sempre um e o mesmo A com o qual a natureza retrocede em uma obscuridade sempre mais profunda. O A^2 é tão pouco objetivo no processo dinâmico como o A^3 agora o é no orgânico. Apenas aquilo pelo que o orgânico está em relação com o mundo exterior é para ele objetivamente, e mesmo o único objetivo imediato. – Na identidade com $A = B$, ele é aquilo que nós chamamos de irritabilidade [*Reizbarkeit*], o fator ideal da vida, tal como, por outro lado, $A = B$ é a faculdade de indiferença, graças à qual o produto orgânico é dotado do *ser* e do permanecer [*bestehen*]” (HKA III/2 1801.01.26-1).

enquanto causa imediata do organismo, é outrossim fundamento de sua existência, então ela se apresenta aqui sob nova roupagem (§ 54), enquanto gravitação de uma potência mais elevada. – Ao longo de toda a série, assim, a identidade absoluta, enquanto fundamento de seu próprio ser, precede a si mesma na medida em que ela existe; ao longo de toda a série, persegue-nos igualmente assim, enquanto por assim dizer princípio materno¹⁰¹, a

¹⁰¹A expressão “princípio materno” remete ao Timeu de Platão, obra estudada por Schelling em sua juventude e da qual ele escreveu um comentário em formato de notas de estudo pessoais – o texto permaneceu inédito até a edição de Hartmut Buchner de 1994, sendo posteriormente publicado na edição das obras completas da Academia de Ciências da Baviera (HKA II/5, pp. 127-196). No Timeu, Platão identifica três princípios ontológicos: aquilo que devém (o sensível), aquilo à semelhança do qual algo devém (o inteligível) e um terceiro princípio descrito como “aquilo em que algo devém”. Como nota Rodolfo Lopes em sua introdução à edição lusófona do Timeu, “este terceiro tipo carece de clareza e estabilidade epistemológica” e “em três ocasiões distintas, Timeu caracteriza-o como ‘um tipo difícil e obscuro’ (*chalepon kai amydron*: 49a3), ‘invisível e amorfo’ (*anoraton kai amorphon*: 51a7) que ‘participa do inteligível de um modo imperscrutável’ (*metalambanon aporôtata tou noêtou*: 51a7-b1)”; ao longo do texto, é associado a ele o termo *χώρα*, cuja tradução tem causado polêmica ao longo dos séculos, oscilando entre “matéria”, “lugar”, “espaço”; além da designação *χώρα*, “o terceiro tipo é também chamado ‘receptáculo’ (*hypodochê*: 49a6), ‘suporte de impressão’ (*ekmageion*: 50c2), ‘mãe’ (*mêtêr*: 50d3, 51a5, 88d7), ‘aquilo em que’ (*to en ô*: 49e7, 50d1, 50d6), ‘localização’ (*edra*: 52b1) e ‘local’ (*topos*: 52a6, 52b4); mais indiretamente, é comparável a uma mãe (*proseikasai mêtiri*: 50d2-3) e a uma ama (*oion tithênên*:

gravitação, a qual, fecundada pela identidade absoluta, produz-se a si mesma; depreende-se do todo que o organismo é tão originário como a matéria, mas também que é tão impossível apresentar por um caminho empírico o primeiro fulgor da luz na gravitação como o é apresentar o primeiro fulgor do princípio ideal no real em geral (*idem*, obs.).

Def. 2. A fórmula $A^2 = (A = B)$, pensada enquanto totalidade relativa, designa a identidade absoluta, não na medida em que ela existe, mas na medida em que ela é fundamento ou causa de sua existência pelo organismo, sendo assim igualmente o próprio organismo^e. A fórmula $A^3 = (A^2 = (A = B))$ designa a identidade absoluta existente sob a forma de A^2 e $A = B$ (do organismo). – Segue-se do que precede.

Ad. 4. A fórmula $A^2 = (A = B)$ em si mesma consi-

49a6) – Trata-se assim de um princípio exibindo “características do inteligível e do sensível: é invisível e amorfa, ao mesmo tempo que tangível, mas apenas pensável por um raciocínio bastardo” (Lopes, Rodolfo. “Introdução”. In: Platão, *Timeu-Critias*, trad. de Rodolfo Lopes. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011, pp. 42-44). Em seu comentário ao *Timeu*, Schelling descreve tal princípio como “uma matéria que é receptível a toda forma”, não tendo ela mesma “forma alguma” (HKA II/5, p. 179). Como se vê na passagem acima, Schelling associa em sua *Exposição* este princípio materno receptível a toda forma à gravitação.

^e *Adendo*: como produto.

derada designa tanto a irritabilidade como a faculdade de indiferença (def. 1, comparar com a def. 2). Dado que também ambas são expressadas por uma e a mesma identidade, elas são então um e o mesmo visto apenas de lados distintos.

Def. 3. No que precede, encontra-se o fundamento pelo qual a fórmula $A^2 = (A = B)$ também pode ser considerada como expressão do equilíbrio da excitação.

Ad. 5. A indiferença orgânica (def. 1), bem como o equilíbrio da excitação (def. 3), é a saúde¹⁰².

§ 146. *O organismo é, enquanto tal, uma totalidade não em relação a si mesmo, mas absolutamente.* – Pois imediatamente por ele existe a identidade absoluta (§ 145, def. 2), a qual contudo só existe *enquanto* totalidade (§ 26). Assim, etc.

[205]

Obs. O organismo não é contudo a identidade absoluta, pois a identidade existente por ele é apenas a identidade *desta* potência. Ao mesmo tempo, pode-se ver claramente aqui como a identidade se relaciona à totalidade e vice-versa. – A luz por exemplo é a identidade existente, mas não a totalidade; pois a totalidade absoluta é apenas a identidade existente sob a forma de

(206)

¹⁰²A teoria schellingiana da doença é elaborada com detalhes em seu *Primeiro esboço* (HKA I/7, pp. 230-245).

todas as potências (§ 43); a totalidade desta potência é assim a identidade existente sob a forma de A^2 e $A = B$.

Ad. Em relação ao organismo, a substância é também o acidente (§ 70, obs.), e o efeito (§ 83, ad. 4) também a causa, [de modo que] ele é imediatamente apenas em determinação recíproca consigo mesmo (§ 127, ad. 1). – Todas as oposições valiam sobretudo apenas para a esfera da oposição relativa entre A^2 e $A = B$, a qual é suprimida juntamente com o organismo (§ 137, esc.).

§ 147. *Def.* Chamamos a matéria, na medida em que ela não é elevada à forma da existência da identidade absoluta, de matéria morta ou ainda de matéria inorgânica. A matéria que é forma do ser da identidade absoluta é *vivificada* [*belebt*].

Ad. Depreende-se daqui como o organismo, dado que ele é forma da existência da identidade absoluta, não poderia existir por nenhuma coisa ou fim exterior a si, mas apenas por si, isto é, para que a identidade absoluta exista sob sua forma.

§ 148. *A natureza inorgânica enquanto tal não existe.* Pois o único em-si desta potência é a totalidade (§ 58, ad. 8, esc. 3), isto é, o organismo.

Obs. A assim chamada natureza inorgânica é por isso efetivamente orgânica e, mais precisamente, [ela é] para a organização (sendo por assim dizer como a semente universal a partir da qual esta é originada)¹⁰³.

§ 149. *Lema* 1. Os corpos celestes [*Weltkörper*] são os órgãos do princípio intuitivo do mundo. Ou, o que é o mesmo, da identidade absoluta. – ver § 55.

[206]

[*Lema*] 2. Todo corpo celeste é, em si mesmo considerado, uma totalidade em oposição a todos os demais, sendo assim um indivíduo encerrado em si mesmo e determinado em todos os sentidos.

[*Lema*] 3. Assim como o princípio intuitivo do mundo se individualiza em cada corpo celeste, do mesmo modo o do corpo celeste se individualiza no organismo.

(207)

[*Lema*] 4. O corpo central de cada sistema contém a identidade (o $A = A$) de todos os demais corpos deste sistema, ele é assim ([*lema*] 1) o órgão central do princípio intuitivo, ou a identidade absoluta para este sistema.

¹⁰³Em seu *Sistema do idealismo transcendental*, Schelling descreve a natureza inorgânica nos seguintes termos: “Os produtos mortos e sem-consciência da natureza são apenas tentativas frustradas da natureza de se refletir, ao passo que a assim chamada natureza morta [é] em geral uma inteligência imatura, de modo que em seus fenômenos já se esgueira, ainda sem consciência, o caráter inteligível” (HKA I/9, p. 31).

§ 150. *O organismo desdobra a matéria não apenas em seus acidentes, mas segundo a substância.* Pois ele põe toda a substância da matéria^f enquanto acidente (§ 137).

Ad. Em outras palavras (segundo o § 137), ele força a matéria a virar o interior (enquanto polo) para o exterior. – Ele se aproxima assim ao máximo do ser-aí da matéria.

§ 151. *A organização deve ser pensada como engendrada no singular como no todo.* – Depreende-se do § 140, cf. § 78.

Ad. A organização pode por isso ser considerada, no todo como no singular, como um magneto.

§ 152. *Lema.* Em relação ao todo, a planta (§ 141) representa o polo do carbono; o animal, o do nitrogênio^g. O animal é assim ao sul; a planta, ao norte. Em relação ao singular, este polo é representado pelo sexo masculino; aquele, pelo feminino.

Ad. Os sexos masculino e feminino comportam-se entre si no singular do mesmo como a planta e animal o fazem no universal.

[207]

^f *Adendo:* meramente.

^g *Obs.:* a planta o polo da particularidade, o animal o do universal.

§ 153a¹⁰⁴. *A organização de cada corpo celeste (por exemplo a Terra) é o interior deste mesmo corpo tornado do avesso e é formado por transformação interna (por exemplo, a Terra). – Segue-se do § 150, ad. e do § 151.*

Escólio. As dificuldades que se encontrou até aqui para pensar uma primeira origem das organizações a partir do interior do corpo celeste fundam-se sobretudo sobre o fato de que não se tinha um conceito claro nem de metamorfose nem do estado originário organizado e já dinâmico de cada corpo celeste (§ 148, obs.); por isso, mesmo Kant considera ainda a ideia de que todas as organizações, como por exemplo a da Terra, nasceram de seu próprio âmago [*Schooß*] como uma representação audaciosa e contudo quase frutífera¹⁰⁵. De nossos

(208)

¹⁰⁴Schelling repete duas vezes a notação § 153; para distinguir os dois parágrafos, adotamos o mesmo princípio editorial da HKA: indicar o primeiro por § 153a e o segundo por § 153b.

¹⁰⁵A passagem referida por Schelling encontra-se no § 80 da *Crítica da faculdade de julgar*. No trecho em questão, Kant afirma: “Ora, aqui o *arqueólogo* da natureza deve sentir-se livre de fazer surgir aquela grande família de criaturas daqueles vestígios que persistiram das suas mais antigas revoluções, segundo todo o mecanismo dessa natureza dele conhecido ou presumido (pois se deve representar a natureza desse modo, se se quiser que o chamado parentesco completo e interdependente possua um fundamento). Ele pode deixar que o seio da terra [*den Mutterschoß der Erde*], que saiu precisamente da sua situação caótica (como se fosse um grande animal), procrie inicialmente criaturas com formas pouco conformes a fins, dando estas, por sua vez, lugar a outras que se

princípios, segue-se necessariamente e de modo natural tal ideia. Pedimos àquele que ainda não se familiarizou com ela que primeiro elimine os conceitos falsos que a maioria associa com ela, por exemplo, que a Terra tenha produzido animais e plantas (e que houvesse entre eles uma relação causal efetiva, quando o que há na verdade é uma perfeita relação de identidade; a Terra torna-se ela mesma animal e planta^h, e é justamente essa Terra transformada em animal e planta aquilo que ora observamos nas organizações). Ou, ainda, como se pensássemos que o orgânico se tivesse formado a partir do inorgânico (ao passo que nós não aceitamos de modo algum este [conceito], e pensamos assim sem dúvida a

formaram de uma maneira mais adequada ao respectivo lugar de criação e às suas relações recíprocas; até que esta própria matriz condensada e ossificada tivesse limitado as suas crias a espécies determinadas, não mais degeneradas, e a multiplicidade fique do modo como resultar no fim da operação daquela fecunda força criadora. Não obstante ele de igual modo tem que atribuir para este fim, a esta mãe universal, uma organização conforme a fins relacionada com todas estas criaturas porque doutra maneira a forma final dos produtos dos reinos animal e vegetal não pode de modo nenhum ser pensada segundo a respectiva possibilidade. Mas então não fez mais do que continuar a adiar o princípio de explicação e não pode pretender ter tornado a produção daqueles dois reinos independente da condição das causas finais” (Kant, AA V, pp. 419-420 – tradução citada: Antônio Marques e Valério Rohden).

^h *Obs.*: ou ela já é antes que ela se torne.

organização não como engendrada, mas como presente desde o princípio, ao menos *potentia*). – A matéria inorgânica aparente que está agora diante de nós não é sem dúvida *aquela* da qual animal e planta surgiram, pois ela é antes aquilo da Terra que não se torna animal e planta, ou que não pôde se transformar até o ponto de se tornar orgânica, ela é assim o resíduo da metamorfose orgânica; trata-se, conforme a imagem de Steffens, do esqueleto de todo o mundo orgânico tornado ao avesso¹⁰⁶. Em geral contudo tenha-se em conta que nós não admitimos [208] a representação habitual e dominante da matéria, na medida em que se deve compreender pelo que vimos até aqui que nós afirmamos uma identidade interior de todas as coisas e uma presença potencial de tudo em tudo, [de modo que] mesmo a assim chamada matéria morta é considerada apenas como mundo vegetal e animal

¹⁰⁶ A “imagem de Steffens” encontra-se nas *Beyträge* de 1801, onde o filósofo e naturalista norueguês afirma: “Sem embargo, o todo é ainda sempre um *esqueleto no exterior*. A própria organização – na medida em que ela se dirige para o exterior – é por assim dizer *solidificada*. Mas a atividade individualizante dirige-se necessariamente *para o interior*. Uma individualidade superior fará retroceder mesmo o resíduo. Contudo, se o resíduo da atividade orgânica é um esqueleto *no exterior*, então não se pode encontrar aqui – dado que ela mesma está a serviço da organização – o *limite* da atividade produtiva” (Steffens, H. *Beyträge zur innern Naturgeschichte der Erde*. Freyberg: Craz, 1801, p. 295).

(209) adormecido, o qual, vivificado pelo serⁱ da identidade absoluta, poderia ressuscitar em algum período cujo transcurso ninguém experimentou ainda. A Terra para nós não é nada mais do que o conjunto [*Inbegriff*] ou a totalidade dos próprios animais e plantas, e, se aqueles representam o polo positivo e estas o negativo, [ela é] o mero ponto de indiferença desse magneto orgânico (sendo por conseguinte ela mesma orgânica).

§ 153b. *A natureza orgânica distingue-se da assim chamada inorgânica apenas na medida em que cada nível de desenvolvimento que é designado em uma por uma indiferença única designa-se na outra por uma diferença relativa (a dos sexos).*

Ad. Se a assim chamada matéria inorgânica é diferente no exterior e indiferente no interior (§ 125), o organismo por outro lado é diferente no interior e indiferente no exterior. Não há aqui assim absolutamente nenhuma oposição em si, mas uma mera oposição de inversão.

§ 154. *O nitrogênio é a forma real do ser da identidade absoluta.* – Pois ele é o fator positivo da coesão (§ 95, ad. 4, esc. 5).

Ad. 1. O animal é (§ 152) por excelência vivificado

ⁱ *Correção:* por um olhar.

[*belebt*].

Obs. Encontra-se aqui igualmente o fundamento do calor animal.

[*Ad.*] 2. O sexo masculino (§ citado) é por toda a natureza o vivificante ou produtor. Ao feminino são transferidos os afazeres da planta, a formação pelo processo de coesão mais elevado.

[*Ad.*] 3. A planta só é vivificada pelo sexo, pois apenas pelo sexo ela alcança a exposição da forma real do ser e assim (§ 147) a vivificação; o animal é vivificado independentemente do sexo.

§ 155. *O sexo, que liga a planta ao Sol, prende inversamente o animal à Terra*¹⁰⁷. – Pois a planta, a qual

¹⁰⁷Em suas *Beyträge* de 1801, Steffens comenta essa passagem de Schelling nos seguintes termos: “Um de meus amigos fez a profunda e abrangente observação de que as plantas têm na verdade o seu cérebro na terra, isto é, em baixo, e seus órgãos de reprodução em cima; já os animais, quanto mais perfeitos eles são, mais viram o cérebro para cima e os órgãos de reprodução para baixo. Desse modo são as plantas agora meros *órgãos* da terra, que por assim dizer falam para nós, ao passo que os animais mais perfeitos, sobretudo o ser humano, são *organizações autônomas*, que por sua vez falam para a terra. Eu menciono essa direção da vegetação de baixo para cima (por assim dizer, o progressivo soltar-se do originariamente atado) comparada com a direção da animalização de cima para baixo (por assim dizer, o atar de um originariamente livre [*eines ursprünglich Freyen*]) porque de fato, como nós sabemos, a vegetação corresponde à série do silício e também ao carbono, ao passo que a animalização corresponde

[209] (§ 95, esc. 6) está originariamente em concrecência com a Terra, é, da perspectiva da Terra, ligada à identidade absoluta, e assim ao *Sol* (§149, lema 4), apenas pelo sexo. No animal, por outro lado, o qual está ligado independentemente do sexo (*idem*) à identidade absoluta, e assim ao Sol, o sexo será antes um meio de coesão com a Terra.

(210) § 156. *O polo positivo mais potencializado da Terra é o cérebro dos animais e dentre estes o do ser humano.* Pois dado que a lei da metamorfose vale não apenas em relação ao todo da organização, mas também em relação às [organizações] singulares, e que o animal é o polo positivo (nitrogênio) da metamorfose universal, segue-se que o produto supremo da metamorfose no próprio animal será o mais perfeito, isto é, o polo positivo mais potencializado. Ora, o cérebro é (como se sabe) o produto supremo, e assim por diante. Assim, etc.

Obs. 1. A demonstração dessa proposição não deve certamente ser realizada a partir da análise química, por razões que serão futuramente compreendidas por todos. – A propósito, essa proposição já foi afirmada, ao menos

à série do cálcio e também ao nitrogênio, e nós vemos de fato assim se repetir sempre a mesma oposição (acima determinada) em proporções sempre maiores” (Steffens, H. *Beyträge zur innern Naturgeschichte der Erde*. Freyberg: Craz, 1801, pp. 189-190).

indiretamente, por Steffens (vol. 1 *desta revista*, n. 2, p. 117)¹⁰⁸.

Obs. 2. O esforço da metamorfose no reino animal tende contínua e necessariamente, como se pode facilmente concluir do que precede, à mais pura e mais potencializada apresentação do nitrogênio. – Nos animais formados, isso acontece continuamente pelo processo de assimilação, de respiração, o qual serve apenas para

¹⁰⁸Schelling refere-se à série de recensões feitas por Steffens dos escritos de filosofia da natureza de Schelling na própria *Revista de física especulativa*; na passagem referida, lê-se: “Com o processo animal, o nitrogênio começa a se manifestar, mas o carbono ainda se afirma; o processo de oxidação se manifesta, mas o hidrogênio desempenha ainda um papel significativo. Entretém-se o conflito perpétuo entre hidrogênio e oxigênio. De um lado, (com o aparecimento do carbono) a força de reprodução excedente luta com a irritabilidade dominante; de outro, (com o aparecimento do nitrogênio) a sensibilidade excedente o faz. [...] Nos animais superiores, manifesta-se claramente, ao mesmo tempo que a sensibilidade, o nitrogênio; o próprio processo de oxidação torna-se mais pronunciado – e poder-se-ia dizer que a vida animal superior consiste em um conflito permanente entre o magnetismo positivo e a eletricidade negativa. Mas com essa direção superior tomada pela organização, a qual se vislumbra (no nível inferior) pelo ser-af do nitrogênio no processo químico, adentra-se em uma esfera superior. Aquilo que é princípio positivo da terra é ele mesmo apenas princípio negativo, limitante, da vida. Dado o modo como ele se manifesta, o mundo interior deve exteriorizar-se mais poderosamente, um sentido interior progressivamente [deve] alvorecer até amadurecer na *consciência*” (Steffens, N. “Beschluss der Recension der neuesten naturphilosophischen Schriften des Herausgebers”. In *Zeitschrift für spekulative Physik*, vol. 1, n. 2, pp. 88-121 – pp. 117-118).

eliminar o carbono do sangue; [o mesmo ocorre] mais silenciosamente, e não mais em um processo constante e ininterrupto, como se a natureza tivesse ela mesma por assim dizer alcançado o repouso em si mesma, pelo assim chamado movimento voluntário. – O primeiro animal repousante expõe a Terra recém-saída inteiramente de si mesma; ao passo que com a mais perfeita massa nervosa e encefálica desdobra-se o seu âmago [*ihr Innerstes*] bem como o mais puro que a Terra pode, por assim dizer, oferecer em sacrifício ao Sol.

Ad. 1. O sexo é a raiz dos animais; a flor, o cérebro das plantas.

Obs. O sexo feminino é mais próximo da Terra e, por assim dizer, mais imediatamente aparentado ao sexo vegetal, e apenas por ele há o sexo animal, a saber, o masculino. – Como cada corpo celeste é um indivíduo determinado (§ 149, lema 2), então o caráter de cada um será também mais inclinado para o masculino ou para o feminino ou, ainda, como a Terra, que realiza seu percurso entre Vênus e Marte, unirá ambos em si na mais perfeita indiferença.

Ad. 2. Assim como a planta se conclui na flor, do mesmo modo a Terra se conclui no cérebro do ser humano, que é a flor suprema de toda a metamorfose

[210]

(211)

orgânica.

Ad. 3. Assim como a planta coere com o Sol pela flor (como provam a sede de luz da planta e os movimentos de seus filamentos pela ação da luz¹⁰⁹), do mesmo modo o animal [o faz] pelo cérebro. – Por isso, com a mais perfeita formação do cérebro, também a planta é inteiramente invertida, e é apenas no ser humano que se restabelece a organização.

Ad. 4. A indiferença se encerra para a Terra no animal; para o Sol, na planta.

Ad. 5. Assim como a mais perfeita formação do cérebro se encontra em um polo da metamorfose universal, do mesmo modo, o mais imperfeito desenvolvimento do sexo (criptogamia¹¹⁰) encontra-se na direção oposta. – Facilmente compreensível do que precede.

¹⁰⁹Na carta a Goethe do dia 26 de janeiro de 1801, escreve Schelling: “A assim chamada fome de luz das plantas, bem como as inegáveis curvas e giros na direção da luz, revelam uma verdadeira necessidade das plantas de por assim dizer coerir com o Sol pela luz” (HKA III/2, 1801.01.26-1).

¹¹⁰A respeito da criptogamia, diz Schelling em seu *Primeiro esboço*: “Que os assim chamados vegetais [*Gewächse*] criptogâmicos, como as esponjas, as algas verdes [*Conferven*], as tremelas [(*Tremellen* = um gênero de fungo)] e assim por diante sejam meros portadores de botões, e assim absolutamente assexuados, é antes de mais nada uma mera hipótese que não constitui prova alguma da impossibilidade da divisão de sexos em todas as plantas” (HKA I/7, p. 103).

§ 157. *Na natureza orgânica, o animal é o ferro; a planta, a água.* – Pois aquele começa com a separação relativa (dos sexos); esta termina aí.

Ad. 1. O animal decompõe o ferro; a planta, a água.

[*Ad.*] 2. O sexo feminino e masculino da planta é o carbono e nitrogênio da água (§ 95, esc. 13). Segue-se imediatamente.

§ 158. *Definição.* Chamo o equilíbrio da excitação (§ 145, def. 3) igualmente de equilíbrio quantitativo ou aritmético de A^2 e $A = B$.

§ 159. *Fora do equilíbrio quantitativo de A^2 e $A = B$, há ainda uma outra relação necessária entre ambos.* – Pois a relação quantitativa de ambos determina o organismo em geral (*idem*, def. 2). Ora, o organismo está, no todo bem como no singular, sob a lei da metamorfose (§ 151). Dado que aquela fórmula^j é a única expressão do organismo, é forçoso que, fora da relação quantitativa de ambos os fatores, ainda uma outra [relação] pela qual eles expressam os diferentes níveis da metamorfose tanto no singular como no todo seja possível.

[211]

(212)

Ad. 1. Essa relação entre ambos os fatores não pode ser nenhuma outra que aquela que lhes cabe no que concerne as dimensões da matéria.

^j *Obs.:* a relação quantitativa.

Obs. Na metamorfose, a luz joga por assim dizer com a gravitação. Ora, dado que esta, enquanto determinante da substância, domina a terceira dimensão, segue-se que a metamorfose, tanto no singular como no todo, só alcança o ponto de finalização na medida em que a substância é posta em todas as dimensões como mera forma da existência da identidade absoluta.

Ad. 2. Se então aquela primeira relação, a quantitativa, é a relação de ambos no que concerne o organismo enquanto fundamento da existência da identidade absoluta, então a segunda, igualmente determinada, é a relação de ambos à própria identidade absoluta existente. Aquela poderíamos chamar de relação da excitação; esta, a da metamorfose*.

* Devemos dessa vez contudo interromper aqui a nossa exposição. Tempo e circunstâncias não permitiram que a continuemos de pronto em um próximo número; tampouco o reino do objeto e a necessidade de tratar dos pontos individuais de modo mais detalhado do que nós mesmos gostaríamos autorizaram que o expuséssemos em uma forma ainda mais concentrada. – Surge assim sem dúvida a desvantagem de que aqueles que querem conhecer e julgar este sistema não recebem em mãos de uma só vez os atos completos; para aqueles aos quais o sentimento não lhes diz que já apreenderam o sentido do todo a partir deste fragmento (o que não é impossível), isso será antes uma razão determinante para eles não se apressarem em seu juízo; aqueles, contudo, aos quais o sentimento diz [que apreenderam o sentido do todo] e acho que este será o caso da maior parte dos meus leitores, poderão, na medida em que eles agora anteciparão a minha exposição

com seus pensamentos, me seguir de modo ainda mais preparado, quando eu os conduzir de um nível da natureza orgânica para outro até às manifestações supremas da atividade na mesma, daí para a construção da indiferença absoluta ou até o ponto em que a identidade absoluta é posta sob potências inteiramente idênticas; [assim como] quando eu os convidar então para a construção da série ideal a partir deste ponto, e conduzi-los pelas mesmas três potências positivas (em relação ao fator ideal), assim como eu o fiz pelas três negativas (em relação ao mesmo), para a construção do centro de gravitação [*Schwerpuncts*] absoluto, no qual se encontram como expressões supremas da indiferença a *Verdade* e a *Beleza*.